TRINITAS
Maternidade Ressurreta
EMILY JENSEN
E LAURA WIFLER

Copyright © 2019 by Emily Jensen and Laura Wifler

Publicado originalmente sob o título: *Risen Motherhood*

Published by Harvest House Publishers
Eugene, Oregon 97408.
www.harvesthousepublishers.com

1ª edição 2022
ISBN: 978-65-89129-29-5
Impresso no Brasil

Editor: Mauricio Fonseca
Tradução: Elmer Pires
Revisão e Preparação de Texto: Cesare Turazzi
Capa: Bárbara Lima
Diagramação: Marcos Jundurian
Versão eBook: Tiago Dias

PIRATARIA É PECADO E TAMBÉM UM CRIME
RESPEITE O DIREITO AUTORAL

O uso e a distribuição de livros digitais piratas ou cópias não autorizadas prejudicam o financiamento da produção de novas obras como esta. Respeite o trabalho de ministérios como a Editora Trinitas.

J54m
Jensen, Emily Warburton
Maternidade ressurreta / Emily Jensen e Laura Wifler; [tradução: Elmer Pires].
– São Paulo, SP: Trinitas, 2022.
222 p. ; 23cm
Tradução de: *Risen Motherhood*
Inclui referências bibliográficas.
ISBN 978-65-89129-29-5

1. Mães – Vida religiosa. 2. Maternidade – Aspectos religiosos – Cristianismo.

I. Wifler, Laura. II.Título.

CDD: 248.8431

Catalogação na publicação: Mariana C. de Melo Pedrosa – CRB07/6477

Todos os direitos reservados à:

Editora Trinitas LTDA
São Paulo, SP
www.editoratrinitas.com.br

“A criação de filhos normalmente é a prova cabal de que não temos controle sobre tudo. Laura e Emily nos lembram de que, embora não possamos controlar pessoas ou circunstâncias, podemos, sim, exercer controle sobre nossas perspectivas. Ambas apresentam um fundamento para a maternidade que, além de transcender épocas e culturas, fala às mães de hoje. Sou grata por um livro tão repleto de esperança.”

Jen Wilkin, The Village Church, autora de
Mulheres da Palavra, *Incomparável*, e *Renovadas*

“Emily e Laura são aquelas melhores amigas que eu gostaria de ter tido nos dias difíceis da maternidade, quando minha paciência era escassa, minha impaciência vasta e meu sentido de valor e propósito estava completamente desordenado. Neste livro, ambas entregam uma viva e eficaz sabedoria, permeada pelas Escrituras.”

Nancy Guthrie, autora, professora de Bíblia
e uma mulher que busca incansavelmente
a maternidade ressurreta

“*Maternidade Ressurreta* concede uma sabedoria prática e vigente, ancorada nas verdades bíblicas, que são atemporais. Neste livro, as mães encontram empatia e encorajamento, e são lembradas de que a verdadeira esperança só se encontra na obra transformadora do Evangelho.”

Ruth Chou Simons, autora best-seller
de *GraceLaced* e *Beholding and Becoming:*
The Art of Everyday Worship

“Este maravilhoso livro demonstra enorme compaixão pelas mamães que enfrentam as tensões e os desafios da maternidade, além de fortalecê-las com uma visão clara do seu importantíssimo papel e da esperança de que necessitam para viver o chamado de Deus com ânimo e eficácia. Recomendo muitíssimo a leitura.”

Sally Clarkson, autora best-seller
e apresentadora do podcast *At Home with Sally*

“Caso esteja buscando por dicas e guias pragmáticos, esta leitura não é para você. Mas, caso precise ser revigorada e lembrada de que as necessidades diárias da maternidade são satisfeitas na suficiência da obra que Cristo completou na cruz e em sua graça, então você está com o livro certo. *Maternidade Ressurreta* inspirará você, mulher, a ler mais a Bíblia, confiar no Salvador e alegrar-se — ancorada no Evangelho — nos primeiros anos dos seus filhos.”

Trillia Newbell, autora de
Sacred Endurance, *If God Is For Us*, e
God’s Very Good Idea

“Ler *Maternidade Ressurreta* é como desfrutar de uma longa conversa com aquele tipo de amiga que a faz chorar de rir, traz conforto na tristeza e alimenta a sua alma com palavras de fé e vida. Com sabedoria e inteligência, Emily Jensen e Laura Wifler ajudam as mães a relacionar o enredo da Bíblia com a realidade diária da maternidade. Toda mulher deveria ler este livro, e mal posso esperar para ler na companhia de outras mamães.”

Melissa Kruger, diretora de conteúdo feminino do grupo The Gospel Coalition, e autora de *Walking with God in the Season of Motherhood*

"Em *Maternidade Ressurreta*, Emily e Laura fornecem compreensões práticas e teológicas quanto à natureza do trabalho e da alma de uma mãe. Esta preciosidade de livro explora o modo como Deus usa em seus grandiosos propósitos coisas como mamadeiras e idas ao parquinho com as crianças. Achegue-se, leia, e aprenda — mas não só a balançar o berço, como também a confiar naquele que governa o mundo."

Hannah Anderson, autora de *Humble Roots: How Humility Grounds and Nourishes Your Soul*

"Confesso que não sou exatamente o principal público seja do ministério, seja do livro *Maternidade Ressurreta*. Mesmo assim, costumo ficar de olho em ministérios confiáveis, para que eu possa recomendá-lo. E posso dizer, com prazer, que, desde que comecei a acompanhar o trabalho de Emily e Laura, fui grandemente beneficiado. Melhor ainda, conheço muitas mulheres cristãs que amam ler seu material, ouvir seu podcast e conhecer mais desse ministério. Deixo pública minha gratidão por terem disponibilizado esta obra pelos diversos meios em que ambas servem a Deus e ao seu povo."

Tim Challies, autor best-seller e crítico de livros, cujo blog é bem conhecido

"Sabemos que é fácil ter amigas que se apressam em dar opiniões e conselhos, mas que é rara aquela amizade que a direciona de volta ao Evangelho de Jesus. Ler *Maternidade Ressurreta* é como conversar com uma dessas raras amigas que lhe pregam a verdade — com graça e amor — enquanto você passa pela cansativa jornada de criar filhos numa cultura cheia de opiniões e julgamentos."

Jerrad Lopes, fundador do site DadTires.com e autor de *Dad Tired... and Loving It*

"Como uma mãe cristã deve carregar os fardos da criação de filhos? Pela graça, mediante a fé em seu Salvador, crucificado e ressurreto. O objetivo do ministério *Maternidade Ressurreta* é, com ousadia, proclamar e explicar com clareza o Evangelho de Jesus Cristo, uma vez que não há maior e melhor novidade para as mães do que as Boas-Novas. Minha oração é que, à medida que as mães lerem este livro, suas páginas fortaleçam os corações cansados e levantem os joelhos caídos em adoração ao nosso Senhor."

Gloria Furman, autora de *Vislumbres da Graça*, *Ministério de Mulheres*, e *Sem Tempo para Deus*

"Este livro mais se parece com uma brisa celestial. Não se trata de outro guia ou manual para mulheres, mas de uma explicação das Boas-Novas de que toda mãe necessita."

Quina Aragon, poetisa e autora de *Love Made: A Story of God's Overflowing, Creative Heart*

Dedicamos à comunidade do ministério
Maternidade Ressurreta.
Crescer no Evangelho ao lado de vocês
é uma honra.

Sumário

Agradecimentos

PRIMEIRA PARTE
COMO O EVANGELHO SE RELACIONA COM A MATERNIDADE?

1. Maternidade Ressurreta

2. O que é o Evangelho?

3. O propósito de Deus para a maternidade

SEGUNDA PARTE
A ESPERANÇA DO EVANGELHO PARA OS MOMENTOS DIÁRIOS DA MATERNIDADE

4. O Evangelho e as atitudes do nosso coração

5. O Evangelho e nossas transições

6. O Evangelho e nosso casamento

7. O Evangelho e as coisas da terra

8. O Evangelho e nossas experiências de parto

9. O Evangelho e a imagem que concebemos do nosso corpo pós-parto

10. O Evangelho e nossas escolhas alimentícias

11. O Evangelho e nossos relacionamentos

12. O Evangelho e nossas tradições

13. O Evangelho e a nossa congregação

14. O Evangelho e nosso serviço

15. O Evangelho e os cuidados com a nossa saúde

16. O Evangelho e nossos filhos com diferenças

17. O Evangelho e nossas escolhas educacionais

TERCEIRA PARTE
COMO APRENDO A APLICAR O EVANGELHO À MATERNIDADE?

18. Os primeiros anos do bebê são anos perdidos?

19. Vivendo a Maternidade Ressurreta

Notas

Sobre as autoras

A comunidade do Ministério Maternidade Ressurreta

Agradecimentos

Embora nossos nomes figurem na capa deste livro, o peso de sua autoria teria sido grande demais, não fosse a ajuda de um pequeno batalhão que caminha conosco.

Dedicamos este livro aos nossos maridos, Brad e Mike: os dois fizeram sacrifícios silenciosos que possibilitaram a produção desta obra. Jamais nos esqueceremos do tanto que vocês nos ajudaram, com tanta sinceridade, ânimo, vigor, dando-nos aquela coragem de distanciar-se das demais coisas para escrever. Este livro não existiria sem os dois.

Aos nossos filhos, Lewis, Gabriel, Cal, Jones e Eveline; Eli, Colette e Eden: apesar de qualquer pesar, vocês foram essenciais para a nossa santificação e para cada ensinamento que compartilhamos nas páginas deste livro. Todos são preciosos e amados. Nós os amamos mais do que vocês conseguem imaginar.

Aos nossos pais, sogros e sogras, Henry e Gayla, Dean e Dianne, Scott e Vicki: a ajuda de vocês foi fenomenal. Quando contamos que estávamos escrevendo um livro, vocês creram que conseguiríamos, mesmo quando pensávamos o contrário. Vocês perguntavam se precisávamos de alguma coisa, encorajaram nosso progresso e cuidaram de nossos filhos por horas e mais horas.

Às nossas igrejas, Grand Avenue Baptist Church e Naperville Presbyterian Church: vocês são nossa família espiritual, a quem muito amamos. Em parte, fomos capazes de escrever este livro devido à pregação do Evangelho, ao pastoreio e ao cuidado que recebemos de vocês ao longo de todos esses anos.

À nossa equipe do ministério Maternidade Ressurreta: vocês nos mandaram figurinhas e GIFs engraçadíssimos enquanto escrevíamos este livro, e nunca duvidaram de sua publicação. O suporte de vocês foi incrível. Não esperávamos menos do que isso de irmãs tão preciosas.

Aos que leram os originais e avaliaram nosso texto, Karen Hodge, Abigail Dodds, Eric Schumacher, Jonathan Philgreen, entre tantos outros:

muito obrigada por tanto carinho e conhecimento.

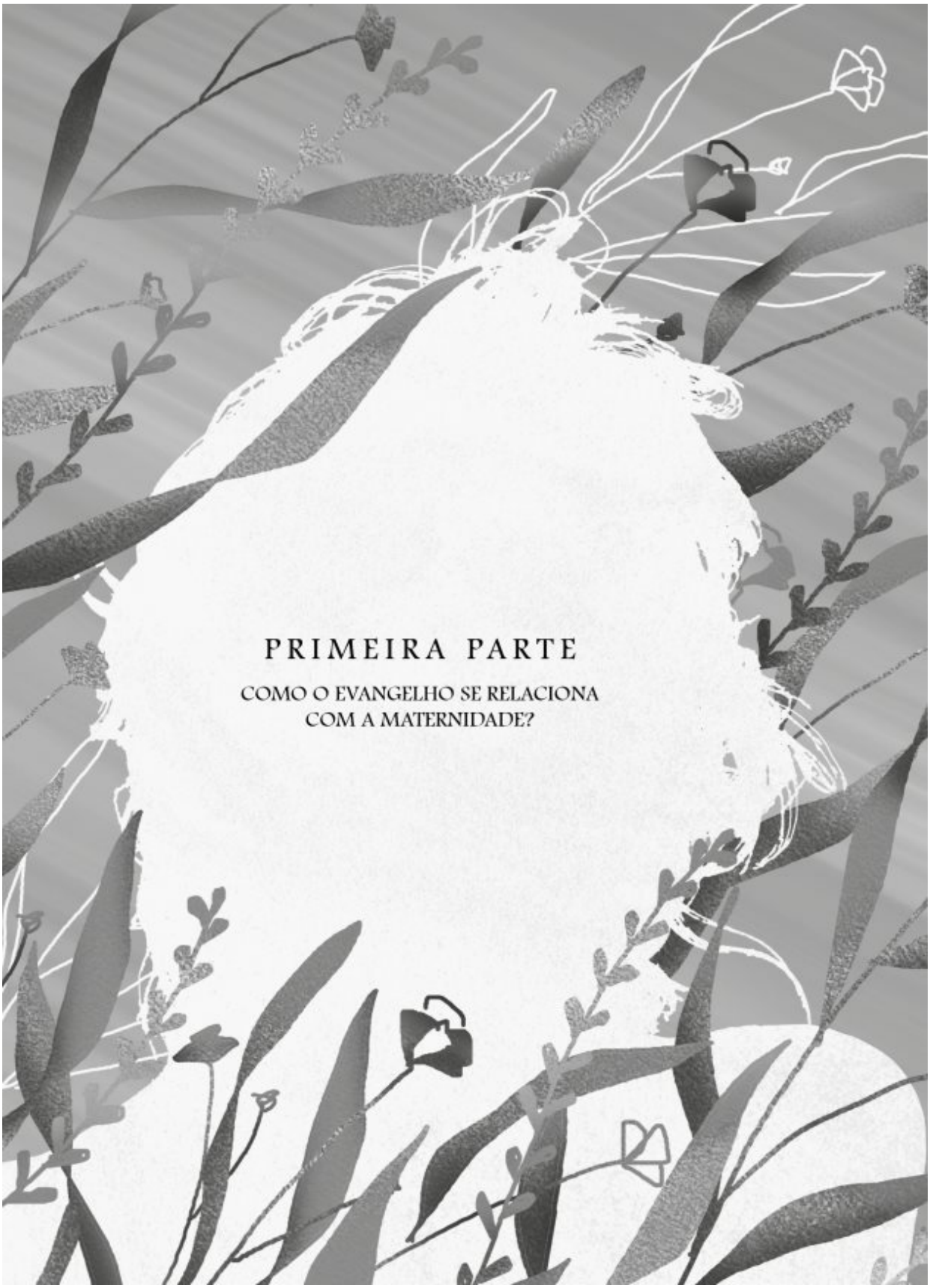
Nossa profunda gratidão ao nosso agente, Andrew Wolgemuth, que nos acompanhou ao longo de todo o trajeto e defendeu nossa causa em muitas frentes e diversas instâncias. Agradecemos também ao nosso editor, Kyle Hatfield, e à Harvest House por terem nos ajudado a proclamar o Evangelho. E a nossa imensa gratidão a todos que nos ajudaram, encorajaram e fortaleceram, mas cujos nomes não apareceram aqui, devido ao curto espaço. Saibam que jamais esqueceremos. Nós vimos a ajuda de cada um. Para nós, vocês foram essenciais.

Por fim, nossa plena gratidão ao Senhor. Foi ele quem, há muito tempo, plantou o amor pelo Evangelho em nosso coração. Foi Deus quem proveu todos os recursos, espaço, tempo, energia mental e muito mais para que pudéssemos escrever este livro, mesmo quando nos sentíamos absolutamente incapazes e exauridas.

Nós engrandecemos o Senhor, e esperamos que esta obra sirva ao seu nome.

A maternidade é árdua.
Num momento, consideramos o nosso
esforço suficientemente bom;
no outro, já nos achamos a pior mãe do mundo.
É por isso que necessitamos tanto que
as verdades do Evangelho
sejam repetidas incontáveis vezes,
a fim de que delas extraiamos esperança
para o dia a dia.

É com muito carinho que desejamos receber suas
impressões, meditações e reflexões.
Compartilhe sua leitura deste livro
nas redes sociais
com as hashtags #maternidaderessurreta
e #risenmotherhoodbook



PRIMEIRA PARTE

COMO O EVANGELHO SE RELACIONA COM A MATERNIDADE?

CAPÍTULO 1

Maternidade Ressurreta

Emily e Laura

A *Maternidade Ressurreta* começou com um “treinamento de penico”. Parece bobo, mas como nós duas ensinamos nossos filhos mais velhos a usar o penico, cansadas das frequentes trocas de roupa e da lenta escalada até o sucesso, precisávamos de alguma esperança tangível.

Visto que, na época, morávamos com uma distância de cinco horas uma da outra, discutíamos nossas experiências por meio de um aplicativo de comunicação por voz via celular, deixando mensagens uma para a outra. Lamentávamos a roupa suja, comemorávamos as pequenas vitórias e compartilhávamos nossas lutas mais profundas.

“Não está dando certo. Estou com raiva — é normal sentir isso?”, uma de nós perguntou.

“Você fica impaciente? Como faço para ter graça quando parece que o meu filho não está fazendo no penico de *propósito*?”, a outra perguntou.

Ambas nos perguntávamos em voz alta: “A Bíblia trata disso? Se Cristo realmente transforma tudo, como ele muda o ‘treinamento de penico’? O que o Evangelho tem a dizer sobre isso?”.

No início, as respostas não eram claras. Começamos trocando dicas práticas, encontrando humor em nossas batalhas diárias. Nós tateamos, mas também cavamos mais fundo, até descobrirmos o tesouro do Evangelho. Discutíamos nossa luta contra o pecado e nos edificávamos mutuamente, uma vez que a obra transformadora de Cristo claramente estava em foco. Somente quando encontramos nossa identidade em Cristo, e não no sucesso de nossos filhos, é que fomos capazes de modelar e exemplificar seu amor para aqueles que simplesmente não conseguiam entendê-lo. (Essas verdades nem sempre soaram tão claras e concisas, é claro, mas a essência estava lá).

Por meio desse processo, nossa maternidade sofreu uma transformação concreta. Nossos filhos não saíram das fraldas do dia para a noite, e ainda trocávamos estratégias, mas o Evangelho se mostrou mais esperançoso do que qualquer artigo on-line, mais útil do que qualquer livro que pudéssemos comprar e mais sustentador do que qualquer solução rápida que compartilhássemos uma com a outra.

Foi um alívio descobrir que, de fato, é verdade: o Evangelho transforma tudo.

Uma solução que nos decepciona

Nós nos tornamos mães de primeira viagem com nove meses de diferença e, embora não percebêssemos na época, ambas entramos na maternidade com grandes expectativas. Já conseguíamos visualizar uma sala de estar toda arrumada, jantares chiques em casa, passeios tranquilos com o carrinho de bebê e crianças obedientes que amassem a Jesus (e suas mamães).

Tínhamos muito que aprender, mas nos sentíamos prontas para o desafio. Enquanto montávamos nossa lista para o chá de bebê — cheia de paninhos fofos, cadeirões, bolsas de fraldas elegantes (embora práticas) e todos os itens de higiene e necessidades básicas — nossos olhos brilhavam e nosso coração se mantinha otimista. Sabíamos que haveria desafios, mas nos sentimos tão preparadas quanto era possível estar. Afinal, estávamos munidas de listas completas do que comprar e ganhar, manuais de maternidade, outras mães que eram amigas nossas e as infindáveis respostas que uma pesquisa no Google podia fornecer.

Hoje, nós duas, com oito filhos no total, tivemos nosso otimismo frustrado pelas pressões da vida cotidiana. Assim como quando percebemos que nossos cueiros previamente selecionados não conseguiam prender os braços dos nossos bebês Houdini no lugar, a maternidade nos deixou com a sensação de inadequação, frustração, e desespero por novas soluções. Corremos em busca de respostas sobre onde, quando e por qual razão nossa maternidade deu errado. Embora tenhamos encontrado algumas dicas úteis e estratégias práticas, os manuais não ofereciam instruções suficientes, nossas amigas que também eram mães faziam coisas que não entendíamos e que não queríamos imitar, e o Google (em todos os seus milhões de

resultados de pesquisa) nem sempre continha as respostas corretas aos nossos questionamentos e dúvidas.

Outras mães em nosso meio também experimentaram um vazio em suas esperanças para com a maternidade. E não foram apenas nossas amigas mães que sofreram disso, mas é uma experiência praticamente universal na maternidade moderna. De acordo com um estudo do Barna Group, 95% das mães dizem que precisam melhorar em pelo menos uma área da vida, 80% dizem que se sentem oprimidas pelo estresse, 70% dizem que não descansam o suficiente e mais de 50% se sentem excessivamente desgastadas e insatisfeitas com o fardo de conciliar trabalho fora e vida doméstica.[1]

Se a maternidade deveria ser tão maravilhosa — uma das maiores bênçãos da vida —, por que nos sentimos estressadas, cansadas, insatisfeitas e excessivamente desgastadas? Se influenciadoras das redes sociais, gurus da maternidade e especialistas em escrever livros têm as respostas, por que precisamos cada vez mais de ajuda?

Por vezes, nossa reação a sentimentos de "insuficiência" na maternidade é afastar nossa culpa, em vez de buscar suas causas. Influenciadoras, autoras e até mesmo nossas próprias amigas e familiares nos dizem que, simplesmente porque somos mães amorosas para nossos filhos, *somos* suficientes. Nossos esforços bem-intencionados (grandes ou pequenos) são tudo de que precisamos. Precisamos parar de nos preocuparmos com a culpa persistente e criar a vida que desejamos.

Mas, no fundo, ainda ficamos com aquela sensação oculta de que estamos errando o alvo e de que não sabemos como lidar com isso. Assim, brincamos e reviramos os olhos diante do comportamento de nossos filhos; publicamos nossas falhas nas redes sociais; mantemos o caos e a bagunça sem nos preocuparmos com limpá-la; provocamos as mães que parecem mais equilibradas ou realizadas. Em caso de dúvida, reservamos mais "tempo para mim" ou damos uma escapada para praticar exercícios, fazer comida, realizar algum trabalho ou mexer nas redes sociais. Abaixamos o padrão até que nossa culpa seja arrefecida.

Se você é como nós, essas táticas não conseguem aliviar totalmente a culpa, o estresse e as pressões cotidianas da maternidade. Em vez disso, estratégias assim nos lançam em uma confusa jornada de tentativa e erro, na

qual nunca encontramos descanso. Conseguimos lidar com as lutas diárias por certo tempo, mas, finalmente, algo tão simples quanto mais um acidente durante o “treinamento de penico” nos leva ao limite. Ficamos atordoadas, desanimadas e desarmadas.

Em geral, a cultura materna e seus desejos naturais querem que você acredite que a alegria e o sucesso são conquistados na batalha entre o leite derramado e o chão da cozinha, entre marcadores ou adesivos e gráficos de progresso, entre conciliar trabalho e vida pessoal, suas atitudes e o comportamento de seu filho. Mas esse não é o ponto. Trata-se de uma batalha muito maior. Uma batalha cósmica. É uma batalha entre o espírito e a carne. Entre o bem e o mal. Entre a vida e a morte.

Trata-se de uma batalha pela sua própria alma.

Por que necessitamos da Maternidade Ressurreta

O mundo quer que você acredite que o problema é que você não consegue *se organizar*, mas a realidade é que você não consegue *se controlar*. Não no sentido de que sua pia parece estar sempre lotada de louça, ou de que você não está indo à academia com a frequência que deveria, ou de que você dispara estratégias de disciplina aleatórias a cada 30 minutos. Não, você não consegue se controlar porque é uma pecadora que necessita de um Salvador.

Em vez de mostrarmos aos nossos filhos a graça que recebemos, construímos paredes de regras e regulamentos para ganhar o favor de Deus. Em vez de servirmos nossos maridos por amor, resmungamos em nosso coração e mantemos um registro de todas as maneiras como eles nos decepcionaram no passado. Em vez de gastarmos tempo com os vizinhos, nos fechamos porque não queremos o inconveniente ou o desconforto de conhecer alguém novo. Em vez de reorientarmos nossos padrões conforme os padrões de Deus, nos comparamos com nossos amigos ou nos concentramos nas últimas notícias. Em vez de depositarmos nossa esperança em Cristo, depositamos nossa esperança em nossos próprios esforços e no conforto do cotidiano — viver em função da hora da soneca, da hora de dormir, de quando o papai chegar em casa, de quando sairmos para o trabalho ou de quando tivermos tempo para desligar o celular.

Em curto prazo, somos facilmente motivadas pela promessa de um pouco de Netflix, de um pote de doce de leite no armário ou da próxima viagem entre amigas. Mas nenhuma dessas coisas dura mais que um momento, tampouco resolve o problema que reside em nosso interior. Não conseguimos projetar alegria na maternidade porque não conseguimos projetar a obediência e o amor que Deus requer de nós. Se desejamos encontrar alegria verdadeira e duradoura em nossa jornada como mães, necessitamos da obra de Jesus Cristo.

Não precisamos da versão mundana da maternidade; precisamos de uma maternidade ressurreta, transformada pela ressurreição de nosso Senhor e Salvador. Nossos fracassos e nossa culpa necessitam do sangue que Cristo derramou. Nosso vazio necessita da plenitude de Jesus. Carecemos do sacrifício do Salvador para que consigamos nos sacrificar pelo nosso próximo até que esse sacrifício nos fira. Nossas feridas precisam ser curadas pelas feridas do Senhor. Necessitamos da expiação realizada por Cristo para que nossos pecados sejam expiados de uma vez por todas. Precisamos da morte de Jesus para recebermos vida.

Compreendendo a Maternidade Ressurreta

Essas coisas parecem boas. Assim, talvez, você esteja balançando a cabeça enquanto ainda se pergunta: “O que isso quer dizer exatamente? Precisamos das feridas de Cristo para que nossas feridas sejam curadas? Como isso vai me ajudar *nesse exato momento*?”.

É justamente a essa pergunta que esperamos responder neste livro. Não queremos dar meros conselhos sobre maternidade. Não voltamos nossos olhos para o passado, com base na sabedoria e experiência de anos. Somos mães olhando para esses problemas com você, traçando uma grande linha desde o sermão da igreja até o nariz escorrendo que precisa ser limpo (de novo).

No restante da Primeira Parte (capítulos 2 e 3), falaremos sobre a história do Evangelho e veremos sua aplicação ao conceito geral de maternidade. Além disso, examinaremos como a narrativa da redenção nos dá uma esperança superior às soluções temporárias que o mundo oferece, pois exige que orientemos nossas vidas em torno da Palavra de Deus.

Na Segunda Parte, abordaremos catorze temas que mães costumam enfrentar, explorando uma aplicação específica do Evangelho para cada assunto, segundo o padrão de Criação, Queda, Redenção e Consumação. Sobretudo aos crentes, essa não é uma repetição vazia, mas um arco da história com o poder de ressuscitar a nossa fé, uma vez que aponta nossos olhos de volta para Cristo. Esse padrão lhe é familiar, se você já segue o ministério da Maternidade Ressurreta.

O propósito de Deus para a maternidade é imutável e universal, mas a vida de cada mãe é única por causa de sua cultura, histórico, experiência de vida, posição social e muito mais. Existem inúmeras maneiras de examinar cada tópico deste livro e aplicar o Evangelho a cada tema tratado, por isso escolhemos apenas um caminho para cada capítulo. Fôssemos cobrir tudo sobre cada tópico, seria necessária uma biblioteca inteira!

Na Terceira Parte, nosso intuito é — fazendo-a crescer em conhecimento bíblico e na instrução do Evangelho — encorajá-la a crescer em seu amor por Deus, mesmo durante os primeiros anos de seus filhos. Nós a muniremos de métodos para aplicar o Evangelho a qualquer situação que você enfrente em sua vida.

A Maternidade Ressurreta é para você

Somos apenas duas mães com diferentes experiências de vida. Ainda estamos aprendendo e crescendo. Às vezes, nossos filhos acordam cedo demais e ficam acordados até tarde. Eles também fazem birra em locais públicos. De vez em quando, nossos filhos vestem quatro camadas de roupas ao mesmo tempo, e gostariam de ganhar doces o dia inteiro. Passamos por batalhas ordinárias, mas também temos o desejo comum de passarmos da comiseração à semelhança de Cristo. Estamos chocadas com o quanto aprendemos em nossos poucos anos de maternidade, confiantes de que aprenderemos ainda mais após a publicação desse livro!

Por meio dessa obra, esperamos que você se sinta encorajada e seja capacitada a ver a Deus e sua própria vida por meio das lentes do Evangelho. Oramos para que este livro suscite discussões com membros de sua igreja ou pessoas de sua comunidade em geral, de modo que você consiga se demorar em tópicos que talvez nunca tenha considerado. Se nós duas conseguimos aprender a enxergar a vida por meio das lentes do

Evangelho entre o café da manhã e a hora do banho, você também consegue. Mas é preciso prática, o que requer intencionalidade, diligência, plantio e admitir que você precisa fazer correções em sua caminhada. Atestaremos, contudo, que Deus é fiel e que ele próprio ajuda a mãe que deseja viver o Evangelho em seu cotidiano.

Este livro é para qualquer mãe que já se perguntou se Deus se preocupa com o fato de ela estar limpando farelos de biscoito do tapete. Essa obra foi escrita para a mãe que sente que chegou ao limite, mas não sabe onde ou a quem pedir ajuda; para a mãe que secretamente teme que seu mundo desabe se ela não tiver jogo de cintura e manter tudo em ordem; esse livro é para a mãe que está sozinha e, por isso, não consegue ouvir o chamado para a vida da igreja de Deus; para a mãe que está sofrendo com a mais intensa dor de coração e clama: “Ó Deus, o Senhor está vendo isso? O Senhor me ouve?”.

Este livro é para todas as mães que se perguntam: “O Evangelho é importante para a maternidade?”.

Oh, amiga, o Evangelho transforma tudo.

Comecemos.

CAPÍTULO 2

O que é o Evangelho?

Emily e Laura

Muitas de nós sentem uma desconexão entre nossa fé nas manhãs de domingo e nossa vida de mãe nas manhãs de segunda-feira. Assim, acabamos nos perguntando como hinos, orações e a leitura da Bíblia se relacionam com o lanche que o seu filho leva para a escola, pijamas e intensas crises de raiva, repletas de lágrimas. De um lado, temos a nossa fé cristã; do outro, temos a vida real. A igreja e a Bíblia parecem desatualizadas: ambas são úteis para domingos e momentos de nostalgia, mas isso é tudo.

Esses dois aspectos da vida, entretanto, são parte de uma história maior, uma batalha cósmica, mesmo quando não conseguimos vê-la. Esse cenário é semelhante a estar lá embaixo lavando a louça em silêncio, ouvindo música ou cantarolando, enquanto, nas escadas, as crianças estão em uma batalha de Nerf atirando em coisas das prateleiras, pulando nas camas e se pendurando nos móveis. Sentimos que o tempo está passando silenciosamente, mas, na realidade, há uma guerra épica sendo travada um andar acima. O som de móveis balançando e das vigas do teto tremendo e rangendo nos fazem olhar para cima com espanto.

Entre trocas de fraldas, troca de babás e pagamento de contas, admitimos que é difícil de entender essa realidade cósmica. E é por isso que fica tão fácil colocar fé e vida cotidiana em caixinhas separadas. Porém, nossa fé e nossa vida devem, de fato, estar entrelaçadas, ser inseparáveis. Como massinha no tapete, é impossível dizer onde uma termina e a outra começa. Mas para conseguirmos essa união, precisamos entender a história de que fazemos parte e o papel que nela devemos desempenhar. Nosso dever é conhecer a ambos, a história e o nosso papel nela, do começo ao fim.

Essa história é conhecida como Evangelho. O Evangelho é a boa notícia de que Deus enviou seu Filho, Jesus Cristo, para salvar pecadores com seu sacrifício, abrindo o caminho para que eles tivessem acesso à vida eterna com Deus. Essa é a versão resumida, mas há muito mais para conhecer e entender.

Talvez você enxergue a mensagem do Evangelho de diferentes perspectivas, a depender do seu contexto de vida. É possível que você já tenha ouvido sua história tantas vezes que seus olhos chegam a revirar. Ou, quem sabe, você o vê como uma mensagem que pecadores devem ouvir uma vez na vida — uma passagem de entrada para o céu. Talvez você resista à mensagem, acreditando que suas ideias fazem uma lavagem cerebral com uma religiosidade ultraconservadora, cujo resultado é a perda de alegria com a vida real. Talvez você recue, pensando que, antes de receber uma notícia tão boa, precisa vestir suas melhores roupas e libertar sua vida de tudo que é indesejável. Talvez você seja novo na fé e o Evangelho lhe pareça tão inédito e emocionante que não consegue se cansar dele. Ou talvez você seja como nós: a história do Evangelho tem sido uma amiga fiel ao seu lado por muitos anos, enquanto você crescia em amor por ela.

O Evangelho pode parecer diferentes coisas para pessoas diferentes, mas a verdade é sempre a mesma: um lindo conto de amor, redenção, alegria e esperança. O Evangelho é o maior tema, o principal assunto das Escrituras — simples o suficiente para os ouvidos de uma criança e profundo o bastante para uma vida inteira de pesquisas acadêmicas.2 Compreender o Evangelho em suas partes básicas é a chave para a vida cristã, tanto para a salvação (libertação da condenação do pecado a fim de receber a vida eterna com Deus) quanto para a santificação (uma palavra bonita que significa ter um coração mais semelhante ao de Jesus e tornar-se mais parecida com ele, embora já estejamos salvas da condenação do pecado). É a chave para deixar de fazer separação entre fé e vida diária em duas caixinhas separadas e entrelaçá-las em uma grande expressão de adoração. Essa história é mais que relevante para sua vida cotidiana. Na verdade, sua vida *depende* do Evangelho.

Você provavelmente já ouviu essa história antes, mas resista à tentação de pular as próximas páginas. Todas nós precisamos ouvir inúmeras vezes a revigorante verdade do Evangelho. Ela é a base para tudo o que

estudaremos neste livro e tudo o que Deus fará em nossas vidas por meio de Jesus Cristo.

A história do Evangelho

Criação

Antes que as estrelas, o sol, a lua e a terra fossem criados, Deus estava presente. Ele é três pessoas em um Deus: o Pai, o Filho e o Espírito Santo. Tal qual um transbordar dessa união boa e amorosa, Deus criou os céus, a terra e tudo que neles há. Ele criou as primeiras pessoas (Adão e Eva) à sua imagem e as colocou no belo Jardim do Éden, onde caminhou e teve um relacionamento de amor com elas. O Deus Triúno declarou que tudo o que ele havia feito era "muito bom" (Gn 1.31).

Adão e Eva foram criados homem e mulher, com um propósito unificado na terra, enquanto desfrutavam, amavam e adoravam a Deus: o de serem fecundos e de se multiplicarem e reinarem nesse mundo (Gn 1.28). Parece fácil, certo?

Queda

Antes que qualquer um de nossos filhos pegasse um brinquedo de seu irmão e o jogasse no chão, o primeiro pecado já existia. Deus tinha um adversário, como um vilão nas histórias de ninar que lemos para nossos filhos, mas esse vilão não é imaginário. Ele é um anjo caído chamado Satanás, cuja missão é usurpar a Deus e roubar sua glória. Começa a batalha cósmica.

Embora Deus tivesse dado a Adão e Eva tudo de bom para comer no jardim, havia uma árvore proibida — a árvore do conhecimento do bem e do mal. Eles não podiam comer da árvore porque, se o fizessem, morreriam. Mas, graças a Satanás, que entrou em cena como uma serpente astuta, o homem e a mulher começaram a questionar a instrução de Deus.

Satanás, mestre em trocar a verdade de Deus por mentiras, tentou Adão e Eva com a árvore proibida (Gn 3.1–4). Cheios de desejo egoísta e consumidos pela ideia de que essa única coisa poderia torná-los mais satisfeitos, Adão e Eva comeram do fruto. Sua desobediência teve consequências devastadoras para toda a criação, levando à morte, dor, destruição e sofrimento.

A humanidade passou a ter um problema sério. Eles foram separados de Deus. Então banidos do jardim, em um relacionamento rompido com Deus, Adão e Eva foram enviados para o oriente: agora ambos tinham uma maldição que pairava sobre suas cabeças, um laço de morte sobre eles e toda a criação. O pecado de Adão e Eva infectou toda a descendência humana, e nós estamos incluídas.

Redenção

Mas Deus não os expulsou do jardim sem prometer seu resgate. Adão e Eva mereciam cair mortos ali mesmo, mas Deus ofereceu a graciosa e imerecida esperança de um Prometido que um dia esmagaria a serpente. Milhares de anos depois, Jesus, o Filho de Deus, veio a esse mundo como um bebê que cresceu até a idade adulta, vivendo uma vida perfeita para que pudesse ser o sacrifício perfeito. Jesus foi acusado e julgado injustamente, o que resultou em uma sentença de morte que ele humildemente aceitou. Na cruz, Cristo suportou intencionalmente torturas imerecidas, vergonha e morte no lugar de pecadores. Sua morte, porém, não marcou o fim dessa história.

No terceiro dia, as primícias da vida redentora seguiram a derrota da morte. Jesus fez o que ninguém acreditava ser possível — ele ressuscitou do túmulo como um herói conquistador! Cristo proveu a libertação da maldição do pecado, maldição esta que invade nossos corações, e deu àqueles que nele creem vida eterna e abundante. Ainda morremos a morte física, mas os crentes viverão espiritualmente na presença de Deus até que Jesus volte para ressuscitar seus corpos físicos e criar um novo mundo. Até que esse dia chegue, Jesus selou seu povo com o Espírito Santo, que passa a viver em todos os que confessam crer nessa história de redenção, ajudando-os a perseverar até a volta de Cristo.

Consumação

Um dia Jesus voltará. Nesse dia, ele ressuscitará os que morreram nele, trará os crentes vivos para si mesmo e os transformará para serem como ele. Deus fará todas as coisas novas na terra e dirigirá o julgamento final. O Éden tinha potencial para perfeição, mas a nova terra *será perfeita*. Satanás, o inimigo, será derrotado de uma vez por todas. Quando for lançado no lago de fogo, ele nunca mais será capaz de nos tentar com suas mentiras e

promessas contaminadas por falsidade. Aqueles que tiverem acreditado nas respostas do mundo, esperado em si mesmos e se recusado a se curvar a Cristo como Senhor, serão condenados eternamente. Naquele dia, os seguidores de Cristo reinarão com ele e habitarão com Deus. Nunca mais teremos de lutar contra um coração distraído, nem contra frieza espiritual, nem contra um culto desordenado. No dia em que as trevas serão finalmente derrotadas, viveremos para sempre com o Rei das luzes em alegria, paz e intimidade — mais vivos do que jamais estivemos.

Já, mas ainda não

Muitos anos se passaram desde o primeiro pecado, mas as mães ainda suportam a vida sob maldição. Estamos acostumadas a batalhas de todo tipo — batalhas com crianças suadas que não querem voltar para o carro, batalhas com outras mães sobre quais são os lanches certos para alimentar nossos filhos, batalhas com infindáveis pilhas de roupas, batalhas com as contas mensais. Além disso, também lutamos contra coisas mais profundas e difíceis — o útero vazio, a raiva em nossos corações que parece impossível de ser controlada, o casamento amargurado, o espírito egoísta, a conta bancária vazia e o filho desobediente. Nós nos sentimos presas em um mundo muito parecido com Nárnia sob o governo da Feiticeira Branca — "É sempre inverno, mas nunca Natal".3

Assim como a mãe lavando a louça em paz e sossego, sem perceber o tiroteio de Nerf no andar de cima, vemos a lâmpada estremecer e sentimos que algo está errado. Os ecos de preocupação mexem com nossa alma, levando-nos a questionar nossa realidade. Satanás, porém, faz todo esforço para nos distrair, ocultar a verdadeira batalha e nos desviar do curso. Somos enganadas ao pensar que podemos descobrir como nos salvar... ou, talvez, tornando as coisas um pouco mais confortáveis por certo tempo, meramente sobreviver. Assim, ajustamos nossas rotinas, corrigimos nosso comportamento exterior ou encontramos uma muleta com que nos apoiar, mas nada perdura.

Eis onde o Evangelho encontra a vida diária.

No presente momento, vivemos entre a Redenção e a Consumação. Isso é o que se quer dizer por "viver no já, mas ainda não". Cristo já derrotou o inimigo, que é Satanás, mas ainda não vimos todo o plano de Redenção se

concretizar. O pecado permanece em nossos corações e no mundo, mas também há uma nova vida, crescimento, mudança e bons frutos. Se voltarmos nossos olhos para Cristo e crermos no Evangelho, não teremos de continuar lutando ou tentando entorpecer a dor da culpa do pecado. Podemos descansar porque Cristo é nosso campeão, e ele está sentado ao lado de Deus.

Se você confia em Cristo, o poder que a ressuscitou dos mortos é o mesmo poder em sua vida diária. O Espírito Santo fornece aquilo de que você precisa para ser paciente, amorosa, longânima, fiel e gentil para com seu marido, para com seus filhos e outras pessoas ao seu redor. O Espírito a capacita a enxergar que a maternidade não é composta de meros dias longos e um esforço tedioso, mas de um milhão de pequenos momentos de adoração e louvor. Tudo na vida é crescer à semelhança de Cristo, pregar o amor de Deus e ver o reino de Cristo estabelecido neste mundo.

A maternidade é um processo vagaroso, humilde e difícil, mas devemos viver esse propósito em nosso cotidiano. Mesmo quando a maternidade parece oca e vazia, quando o trabalho parece banal e tedioso, lembremo-nos, contudo, de que fazemos parte de uma história maior. O que precisamos fazer é filtrar nosso mundo por meio das lentes adequadas. Temos de perceber o teto tremendo sob o combate de armas de Nerf, largar o pano de prato, subir as escadas correndo e entrar na verdadeira batalha.

A aplicação do Evangelho à vida diária

Agora que conhecemos a história do Evangelho (e nela cremos), como podemos aplicá-lo à nossa própria vida? Por que a vida eterna é tão importante, mesmo quando seus filhos rejeitam a refeição que você passou o dia todo planejando e preparando? Por que o céu importa tanto, mesmo quando você planeja trabalhar fora depois de ter um bebê? Qual é o sentido da promessa de uma nova vida quando seu porão inunda e você precisa insistir com a seguradora para que ela cubra os gastos?

Nós a entendemos. Por vezes, o conceito dessa história permanece desconectado das demandas desses momentos. Foram esses questionamentos que deram origem ao ministério da Maternidade Ressurreta (e a este livro).

No restante dessa obra, aplicaremos a história do Evangelho a muitas áreas da maternidade, e faremos essa aplicação examinando as quatro principais partes dessa história, fazendo perguntas essenciais sobre cada uma delas. A seguir, um breve exemplo do processo de pensamento geral e as perguntas que surgiram enquanto escrevíamos cada capítulo. Essa estrutura pode ser útil enquanto você aprende a aplicar o Evangelho a situações particulares, e a veremos com mais detalhes no final deste livro.

Criação

Ver o aspecto da criação pelo Evangelho nos lembra de que Deus é o personagem principal, e ele projetou tudo com um propósito que visou o nosso bem e a sua própria glória. Toda a nossa satisfação e propósito provêm do Senhor, e nossas vidas devem ser vividas como um culto a Deus.

Quando considerarmos uma questão relacionada à maternidade por meio das lentes da criação, faremos perguntas como estas: qual era a intenção original de Deus para a maternidade? Como ela seria sem pecado e sem a queda? Como a maternidade reflete a beleza do ser de Deus?

Queda

Esse aspecto do Evangelho nos lembra de que herdamos uma natureza pecaminosa por meio de Adão e que toda a criação foi corrompida. A vida deixou de ser ordenada segundo o bom desígnio de Deus, mas, ao invés disso, é dolorosa e tortuosa. Por causa da graça comum de Deus na criação, ainda há coisas boas para vermos e desfrutarmos, mas a Queda tem implicações em nossa vida diária.

Quando considerarmos o impacto da queda sobre questões referentes à maternidade, faremos perguntas como estas: como o pecado e a iniquidade nessa situação ou área divergem do desígnio de Deus? Como esses problemas nos impedem de viver de acordo com o bom plano de Deus? Como o pecado se infiltrou em meus pensamentos, palavras ou ações?

Redenção

O aspecto redentivo do Evangelho nos lembra de que Deus criou uma forma de resolver o problema do pecado e da morte: abrindo um caminho de volta a si mesmo, o Senhor deu vida ao ser humano, pelo bem das

pessoas e para a sua própria glória. Essa dádiva de Deus foi transmitida mediante a vida perfeita e o sacrifício expiatório de seu Filho, Jesus Cristo, que venceu a morte ao ressuscitar dos mortos e, passado certo tempo, ascendeu ao céu. O Senhor enviou um Consolador, o Espírito Santo, para selar seus seguidores e ajudá-los até que ele mesmo retorne. Nesse ínterim, recebemos a missão de amar a Deus, amar o próximo e fazer discípulos de todas as nações.

Quando considerarmos como a redenção impacta questões referentes à maternidade, faremos perguntas como estas: do que eu preciso me arrepender nessa situação? Como minha liberdade do pecado me capacita a obedecer a Deus e a me manter fiel aos propósitos originais do Senhor? Como posso administrar essa situação ou relacionamento de uma forma que honre a Deus e seja um meio de evangelismo ou discipulado?

Consumação

A consumação do reino de Deus nos lembra de olhar para frente. Lamentamos agora, mas temos a esperança em um futuro sem lágrimas (1Ts 4.13). Jesus voltará para o julgamento final e, naquele dia, Deus fará novas todas as coisas. Em uma nova terra, os crentes viverão com o Senhor para sempre, onde tudo e todos irão adorá-lo e viver de acordo com o propósito divino para a eternidade. Aqueles que, nesta vida, não tiverem confiado em seu Filho como o seu pagamento pelo pecado sofrerão o castigo eterno e a separação eterna de Deus.

Quando considerarmos de que forma a consumação impacta questões referentes à maternidade, faremos perguntas como estas: como a garantia da esperança futura muda minha perspectiva e a maneira como tenho esperança agora, no presente? O que tenho a perder nesta vida? Em que ou em quem posso ancorar minha alegria em meio às circunstâncias em constante mudança?

O Evangelho é infinitamente belo e complexo; portanto, há várias maneiras de considerá-lo, fazer perguntas a respeito dele e aplicá-lo à vida diária. Esperamos que, ao fazer essas perguntas conosco neste livro, você comece a ver como esse poder transforma tudo o que fazemos na maternidade e encontre inúmeras conexões entre sua fé e a vida cotidiana.

Comecemos entendendo como o Evangelho transforma o conceito geral de maternidade.

Questões para revisão

1. Como sua experiência contribuiu para seus sentimentos quanto ao Evangelho ou sua compreensão dele?
2. Você creu nas Boas-Novas e depositou sua fé na morte e ressurreição de Cristo? Se sim, que esperança você tem hoje e para todo o sempre?
3. Com que questões da maternidade você tem lutado? Considerando o que você aprendeu sobre o Evangelho, descreva o verdadeiro campo de batalha e o real inimigo.

CAPÍTULO 3

O propósito de Deus para a maternidade

Emily e Laura

Quando estamos prestes a dar à luz pela primeira vez ou adotar uma criança, naturalmente colhemos informações acerca da maternidade. Refletimos sobre nossas próprias mães e avós. Procuramos histórias sobre como nossas sogras faziam coisas quando nossos maridos eram pequenos. Pesquisamos na internet, pedimos conselhos a amigas mais experientes, participamos de encontros de mães em nossa comunidade, fazemos parte de conversas de mães em fóruns on-line e acompanhamos as redes sociais. Ouvimos nossos próprios instintos e definimos nossos padrões pessoais sobre o que significa ser uma boa mãe. A partir de tudo isso, moldamos nossos próprios paradigmas de maternidade e tiramos nossas próprias conclusões sobre o papel e o propósito da maternidade.

Certamente, podemos aprender algumas coisas úteis com outras pessoas, mas a Palavra de Deus explica o propósito definitivo da maternidade, e compreender seu caráter e propósito deve moldar nossa compreensão daquilo que significa ser mãe.

O propósito de Deus para a maternidade

O homem foi criado primeiro, e então a mulher foi criada a partir dele a fim de ser sua auxiliadora (Gn 2.18–22). Eva não era uma auxiliadora no sentido de ser menos valiosa do que Adão; pelo contrário, *ele precisava de ajuda* — não era bom para ele estar só (Gn 2.18). Sozinho, ele perdia um elemento em sua capacidade de seguir as instruções de Deus. Não haveria um bom trabalho nem gerações futuras sem a mulher. Eva seria uma portadora da imagem de Deus; de igual valor, embora complementar, como mulher ela refletia a imagem de Deus de uma forma diferente da de Adão.

No idioma original, o nome de Eva soa como “vida”. O relato de Gênesis declara: “E deu o homem o nome de Eva a sua mulher, por ser a mãe de todos os seres humanos” (Gn 3.20). E bem aqui, no capítulo 3 da Bíblia, encontramos o conceito de maternidade.

A palavra “mãe” possui múltiplas camadas de significado. Eva tinha potencial para ser uma mãe biológica, mas também representava um propósito espiritual com o qual todas as mulheres podem se relacionar: investir e nutrir a família de Deus como doadoras de vida.4 No contexto de toda a Bíblia, as mães espirituais desempenham papéis essenciais na história da redenção. Nós as vemos transmitindo as promessas de Deus às gerações futuras, protegendo com ousadia a linhagem do povo de Deus, treinando e discipulando pessoas ao seu redor, anunciando as Boas-Novas e muito mais.

Pensando nesse livro, vamos nos concentrar sobretudo no projeto e no propósito de Deus para as mães no sentido biológico ou adotivo, visto que você possivelmente está lendo este livro por se sentir curiosa sobre sua responsabilidade e missão como mãe com filhos sob seus cuidados. Embora ambas as perspectivas tenham alguns propósitos sobrepostos, analisaremos a citada estrutura daqui para frente.

O projeto físico de Deus para Eva nos comunica algo sobre seu propósito para a maternidade. Eva tinha um útero: ambiente perfeito para desenvolver um filho até que o bebê viesse ao mundo. Após o nascimento, Eva podia alimentar o bebê com um coquetel perfeito de nutrientes, encontrado em seu leite materno. O bebê era alimentado por seu seio, tinha contato pele com pele e experimentava o amor físico necessário de poucas em poucas horas durante os primeiros anos de vida. Visto que encher a terra fazia parte das instruções de Deus para Adão e Eva, esse padrão provavelmente se repetiria muitas vezes. Ter e criar filhos impactava seu ritmo de trabalho e a forma como seus dias eram organizados e preenchidos.

Também existe um desígnio espiritual para a maternidade. No restante das Escrituras, vemos que as mães são essenciais para a educação espiritual e a formação do caráter de seus filhos. Juntos, mães e pais têm o dever de ensinar aos seus filhos a história da redenção diante dos atributos e da lei de Deus. Os pais devem preparar seus filhos em sabedoria (saber discernir o

certo do errado) e disciplina, alicerçados na fé e no amor com domínio próprio. Tudo isso é feito com a esperança de ver seus filhos andarem em retidão. Inúmeros livros estão disponíveis sobre os prós e contras e sobre como fazer isso ou aquilo, mas, no geral, uma mãe deve ser um modelo de amor, instrução e disciplina de Deus para seus filhos.

Essa realidade atinge o cerne da maternidade: o desígnio de Deus, tanto físico quanto espiritual, reflete o coração do maior Doador de Vida ao mundo. Ele é o Criador supremo da vida, o supremo nutridor e provedor; compassivo e gentil, é Deus quem supre nossas necessidades quando — como nossos próprios bebês — a única coisa que conseguimos fazer é chorar por ajuda. O amor de Deus por seu povo é comparado à compaixão feroz e protetora de uma mãe que amamenta seu próprio filho indefeso (Is 49.15). É assim que o Senhor cuida de nós! Assim como uma mãe manifesta misericórdia ao seu bebê indefeso, Deus demonstra misericórdia para com pessoas indefesas. Deus também nos ensina, nos prepara e nos disciplina amorosamente como suas filhas, tornando-nos mais semelhantes a Jesus.

O que todo esse desígnio para a maternidade faz por nós, mães, enquanto passamos por lutas e dificuldades? Primeiro, ele transforma a sede que o nosso coração tem de encontrar satisfação no "desempenho materno" em um desejo de satisfazer-se em Deus, o verdadeiro Doador de Vida e Consolador. Em segundo lugar, esse desígnio não permite que simplesmente abaixemos o padrão de Deus ou passemos superficialmente por seus mandamentos. Em vez disso, esse arranjo nos obriga a entender por que lutamos e onde encontramos esperança, convidando-nos a continuar caminhando pela narrativa do Evangelho, até que enxerguemos as Boas-Novas de Deus para mães feridas.

Por que não conseguimos alcançar o propósito de Deus?

Eva, a mulher criada para ser a mãe da vida, anuncia a morte da humanidade quando desobedece a Deus no jardim. A maldição atinge a tudo e a todos. Vivemos em circunstâncias pecaminosas e contaminadas pelo pecado devido a coisas ou realidades dentro e fora do nosso controle.

Fisicamente, o útero que esperamos preencher pode não ser capaz de conter um bebê. Se isso acontecer, essa criança pode nascer com várias

complicações de saúde. O parto representa um momento perigoso para a mãe e para o bebê, repleto de dor, sangue, desafios e gemidos. Trata-se de um evento de que as mulheres têm medo — um temor de dar à luz (Gn 3.16). Uma mãe nem sempre será casada. Uma mãe nem sempre será capaz de amamentar. Uma mãe nem sempre será capaz de sustentar seu filho. Uma mãe pode viver sob condições que a impossibilitem de exercer o cuidado e a criação que Deus planejou para os seus filhos.

A Queda também afeta a maternidade de formas espirituais. Por causa do pecado, Eva deixou um legado de morte espiritual, o que é contrário ao cumprimento do mandato que Deus lhes deu diante da criação: expandir seu reino neste mundo. Em todas as áreas, trocamos a adoração ao Criador pela adoração prestada às criaturas (Rm 1.25). Adoramos até mesmo nossa capacidade de sermos boas mães. O pecado e suas dores no coração fazem com que a mulher queira se afastar de Deus em desespero, em vez de voltar-se ao Senhor com alegria.

Os filhos desobedecem aos pais. Gerações cometem os mesmos pecados de seus antepassados. As pessoas invejam, roubam, assassinam e pervertem as relações humanas em todos os sentidos. A mão de uma mãe e de um pai pode trazer abuso e ódio, em vez de amor, preparo e nutrição.

Nossos corações são constantemente perturbados por correntes ocultas de culpa e vergonha. Tememos nunca estar à altura, então nos avaliamos pela vida de outras pessoas, seja no âmbito virtual, seja em interações reais. A maternidade não significa apenas sorrisos e noites sem dormir, mas também lançar olhares para a bolsa de bebê de uma amiga que também é mãe e perceber que ela tem mamadeiras de vidro, enquanto você só tem de plástico. Mesmo a menor diferença nos torna inseguras, defensivas e críticas.

Eis uma habitação que afasta a vida.

Há esperança?

Como mães que vivem com corações cheios de pecado em um mundo caído, lutamos e labutamos, mas, em Cristo, não somos deixadas sem esperança. Deus vence a maldição do pecado dando ao ser humano outra maneira de experimentar o nascimento — não por meio de um útero físico, mas mediante o Espírito Santo (Jo 3.3; 1Pe 1.22–23). Enquanto uma mãe dá

à luz em meio a gemidos físicos, suor e lágrimas, após sua bolsa ter estourado e seu sangue ter sido derramado, Jesus abriu caminho para dar-nos vida mediante seu sofrimento físico, seu suor e suas lágrimas no jardim, por meio da água que verteu do seu corpo quando perfurado e do seu sangue puro e perfeito derramado por nós na cruz. A história do Cristo crucificado é a melhor história de nascimento já contada, com elementos paralelos à imagem do evangelho em cada sala de parto e de pré-parto.

Mas Jesus não dá à luz bebês — ele liberta cativos (Lc 4.18).

Por meio de sua morte e ressurreição, Cristo cumpriu perfeitamente tudo o que se espera de nós como mães. Ele é, por assim dizer, a "melhor e mais verdadeira mãe", e envia um Consolador para nos tornar mais parecidas com ele. Se estamos em Cristo, o desígnio de Deus é uma realidade que nossa nova natureza deseja viver, pois nosso Pai é bondoso, e a obediência que lhe prestamos nos dá alegria.

Até que Cristo volte, as mães têm a missão de transmitir vida e serem frutíferas por meio da Grande Comissão, pelo poder do Espírito (Mt 22.36–40, 28.16–20). Nossa maternidade deve levar nossos maridos, filhos, igrejas e comunidades a conhecer e amar o mesmo Evangelho que amamos. Devemos fazer o melhor uso do tempo de que dispomos, alinhando nossas vidas ao desígnio que Deus estabelece em sua Palavra.

O nascimento final está por vir

As lutas que enfrentamos hoje não são eternas. Se somos encontradas em Cristo, todos os nossos atos silenciosos de obediência são vistos, recompensados e louvados para a glória de Deus, e todos os nossos pecados já foram pagos pelo sangue de Cristo. Aqueles que não confiarem no sacrifício de Jesus serão cobrados de sua dívida, cujo pagamento será o castigo eterno. Mas haverá ainda outra história de nascimento quando Deus tornar todas as coisas novas para todo o sempre, onde viveremos eternamente com ele e para ele e por meio dele.

O nascimento final nos lembra de que esta vida não é tudo que existe. Sim, o que acontece durante os dias e anos nesse mundo é importante, mas toda essa realidade um dia culminará em algo muito maior do que aquilo que conseguimos enxergar hoje. Nossos dias sob o sol estão nos refinando, nos podando, nos fazendo crescer e nos amadurecendo a fim de nos

tornarmos mais semelhantes a Cristo; todo esse processo está nos concedendo um peso futuro de glória, que se mostrará quando Deus der à luz sua nova criação, a realidade final, repleta de vida em abundância. Essa história de nascimento é a única que libertará sua alma das garras do medo, da luta e do fracasso como mãe. Se você acredita nessa verdade e a compreende, ela muda todo o seu padrão como mãe. Essa verdade faz com que você entregue o seu coração, cativo, aos braços de um amoroso Salvador.

A Maternidade Ressurreta na vida diária de uma mãe

Com o desígnio de Deus para a vida e a piedade em mente, podemos considerar vários aspectos da maternidade à luz do Evangelho, análise que faremos na próxima parte do livro. Usando o padrão de Criação, Queda, Redenção e Consumação que vimos no último capítulo, aplicaremos o Evangelho a tudo, desde louça suja a devocionais e dificuldades do cotidiano. Lembre-se de que a personalidade de cada mãe, as lutas contra o pecado e as circunstâncias são únicas, e há infinitas maneiras de olhar para cada tópico e aplicar o Evangelho a cada tema tratado. Para os propósitos desse livro, escolhemos apenas um ângulo ou perspectiva comum.

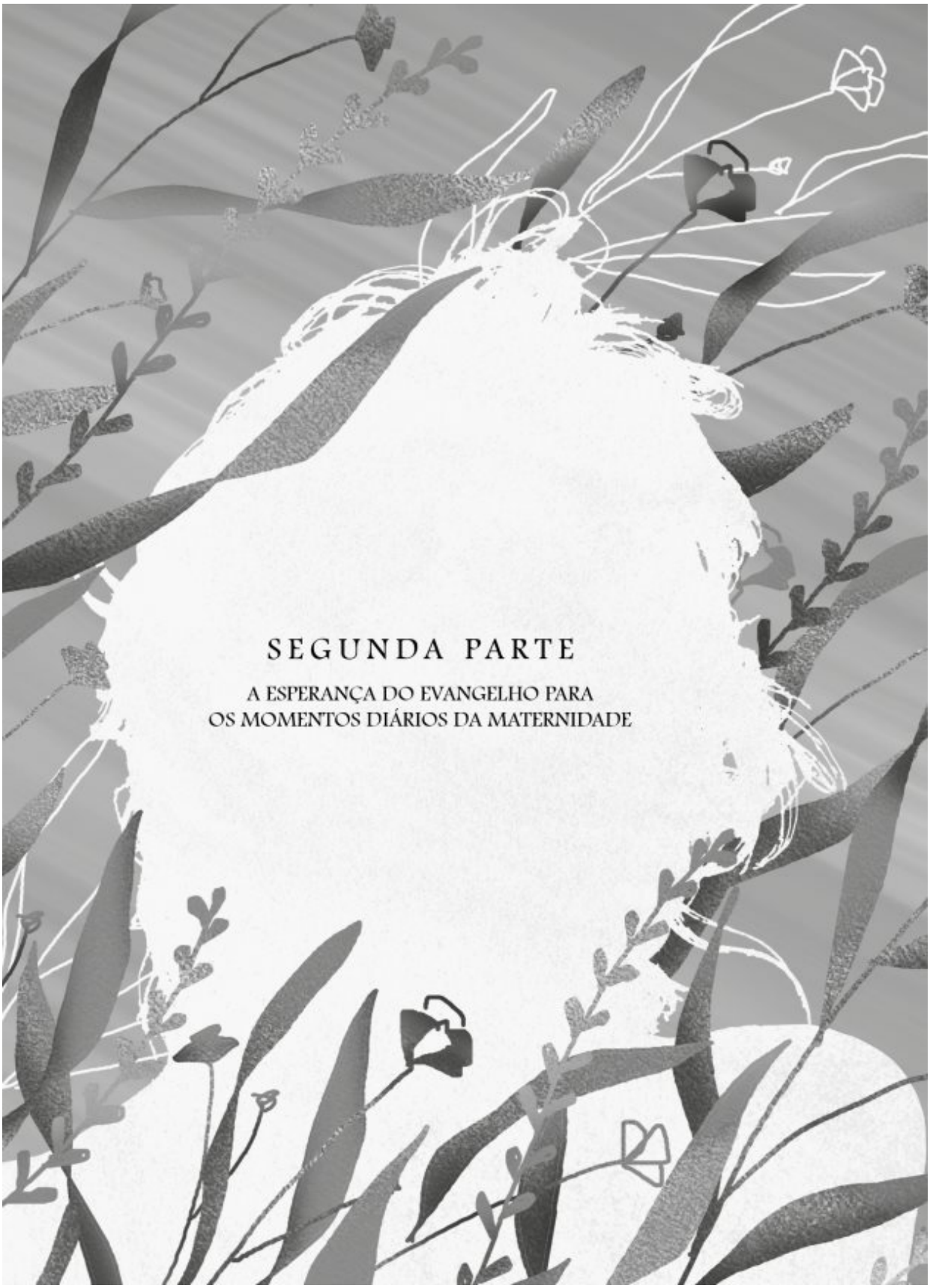
Esperamos que a próxima seção lhe ofereça alimento que redunde em reflexão e a desperte para a meditação nas Escrituras, um amor mais profundo por Deus, uma esperança mais plena na salvação, uma motivação maior para a obediência e uma necessidade mais verdadeira de dialogar com outras irmãs de sua igreja. Não se trata de um conteúdo exaustivo, mas já é um começo. Vamos lá.

Questões para revisão

1. Usando suas próprias palavras, resuma o propósito de Deus para a maternidade. Como o propósito divino se compara à sua ideia de mãe ideal?

2. De que maneiras você viu pessoalmente os efeitos da Queda em sua maternidade? Para onde Deus quer que você vá, ou o que ele quer que você faça quando as coisas estão difíceis, quando você se sente desanimada por causa de sua incapacidade de estar à altura das exigências e dos deveres?

3. Atualmente, em qual(is) área(s) da sua vida você precisa da ajuda de Deus para viver o seu propósito como mãe cristã?



SEGUNDA PARTE

A ESPERANÇA DO EVANGELHO PARA OS MOMENTOS DIÁRIOS DA MATERNIDADE

CAPÍTULO 4

O Evangelho e as atitudes do nosso coração

Laura

Era mais uma noite de trabalho para o meu marido. Ao lado de fora, caía a neve como um cobertor pesado, o que significava que eu havia ficado em casa sozinha com os meus três filhos o dia todo para evitar as estradas. Tínhamos feito todas as coisas divertidas que eu poderia imaginar: montar um quebra-cabeça, ler livros, modelar massinha, pintura com aquarela, construir um forte sob a mesa da sala de jantar, e brincar de paleontólogos de mentira na sala de estar. Pense em uma brincadeira, que nós a fizemos. Às cinco da tarde, hasteei a bandeira branca e disse às crianças que, como o bebê estava cochilando, poderíamos colocar um filme e comer lanches no jantar.

Para ser honesta, passei o dia todo ansiosa para que aquela hora chegasse. Eu mesma sentia merecer aquele momento; afinal, estava envolvida e comprometida com os meus filhos há horas. Eu havia sido uma boa mãe, uma mãe divertida... atrevo a dizer: uma mãe do Pinterest! Meu marido trabalhava mais de 12 horas por dia, seis ou sete dias por semana. Ou seja, eu também não merecia um pouquinho de crédito pelo meu sacrifício?

Quando liguei a TV, perguntei às crianças o que elas queriam ver e imediatamente começou a briga. Uma queria dinossauros, a outra queria dragões, e nenhuma queria ceder. Enquanto eu tentava apartar a briga, minha voz ficava cada vez mais alta e de repente eu podia sentir minha frustração reprimida explodir, depois de um dia com todos enfiados em casa. Fiz ameaças vazias de não assistir a nenhum programa se eles não parassem de brigar. “A TV é um privilégio”, asseverei aos dois, enquanto escolhia um programa completamente diferente e saía da sala.

No outro cômodo, desmoronei, pois sabia, mesmo enquanto as palavras saíam da minha boca, que estava sendo injusta e indelicada com os meus filhos. Eu havia descontado minha frustração neles, embora não tivesse me importado na hora de descarregar todo aquele peso sobre eles. Eu poderia facilmente apontar quinze motivos para ganhar um tempo de silêncio enquanto as crianças viam TV, mas enquanto eu os repassava na minha cabeça, percebia que todos eram orgulhosos e egocêntricos. Confessei tudo a Deus, implorando que ele me socorresse em minhas fraquezas.

Levantei-me e voltei à sala para me desculpar com os meus filhos. Pausei a tela (para o lamento audível deles) e lhes disse: “Lamento muito o que aconteceu. Vocês me perdoam?”. Também falei que não desejava ser aquele tipo de mãe e que, graças a Jesus Cristo, eu não estava fadada a ser daquele jeito.

A mensagem que a cultura nos conta: mude suas circunstâncias

Acredito que todas concordamos que a maternidade é difícil e que a vida pode trazer à tona o que há de pior em nós. A cultura, pelo contrário, atesta que, se implantarmos o sistema correto da forma correta, sempre conseguiremos ser a melhor versão de nós mesmas. Durante uma sessão de exercícios que pratiquei recentemente, o treinador gritou: “Se me der 30 minutos do seu dia, eu prometo que você será uma pessoa, esposa, marido ou pai melhor!”. Dizem-nos que estamos no controle; basta nos esforçarmos um pouco mais, até que finalmente dominemos nossas circunstâncias e dissipemos nossas preocupações, medos e frustrações.

A resposta de uma mãe para o seu coração ferido e explosões emocionais é simples: “Você só precisa acordar mais cedo. Compre uma agenda melhor. Troque os brinquedos das crianças com mais frequência. Faça um gráfico de tarefas. Implemente um sistema de limpeza doméstica. Encontre uma assistente pessoal para o seu empreendimento doméstico que não para de crescer. Tenha um “cantinho das ideias”. Coma menos açúcar. Conte até vinte e repita um mantra calmante antes de falar”.

Embora haja valor em se manter organizada, implementar sistemas sábios e fazer ajustes inteligentes, a mentira que sutilmente se esconde em nosso coração e nos provoca com falsas promessas é: “Faça isso e você terá o controle! Faça aquilo e você será uma mãe melhor!”.

Assim, nós, mães, acordamos todos os dias prontas para fazer o que for preciso para afastar a raiva, o estresse e as preocupações, na esperança de buscar paciência e paz em algum lugar dentro de nós. Acreditamos que, se conseguirmos um pouco mais de controle sobre nosso ambiente externo, não nos sentiremos tão temperamentais por dentro. Penduramos citações inspiradoras em nosso quadro de avisos, começamos um novo plano de cardápio semanal que vimos no Instagram e tentamos uma nova estratégia de disciplina que ouvimos recentemente em um podcast.

Mas com o passar dos dias, tudo começa a falhar. Nossa paciência diminui, nossa paz se esgota e passamos pelo ciclo comum de frustração, desespero e culpa. Não importa o que implementemos ou o quanto fortaleçamos nossas emoções, ainda somos um desastre. Estressadas e fora de controle, procuramos outro lugar em que lançar a culpa além de nós mesmas. Distribuindo castigos injustos, justificando a preocupação e a ansiedade e sempre remoendo o que acabamos de dizer, permanecemos infelizes com nós mesmas, mas não sabemos ao certo o que mais mudar.

Às vezes, na maternidade, ansiamos tanto por controle e conforto que chegamos a adorá-los. Buscamos tudo aquilo que possa nos prover controle sobre nossa casa, maridos e filhos, pensando que, se simplesmente encontrarmos o bilhete mágico, a maternidade será mais fácil e finalmente seremos pacíficas, pacientes e gentis. Finalmente seremos as mulheres que gostaríamos de ser.

Mas não importa: por mais que nos esforcemos, parece que não conseguimos domar a natureza do dragão que ruge por controle e sucesso.

Precisamos, então, de um matador de dragões.

A mensagem do Evangelho

Criação: criadas para adorar

Observe qualquer criança por tempo suficiente e perceba que o ser humano foi criado para a adoração. Como uma criança no corredor de brinquedos tendo um chilique porque você não vai comprar aquele gatinho roxo com os olhos enormes, sua raiva exterior é apenas um sinal da guerra por adoração que há em seu coração. Deus nos criou à sua imagem para a sua glória, isto é, fomos criadas por Deus, para Deus e para a adoração (Gn

1.27; Is 43.7). Visto que somos seres humanos, a adoração é algo que fazemos o dia todo, todos os dias. A adoração não pode ser separada da experiência humana; ela faz parte do nosso próprio ser.

Porque existe muito antes de Adão e Eva ou de qualquer outro ser humano, Deus é o único digno de nossa adoração. Ele é o Criador; nós somos criaturas (Ef 3.9; Cl 1.16). No relato de Gênesis, vemos um desígnio intencional para a terra, mostrando que ele é soberano, está no controle e sustenta tudo.

Ele é Deus e o único digno de adoração.

Queda: o engano do dragão

Criados para adorar, nós ansiamos por adoração. Na Queda, Satanás (mais tarde descrito como um dragão, Ap 12.7) enganou Eva quando ela desejou adorar a si mesma, e não a Deus. Ela duvidou das promessas de Deus, acreditando que, se pudesse apenas obter o controle de suas circunstâncias, ela ficaria em uma melhor posição. No entanto, logo em seguida, suas circunstâncias só pioraram. Separada de seu Criador, começou a perpétua peregrinação do coração humano rumo à adoração (Gn 3.8).

Agora, consciente e inconscientemente, procuramos ídolos funcionais que substituam a posição de direito de Deus em nossa vida. Esses ídolos podem assumir milhares de formas — como dinheiro, fama, filhos roboticamente obedientes, uma calça jeans mágica para mães que desejam esconder a barriguinha pós-parto —, mas, na maioria das vezes, esses ídolos não passam de um ato de adoração a nós mesmas. Agora somos o nosso maior problema e, na maioria dos casos, vivemos na negação de quão rebelde nosso coração realmente é. Elevamos o tom de voz quando não nos sentimos ouvidas. Tomamos uma postura defensiva quando nos sentimos injustiçadas. Nos preocupamos quando perdemos o controle. O dragão sussurra decepções em nossos ouvidos: “Tente mais. Seja melhor. Mantenha o controle. Encontre a força de vontade dentro de você”.

Assim como Adão e Eva, que apontaram o dedo quando Deus perguntou o que havia acontecido (Gn 3.9–13), nós nos protegemos a todo custo, procurando incontáveis formas de evitar dores, dificuldades ou fracassos quando as coisas não saem da forma como imaginamos. Uma vez que deixamos de viver em comunhão com nossa verdadeira fonte de adoração,

todas as nossas soluções mundanas falham, e nosso culto, então desorientado, se manifesta em forma de preocupação, raiva, ansiedade, impaciência e muito mais.

Ao darmos ouvidos ao dragão, passamos a ser como ele.

Redenção: o grande matador de dragões

De todos os grandes heróis da Bíblia, nenhum conseguiu derrotar o dragão, Satanás. Em vez de resistir à tentação, Eva adorou o plano que ela própria arquitetou para o seu futuro, exaltando-o acima dos desígnios de Deus. Em vez de confiar em Deus, Moisés fugiu para o deserto, valorizou seu próprio conforto e rejeitou o propósito que Deus tinha reservado para ele. Em vez de acreditar na soberania de Deus, Davi idolatrou seus próprios desejos de prazer e proteção, mesmo a ponto de tirar a vida de outra pessoa.

Da mesma forma, nós não conseguimos derrotar o dragão por conta própria. O coração fraco e errante de um ser humano jamais seria capaz de vencer a batalha cósmica. Felizmente, Deus enviou um rei guerreiro para nos resgatar das mentiras do dragão. Por meio da vitória que Cristo obteve sobre a morte, ele matou o dragão de uma vez por todas, destruiu seus enganos e mentiras e nos armou para enfrentar seus planos. Jesus fez o que nós nunca poderíamos fazer — ele viveu uma vida perfeita de adoração ao Pai em nosso lugar, resistindo a todas as tentações e acusações.

Jesus é o nosso matador de dragões; e a cruz, nossa vitória.

Por causa disso, o Espírito Santo está nos transformando de dentro para fora. Não precisamos mais tentar controlar nossas circunstâncias externas ou acumular boas atitudes, uma presença pacífica ou palavras gentis, porque aquilo de que precisamos já nos foi dado. Cristo é nossa paciência. Cristo é nossa paz. Cristo é nossa bondade. Cristo é nossa alegria. Independentemente de nossas circunstâncias, sabemos que Deus está no controle, não nós, e que podemos confiar em suas promessas quando as coisas não acontecem do nosso jeito.

No poder de Cristo, somos capacitadas a domar a natureza do nosso dragão interior.

Consumação: a derrota final do dragão

Algum dia o dragão será destruído para sempre. Seu governo neste mundo é temporário, e sabemos que, quando Cristo voltar e formos unidos a ele no céu, Satanás será derrotado para todo o sempre (Ap 20.10). Naquele dia, não precisaremos lutar contra o capataz da idolatria. Na eternidade, nos encontraremos na presença de nosso Salvador para final e completamente desfrutarmos plenamente de sua glória e bondade, e viveremos para adorar o nosso Deus livremente (Ap 21.1–4).

Enquanto não chegamos naquele dia, Deus prossegue usando as circunstâncias em nossa vida para quebrantar e moldar o nosso coração a fim de refletir a si mesmo. Quando encontramos nossa alegria nele e em suas promessas, podemos imaginar Cristo enquanto respondemos com graciosidade e bondade quando as coisas não acontecem do nosso jeito. Conseguimos então modelar uma vida de restauração para nossos filhos à medida que confessamos nosso egoísmo de um longo dia e reconciliamos nossos relacionamentos. Assim, podemos confiar que as birras de nossos filhos estão sendo usadas para nossa própria transformação à semelhança de Cristo. Podemos adorar e agradecer a Deus por Cristo, nosso herói, que aprisionou o dragão, e o prendeu com uma coleira até o seu retorno triunfal.

Uma mudança de dentro para fora

Costumo dizer aos meus filhos: “Fale palavras de vida”, e lhes pergunto: “O que você acabou de dizer é verdadeiro, necessário e gentil? Deve ser todos os três”. (E assim como tudo de bom que eu falo, roubei essas palavras de uma mãe mais velha e mais sábia). É engraçado como meus ouvidos construíram um radar para que eu ouça meus filhos quando idolatram alguma coisa. Consigo rastrear esse elemento de idolatria mesmo em seu tom de voz, em sua escolha de palavras e no modo como eles interagem uns com os outros. Eu me contorço quando ouço meus filhos adorando o que não devem, mas, muitas vezes, eu mesma me mostro imune ao meu próprio coração obstinado, oferecendo a mim mesma um passe livre para me comportar de qualquer jeito e falar o que meus sentimentos ditarem no momento — mesmo que eu diga de tudo, menos palavras de vida.

Quando a maternidade parece difícil, costumo ter vontade de culpar minhas circunstâncias, meus filhos ou meu marido. Mas meu maior problema com a maternidade sou eu mesma. Quando me preocupo com a programação de amanhã ou fico frustrada porque meu tempo sozinha pela

manhã é curto, meu coração revela o que já está lá: idolatria ao meu próprio conforto e ao controle da situação. Você consegue se enxergar fazendo isso?

Sendo assim, como podemos mudar as atitudes do nosso coração? Como deixar de sentir que é impossível controlar nosso temperamento, nossas preocupações ou ansiedades? Ao contrário da mensagem do mundo, nossa mudança não acontece com o trabalho de melhorar nossas circunstâncias externas. A mudança ocorre de dentro para fora. Em vez de fortalecermos o mundo ao nosso redor, podemos parar e nos perguntar: “Estou confiando em Deus e em suas promessas agora ou estou permitindo que minhas circunstâncias alimentem minhas emoções?”. Se depositarmos nossa alegria, confiança e esperança em Cristo, e não em nossas situações, nosso coração terá uma base sólida e inabalável em que descansar, independentemente de nosso ambiente em constante mudança.

Embora soe como uma prática simples, por vezes parece bem difícil. Mas fazemos isso conhecendo as promessas de Deus e nelas crendo. Assim, vivemos estudando a Palavra de Deus, investindo tempo em oração, confessando nossos pecados (até mesmo para nossos filhos mais novos) e pregando o Evangelho para nós mesmas.5 Trata-se de levar nossos medos, dúvidas, problemas e preocupações à cruz. É preciso confiar que Deus pode lidar com as nossas tormentas de um jeito melhor do que o nosso. Acreditar na bondade de Deus nunca falha. É vital saber que o Senhor, e não nós, é que está no controle de tudo; e não parar por aí, mas também crer que essa verdade é excelente.

Uma Nova Criação

Muitas de nós tememos que nossas atitudes negativas do coração acabem refletindo quem realmente somos por dentro. Com isso em vista, começamos a nos dar características: “Pois é, eu sou a mãe brava, a preocupada, a mãe estressada…”. E, de fato, sem Cristo, essas autocríticas são reais. Todas nós somos pecadoras rumo à autodestruição. Nossos corações são realmente tortuosos e instáveis, inconstantes quanto à satisfação e obstinados contra o arrependimento. Nosso coração é temperamental e, naturalmente, tende a atitudes negativas.

Agora, a mulher cristã está em união com Cristo (Jo 17.23; 1Co 1.30; 2Co 13.5). Ou seja, Cristo habita em você. Não é Cristo mais você, ou

Cristo e depois você, nem Cristo e não você. É Cristo *em* você, isto é, você tem tudo o que o seu guerreiro, herói matador de dragões, possui. Quando você se despe por completo e arranca tudo aquilo que acredita que a define — seus hobbies, sonhos, conjunto de habilidades, personalidade, fraquezas e tendências pecaminosas —, o que sobra e quem é você? Se você está em Cristo, então o que lhe resta não é a mulher pecadora e incontrolável que você teme, mas Cristo. É o nosso amoroso, gentil, gracioso e misericordioso Salvador que habita em você.

Por meio da fé em Jesus, você é uma nova criatura em Cristo, e isso significa que, pelo poder do Espírito Santo, você pode mudar. Você não está fadada a ceder às tentações, nem a lutar pelo controle em todas as áreas da vida ou ceder à manifestação dos seus sentimentos. Você não é uma vítima de suas circunstâncias. Confie que, por causa da obra de Cristo na cruz, você pode crescer, progredir e ser transformada para ser mais parecida com Jesus.

Mãe, Deus não a deixou sozinha para lutar contra o dragão. Confie nas promessas do Senhor. Acredite que você está unida a Cristo. Troque suas preocupações, medos e raiva pela adoração ao nosso Pai, um Pai bondoso e amoroso, que enviou seu Filho para lutar em nome dos seus. Lembre-se de que nada é sem sentido na vida cristã. Deus usa circunstâncias instáveis para revelar a obstinação de nossos corações. Dia a dia, ao sentir a pressão aumentando, acusações se acumulando e o engodo das tentações, olhe para Cristo e garanta que ele seja tudo de que você necessita. Jesus é forte onde você é fraca. Ele é perfeito onde você falha. Ele é a sua plenitude quando você está vazia.

Questões para revisão

1. Como você reage quando as coisas não acontecem do seu jeito? Como sua reação reflete o que você adora?
2. De que forma você tenta controlar a vida gerenciando seu ambiente externo? Como você pode submeter seu desejo de controle a Deus? Para onde ou para quem você pode redirecionar sua esperança?
3. Qual é a área em que você pode escolher depositar sua alegria em Cristo e não em seu ambiente em constante mudança? Que etapas específicas você pode seguir hoje para mudar?

CAPÍTULO 5

O Evangelho e nossas transições

Emily

Enormes pilhas de caixas, algumas de papelão, outras de plástico, faziam encontro com as paredes da sala, atraindo nossos quatro filhos pequenos a montar fortes e túneis. Teria sido um dia ótimo, não fossem meus filhos desencaixotando metade dos brinquedos, livros e utensílios de cozinha que eu já tinha guardado. Era dia de mudança, e eu mal podia esperar que aquilo acabasse.

Sim, estávamos concentrados em nossa nova casa, mas eu também estava distraída com outras coisas. Eu havia passado um trimestre repleto de náuseas, com tardes inteiras deitada, engolindo, forçada, o que parecesse menos intragável. Estávamos no auge da compreensão dos atrasos no desenvolvimento de nosso filho de dezoito meses, uma jornada dolorosa que nunca planejamos. E estávamos no meio do inverno, minha época menos favorita do ano.

De modo geral, eu queria que todas aquelas transições terminassem, pois não conseguia enxergar nada de proveitoso numa temporada tão exaustiva. Se fosse para ser tão difícil, que ao menos a vida tivesse um significado mais profundo.

Descarregamos o caminhão de mudança num dia de temperatura recorde em fevereiro, e lembro, como se fosse hoje, que o sol estava brilhando. Poucas horas haviam se passado, e lá estava eu, parada em nossa nova casa, então banhada de luz por aquele sol, enquanto mentalizava o fim daquela estação. A ideia de descarregar caixas e me acomodar na nova casa colocou um sorriso no meu rosto. As maiores dificuldades da vida não tinham acabado, mas logo chegaria a primavera. O gelo derretendo no telhado era prova disso, e eu estava ansiosa pelo fim daquela transição, quando nasceriam folhas frescas e os milharais no entorno dariam uma excelente colheita.

Bom, esta não era a primeira vez na vida que eu desejava o fim de uma transição. A longa espera entre a infância e a idade adulta inclui a estranheza da adolescência. Entre a faculdade e a carreira profissional existe uma terra de ninguém com um milhão de opções. Os meses entre o namoro e o noivado consumiram-se em uma temporada de dúvidas. Pressão e dores intensas persistiram entre o início do trabalho de parto e a entrega do bebê em meus braços.

Da minha perspectiva humana, transições não são desejáveis. Muito pelo contrário: elas costumam ser marcadas por dor, desconforto, constrangimento, falsos começos e conflitos. Transições podem dar a sensação de estar vivendo uma estação sem sentido, espremida entre os bons e velhos tempos e a próxima coisa boa da vida. Mas precisamos nos mover do ponto A ao ponto B, e nesse intervalo é onde Deus move algumas de suas melhores providências para nos tornar mais semelhantes a Cristo.

A mensagem que a cultura nos conta: encontre beleza na bagunça e siga adiante

Em uma era de compartilhamentos, vemos pessoas compartilhando lamúrias acerca das transições da vida. Mães publicam fotos do mesversário do bebê, fazem ensaios com as fases de crescimento do filho e compram enormes balões com o número referente à idade da criança. Essas mães escrevem sobre a tristeza de estar com o útero vazio ou expressam sua luta enquanto esperam pelo diagnóstico de seu próprio filho. Estamos nos acostumando a acolher as difíceis e dolorosas transições da vida, dando os braços e caminhando juntas na jornada.

Há um lado bom nessa tendência. Reconhecer e legitimar as estações complicadas da vida nos garante que não estamos sozinhas. Essa postura nos dá um alívio. Jesus chorou com os contritos, tendo o cuidado de não encobrir as adversidades da luta, da dor e da morte. Sendo assim, o que temos de nos perguntar é se brados positivistas e incentivos de “seguir sempre olhando em frente, de cabeça erguida” conseguem enxergar longe o suficiente, de modo a nos proporcionarem genuína esperança.

Os lamentos da cultura materna moderna nos encorajam a encontrar beleza na bagunça. Influenciadores das redes sociais nos dizem que ganharemos perseverança quando, com gratidão, verbalizarmos o que há de

bom ao nosso redor: “Basta ser positiva. Pode ser difícil se reerguer e sentir prazer depois que o bebê nasceu, mas tente aproveitar — você vai dar valor a esses momentos algum dia”.

Somos tentadas a esperar o que vem depois, fixando nossos olhos no prêmio: o fim da transição. Dizemos a nós mesmas: “Ficar grávida é difícil, mas tudo ficará melhor quando o bebê chegar” ou “Fazer mudança com um bebê no colo parece caótico, mas estamos quase lá. Vai ficar tudo bem, só falta chegarmos à nossa casa definitiva”.

Mas o que acontecerá se a gravidez não produzir um bebê saudável? O que acontece quando a criança tem um problema de saúde e nunca dorme a noite toda? O que acontece quando a venda da casa fracassa ou seu marido perde o emprego? Enraizar nossa esperança em nossas circunstâncias é sempre perigoso, tanto quanto imaginar: “Estou em minha última transição. Quando isso acabar, finalmente seremos felizes”.

Gratidão e pensamento positivo são úteis em dado momento, mas não ofuscam toda a dor. Ansiar por eventos futuros (à parte das promessas de Deus) proporciona alívio quando as coisas acontecem conforme o planejado, mas eles não servem de garantia. Precisamos de algo que faça tudo isso valer a pena, que nos dê vida quando as coisas parecem mortas, que nos entregue um propósito quando nossos dias parecem sem sentido, que reconheça nossas feridas e forneça uma palavra infinitamente melhor para as épocas difíceis de nossa vida. Por mais difícil que seja lembrar, suportamos dificuldades e sofrimentos por amor à esperança que nos é proposta, confiando que Deus tem um propósito maior do que a luta que experimentamos hoje.

A mensagem do Evangelho

Criação: o primeiro Éden

Quando se pensa em transições — de uma casa para outra, de um país para outro, de um tamanho de família para outro, de uma fase da vida para outra — é preciso pensar na maior transição do povo de Deus. Esta jornada encontra suas origens no Éden.

O ponto de partida da humanidade foi um jardim, lugar em que Adão e Eva tiveram acesso a Deus, desfrutando de sua comunhão (Gn 3.8). Nus,

sem vergonha, sem mácula, comissionados — afinal, seu trabalho era importante. E, ainda que tenham experimentado transições (imagine o primeiro dia de Adão e Eva juntos!), nenhum deles foi atrapalhado pela frustrante exaustão que marca muitas de nossas transições hoje. Deus declarou que toda aquela realidade era *muito boa* (Gn 1.31).

Queda: expulsos do Éden

Adão e Eva experimentaram sua primeira transição repleta de pecado quando comeram da árvore do conhecimento do bem e do mal, a única árvore que Deus havia proibido para servir de alimento. Adão e Eva, portadores da imagem de Deus, a quem Deus declarou seu "muito bom", esconderam-se como pecadores cheios de vergonha. Aliás, as mudanças e maldições não acabariam ali.

Após a queda no jardim, as coisas ficariam difíceis: o homem teria de se cansar e suar com o esforço do seu trabalho, enquanto as mulheres sofreriam desconfortos na gravidez e terríveis dores na hora do parto (Gn 3.14–19). Satanás introduziria o sibilado de sua serpente em todas as facetas da vida humana, tornando difícil e doloroso de suportar com fé até mesmo as transições mais simples.

Milhares de anos depois, as mães da atualidade ainda enfrentam com medo o período de gestação, e os meses pós-parto com cansaço. Estamos cientes de que a transição será difícil; trata-se de uma expectativa, e não de uma simples possibilidade. Ter mais um filho, mudar-se para outro país a fim de tornar-se uma missionária, voltar ao ritmo após uma semana de férias, ou acolher por um tempo crianças abandonadas ou órfãs — são momentos e tarefas difíceis, exatamente como previmos. Sabemos que não estamos mais no Éden e ansiamos por encontrar um destino pacífico e bonito que se pareça com ele.

Redenção: acesso ao Éden

O povo de Deus também experimentou transições difíceis após deixar o jardim. Israel, uma vez sustentado sob os cuidados de José, tornou-se um povo escravo que ansiava por resgate. Quando resgatados, eles vagaram pelo deserto, até que duvidaram se chegariam ou não ao destino, a Terra Prometida. Assim que chegaram, o povo teve de suportar uma série de juízes e reis infiéis. Após a deportação e o exílio parcial, Deus conduziu o

seu povo por um longo período de silêncio profético, enquanto todos esperavam pelo Messias.

O plano redentivo de Deus parecia dolorosamente lento, mas o Senhor estava operando restauração em tempos de transição com um belo propósito em mente. Deus guiou milênios de história, de modo a prepará-la para a chegada do seu Filho em Belém. O povo buscava um fim definitivo para as suas angústias e dificuldades, mas Deus providenciou uma solução inesperada por meio de seu Filho, que fez a transição da Antiga para a Nova Aliança (Hb 8.13).

Visto que o Espírito Santo passou a habitar em seus corações, o povo da Nova Aliança de Deus seria capaz de suportar as provações com alegria, sabendo que as aflições agora produziam uma fé mais profunda, maior e mais firme do que antes (Tg 1.2–3). Os crentes fizeram a transição da velha natureza para uma nova natureza em Cristo, e, por isso, agora usufruem de uma vida santa em meio a desafios (Ef 4.22–23). Agora podemos nos ver crescendo em maior santidade ao contemplarmos a Cristo em nossas transições, deixando de lado o pecado e amando o próximo, enquanto Deus produz o fruto do Espírito em nós (2Co 3.18; Gl 5.22–23).

Em virtude de Jesus, as transições não são apenas marcadas por dor, dificuldade e luta, mas fazem parte de um plano redentor, marcado pela santificação do povo de Deus, à medida que os santos abandonam seus pecados e crescem em semelhança a Cristo.

Consumação: um novo Éden

Todo o povo da Nova Aliança de Deus é transformado enquanto aguarda. Ainda estamos entre o ponto A (esta vida, em que já fomos redimidas, mas não totalmente restauradas) e o ponto B (quando Jesus renovará todas as coisas). Embora experimentemos a redenção em nossas pequenas temporadas de dor, constrangimento, luta e refinamento, essas pequenas jornadas refletem a jornada maior que culmina no resplendor da mais brilhante primavera que podemos imaginar.

A garantia é esta: voltaremos para casa (Jo 6.37). As provações desta vida farão sentido quando chegarmos ao novo e melhor Éden, em plena comunhão com Deus, por meio de Cristo Jesus, para sempre.

Sem temporadas descartáveis

Saber que há uma história maior que explica a dor e a luta por trás das transições da vida ajuda, mas, honestamente, nem sempre diminui o sofrimento, ainda mais quando não temos certeza se nosso marido vai encontrar um novo emprego, ou se sentimos que nunca conseguiremos encontrar uma igreja na cidade para a qual acabamos de mudar. Enquanto corremos para ajustar a rotina da família a um filho adotivo, ou arrancamos os cabelos com a primeira de poucas semanas das férias de fim de ano dos nossos filhos, após um ano inteiro na escola, tendemos a mentalizar esse período como descartável, sendo o nosso objetivo simplesmente sobreviver.

Por experiência, posso dizer que, quando o tamanho da família muda, o período de transição se torna ainda mais árduo. Quando nossos quatro filhos tinham três anos ou menos, sendo um deles recém-nascido, os dias eram incrivelmente longos. Certa manhã, antes da igreja, meu marido saiu mais cedo, deixando-me em casa com toda a turma. Eu já tinha decidido preparar alguma coisa de comer para um junta panelas a que iríamos após o culto. Contudo, para um eu precisava dar de mamar, no outro eu tinha de dar banho, sem contar a hora de trocar a roupa de cada um e fazer todos comerem. Houve uma multidão de choro e ranger de dentes.

Quando, finalmente, chegamos ao junta panelas, eu estava tão exausta e esgotada que tropecei e deixei cair o que eu havia preparado antes de colocar o refratário na mesa. Ver a tigela se espatifar em trocentos cacos de vidro sobre o concreto foi uma vergonhosa e reveladora representação do meu coração durante nossa transição para um novo normal. Eu estava uma bagunça completa em uma centena de direções, sem saber da minha utilidade em um estado tão lamentável.

Transições são assim. Elas podem trazer à tona o que há de pior em nós, privando-nos do que achamos que devemos ter para que sejamos felizes e fiquemos confortáveis; tirando de nós uma prosperidade que consideramos nossa por direito, e assim revelando nossa verdadeira natureza. Deus, porém, nos mostra nossa impaciência e nossa ira quando nosso marido trabalha até tarde todas as noites ou viaja semanas seguidas. O Senhor descortina nossos corações inconstantes quando um coro de lamúrias de nossos filhos nos força a buscar refúgio nas redes sociais.

Quando deseja purificar o ouro, o ourives o aquece até que as impurezas sejam reveladas e assim possa removê-las. Sem o calor, as impurezas ficam incrustadas no ouro. Da mesma forma, nossas circunstâncias elevam o calor até que vejamos o que, de fato, reside em nosso coração. Não é que costumávamos ser pessoas legais e animadas, mas agora (devido àquela transição, por causa daquele evento que saiu do controle) nos transformamos em seres humanos repentinamente iracundos e amargurados. Essas supostas mudanças simplesmente expõem o pecado oculto que existia o tempo todo na facilidade e familiaridade de nossas antigas circunstâncias.

Da mesma forma, Deus permite que experimentemos a dor, a dificuldade e o desconforto das temporadas de transição, de modo que nossa fé seja testada e purificada, pois esse processo resulta em glória eterna e louvor a Cristo (1Pe 1.7). Aquela transição que você mal vê a hora de acabar não é uma fase de desperdício, mas um período repleto dos propósitos de Deus. E é só depois, em retrospectiva, que veremos o quanto somos pecadoras necessitadas da obra que o Pai opera em nós de conformar-nos ao amor do Filho.

Ansiamos por algo melhor

Estamos certas em esperar por algo melhor, mas, muitas vezes, erramos quanto ao que esperar. Não podemos simplesmente sentar e esperar pelo fim de mais uma transição, na esperança de que, num belo dia, acordaremos e estaremos automaticamente acostumadas com a nova rotina escolar, ou que veremos as caixas de mudança magicamente vazias. Em vez disso, cabe a nós enfrentar a vida, enxergando nela contentamento e propósito, até aquele dia em que nos encontraremos face a face com Cristo.

No livro *O Peregrino*, uma alegoria da vida cristã, o personagem principal, Cristão, faz uma jornada da Cidade da Destruição até a Cidade Celestial. Ao longo do caminho, Cristão se depara com provações de vários tipos — figuras que tentam persuadi-lo a desviar-se do caminho estreito, personagens que tentam satisfazê-lo com prazeres mundanos, além de criaturas e seres que tentam aprisioná-lo e derrotá-lo com mentiras e desespero. Cada tentativa é seguida por um período de descanso ou refrigério. E, embora experimente a alegria do encorajamento e da comunhão com outros crentes, ele quase se afoga na última etapa da jornada, ao cruzar o rio para a Cidade Celestial.

Histórias como essa nos lembram de que o nosso objetivo na vida não é simplesmente sobreviver a essa ou àquela situação difícil, na esperança de que, desta vez, seja a última. Pelo contrário, cabe a nós suportar até o fim tudo o que Deus nos reservou, acreditando nas promessas do Senhor mesmo quando não conseguimos enxergar o resultado.

Deus não promete que nossa atual fase, temporada ou transição, por mais difícil que possa ser, terminará de acordo com as nossas vontades, mas ele promete que jamais sairá do nosso lado. O Senhor promete que nos dará força, vida e encorajamento, até que tenhamos chegado ao nosso último ponto B, onde nunca mais sentiremos tristeza (Sl 23.4; 2Co 12.9–10; Ap 21.4). Assim como Deus forneceu descanso para os israelitas, exaustos e sedentos, em sua jornada no deserto, o Senhor pode nos conceder força e coragem em nossos tempos de transição. Basta que clamemos com fé (Êx 15.22–27).

Em minha fase de enjoos matinais, bebês recém-nascidos, caixas de mudança lotadas e preocupações hospitalares, eu precisava de uma promessa de renovo, como uma brisa primaveril. Mas essa promessa de renovo não consistia em flores desabrochando e um milharal farto ao redor de nossa nova residência (nossas coisas ficaram nas caixas bem mais do que eu imaginava). Essa promessa não significava que eu estaria cheia de energia e toda empolgada naquele segundo trimestre (na verdade, fiquei podre durante toda a gravidez); tampouco que meu filho melhoraria, ficando livre de seus problemas de saúde (ele não melhorou, e nossas preocupações pioraram). Na verdade, eu precisava enxergar o valor daquela estação de transições, enquanto Deus cavava, plantava, lavrava, podava e limpava o solo bagunçado do meu coração. O Senhor já havia se disposto a plantar novas sementes de fé, que mais adiante gerariam uma grande colheita para o reino. Ele não se contentou em deixar árido o solo da minha vida.

A primavera final por que todas nós devemos ansiar é o derretimento das gélidas garras de Satanás sobre este mundo, isto é, quando estivermos sob o sol pleno e final de Deus e do Cordeiro que ilumina as ruas da Nova Jerusalém (Ap 21–23). Eis o verdadeiro fim para esta grande transição que geme e na qual todas nós estamos; eis o único norte que podemos tomar como certo.

As fases e estações de transição fazem parte da vida. Podemos não gostar de todos os seus aspectos, mas não precisamos ter medo. Deus nos ama demais para nos deixar acomodadas e incólumes. Adoção, infertilidade, demissão, familiares doentes, uma nova carreira ou escola podem parecer transições insuportáveis. Mas, apesar delas, regozijemo-nos diante dos momentos de alegria e descanso, sabendo que Deus tem propósitos amorosos para o dia que se chama hoje e uma promessa segura e infalível para o nosso final.

Questões para revisão

1. Em que transição você está agora e como está lidando com o desgaste gerado?
2. Como Deus opera em suas transições tornando-as mais do que um simples momento de "sobrevivência"? Quais pecados e idolatrias você não via em seu coração, mas agora vê? Como você pretende agir?
3. Sabendo que a temporada que você tem vivido *hoje* não é descartável nem irrelevante, diga a si mesma os motivos que você tem para agradecer a Deus.

CAPÍTULO 6

O Evangelho e nosso casamento

Laura

No meu primeiro Dia dos Namorados com meu marido, ele se esforçou ao máximo, fazendo um caminho de bombons que levava a um buquê de rosas. Sem contar o passeio de carruagem puxada a cavalo, os cobertores de pele e a garrafa térmica cheia de chocolate quente. Depois, jantamos num restaurante japonês chique, com um rodízio em esteira. Ah, quase esqueço: brincos de diamante.

Aposto que você não esperava pela parte dos brincos. Quando ele me deu aquele par de joias, eu já logo caí em lágrimas e disse que não merecia tudo aquilo. Nunca havia sido tão mimada e paparicada por simplesmente alguém me amar.

Agora, avancemos para o Dia dos Namorados de 2018 — dez anos juntos, sete anos de casamento e três filhos depois: tínhamos acabado de nos mudar e estávamos morando temporariamente com meus pais, então nos encontramos depois do trabalho para olhar uma possível compra de imóvel. Eu carregava o bebê enquanto ele segurava as mãos dos dois mais velhos, enquanto caminhávamos pela neve e conhecíamos a região. Depois, paramos para comer alguma coisa num restaurante local cheio de casais — éramos, provavelmente, o único casal com filhos em todo o estabelecimento. Enquanto comíamos, pegamos nosso filho mais velho contando uma mentira. Eu acenei com a cabeça para que o papai lidasse com a situação, e ele então lidou com o ocorrido. Mesmo assim, eu achei insuficiente e não resisti à vontade de ressaltar a “gravidade de uma mentira” para nosso filho de quatro anos, que já havia perdido o foco na conversa.

Quando chegamos em casa, dividimos as obrigações. Levei o bebê para mamar, ele levou as crianças para lavar as mãos e escovar os dentes. E, depois de tudo aquilo, acabamos juntos no mesmo cômodo. Meu marido

colocou um pouco de música, e a seu som todos começaram a dançar. Depois que todas as crianças estavam no chão, meu marido deslizou um coração de chocolate coberto com papel alumínio vermelho no balcão da cozinha para mim e disse: “Feliz Dia dos Namorados, minha linda. Olha o que eu trouxe — estavam dando no trabalho”.

Devo dizer que, no mínimo, as coisas mudaram um pouquinho. Mas, embora o nosso primeiro Dia dos Namorados vá ocupar para sempre um lugar especial em meu coração (e não apenas por sua extravagância), adoro a maneira como esse dia mudou para nós. Não só mudamos de casa, mas a configuração de toda a nossa família e o nosso jeito de aproveitar a vida também mudaram. Aliás, amo a forma como *eu mesma* mudei. Meu marido e eu somos radicalmente diferentes um do outro, e Deus usou o casamento e a criação de filhos para me colocar no fogo do ourives. O ardor da santificação dói — por vezes, dói tanto que mal consigo aguentar —, mas sou grata pela obra que Deus operou para me fazer crescer em santidade. Ainda tenho um longo caminho a percorrer (como minha necessidade inútil de controle durante um momento de disciplina), mas Deus tem usado meu marido para me ajudar a remover a escória até que reste somente ouro.

A mensagem que a cultura nos conta: um romance levinho e sem graça

Não faz muito tempo que fui a um chá de panela duplo e, enquanto ouvia as noivas falarem sobre a futura cerimônia, não pude deixar de pensar no dia do meu casamento. Eu era como elas, cheia de esperança e repleta de otimismo. O relacionamento daquelas mulheres, cada uma com seu noivo, transbordava romance, compromisso, comunicação!

Enquanto as noivas caminham em direção ao altar, elas geralmente ficam cheias de confiança: “Enquanto tivermos um ao outro, vamos ficar bem, não importa o problema!”. O mundo nos diz que o casamento será um mar de rosas, com passeios a cavalo, diamantes e restaurantes chiques. Afinal, é o que o mundo quer dizer, merecemos um romance sem perrengues, daqueles com flores e sorrisos o dia todo, e um ninho de amor e abraços à noite. Um casamento repleto de emoções, realizações e dengos sem fim! Ainda assim, embora saibamos das futuras dificuldades, insistimos que todos os problemas estão “lá fora”, e vamos enfrentá-los grudadas aos nossos maridos à medida que aparecerem.

Só que não demora muito até que toda aquela melosidade acabe. À semelhança de um vulcão em erupção, a paixão inicial irrompe com fervor, mas logo em seguida se extingue, deixando-a de mãos abanando, com um monte de cinzas para recolher. Seu marido falha com você, você falha com o seu marido, e a confiança no casamento logo é abalada. De repente, seus problemas não estão "lá fora", mas em casa, morando debaixo do mesmo teto e (por mais que você ainda não perceba) dentro de você. Mas não se preocupe, afinal a cultura tem outra resposta: a transição de "O casamento vai te fazer feliz!" para "Seus filhos vão te fazer feliz!".

O próximo cenário já é bem conhecido: você, mãe, tem buscado satisfação no bebezinho lindo e fofo que ainda está chorando, mesmo depois de você tê-lo empacotado no berço feito um presentinho. Seu cavaleiro de armadura brilhante agora é o inimigo, enquanto você esbraveja aos sussurros no meio da madrugada, sendo que ambos estão irritados um com o outro por algo que foge ao controle dos dois. À medida que os filhos crescem, também aumentam as reclamações contra o seu marido. Nossa natureza superprotetora afaga nossa alma uma vez ferida culpando o papai pelas tensões e contendas do relacionamento. Assim, num belo dia, você lista e remói todas as falhas do seu marido, ergue um muro entre vocês dois e o mantém a um braço de distância, enquanto desconta toda carência nos filhos.

Trata-se de um ciclo vicioso. Um que não vai acabar a menos que um de vocês levante a bandeira branca e admita: "Eu sou o problema. É doloroso constatar isso. Me perdoa?". Mas nem sempre o caminho é fácil. É relativamente simples pedir desculpas superficiais e mudar um pouco o comportamento exterior por nossa própria força, mas nunca seremos capazes de mudar nossa essência, a menos que o nosso coração seja transformado. E uma transformação profunda assim só nasce do poder vivificador do Evangelho.

A mensagem do Evangelho

Criação: uma união

Muito parecido com as noivas no chá de panela a que fui, o primeiro casal da humanidade provavelmente começou seu casamento com esperança e otimismo. Quando Deus apresentou Eva a Adão, aquela foi a

primeira de incontáveis cerimônias a unir, por toda a vida, um homem e uma mulher que não sabiam o que estava por vir (Gn 2.24). Deus deu ao primeiro casal um propósito e uma missão — ser fecundo, multiplicar-se e manter a ordem no mundo (Gn 1.28). Homem e mulher, cada um com uma perspectiva única do ser de Deus, eram, sim, diferentes, mas não em distinções danosas; essas diferenças eram um ganho. Ambos necessitavam um do outro para cumprir a vontade de Deus. No Éden, Adão e Eva foram unidos, feitos uma só carne, e levados a trabalhar juntos, vivendo uma bela imagem de amor e harmonia por meio da adoração prestada somente a Deus.

Queda: a união dividida

No entanto, assim como ocorre em nosso casamento, Adão e Eva não eram imunes às falhas um do outro. Três breves capítulos da Bíblia bastaram para que aquele relacionamento perfeito se tornasse coisa do passado. Quando Eva duvidou da bondade de Deus para com a sua vida e para com a sua união com Adão, o pecado e a divisão entraram no mundo, destruindo o relacionamento conjugal.

Agora, como marido e mulher, em vez de estarmos unidos conforme os planos de Deus, vivemos, por vezes, como dois indivíduos sentados em lados opostos da mesa. Agimos como inimigos, não aliados; como o único juiz e júri apto a avaliar a capacidade do outro de cumprir o propósito e a missão designados por Deus. Estabelecemos nossos próprios padrões, em vez de aceitarmos o crivo do Senhor. Ambos buscam a supremacia e, em vez de amarmos um ao outro, buscamos que o casamento satisfaça nossas necessidades carnais e desejos egoístas. O pecado e sua dor nos deixam com medo de sermos abertos, honestos e vulneráveis. Como mães, somos tentadas a nos escondermos atrás de nossos filhos, concedendo-lhes amor incondicional e, ao mesmo tempo, sujeitando nossos maridos a uma lista cada vez maior de condições inatingíveis.

No casamento, às vezes, vivemos como “eu” em vez de “nós”, porque o “nós” pode parecer arriscado demais. A estrutura de “nós” é dolorosa demais, é difícil, é uma exposição desnecessária. Não queremos esse tipo de união porque não queremos morrer para nós mesmas.

Redenção: unidas em Cristo

De qualquer forma, em nosso estado pecaminoso, jamais teríamos morrido para nós mesmas, mas, felizmente, Cristo criou um caminho. Jesus nos amou mais do que qualquer marido terreno poderia nos amar, levando uma vida perfeita e comprando nossa união com ele pelo preço mais alto e elevado: sua própria vida. Por meio de seu sacrifício, Jesus lançou luz sobre a realidade de que o casamento era somente uma sombra: o amor da aliança entre Deus e seu povo (Ef 5.23). Esse amor abriu um caminho para que *pudéssemos* morrer para nós mesmas. Essa morte tornou-se realidade pela primeira vez quando fomos justificadas perante o trono de graça, sendo reverberada continuamente por meio da santificação, à medida que negamos diariamente nossa velha natureza, carregamos nossa própria cruz e seguimos a Jesus (Mc 8.34).

Por meio da morte de Cristo, somos restauradas ao relacionamento com Deus e nos tornamos uma com nosso Salvador. Estar "em Cristo" é uma boa-nova para o nosso casamento porque, como crentes no Senhor Jesus, agora partilhamos da maravilhosa herança do Pai. Viver isso significa que temos em nós o mesmo amor de Deus, um amor mais genuíno e maravilhoso do que qualquer conto de fadas ou comédia romântica já criada (Rm 8.17). O amor de Jesus que o motivou a ser paciente com os necessitados, gentil com os feridos e longânimo com os desobedientes. O amor de Cristo impulsionou sua compaixão pela dor humana, sua oferta de graça a corações cheios de pecado e seu infinito perdão diante de rejeições, calúnias e desprezo. Seu amor o levou até a morte, e morte de cruz, por nós.

Em Cristo, este é o mesmo amor que uma esposa pode ter por seu marido.

Consumação: eterna união

Chegará o dia em que nossa união com Cristo não será obscurecida pelo caos deste mundo amaldiçoado. Quando Cristo, nosso Rei, retornar para buscar sua noiva, a igreja, e nos levar fisicamente para o céu, cessarão as lutas contra o pecado e suas concupiscências. Não experimentaremos o casamento no céu como o conhecemos hoje (Lc 20.27–36), mas desfrutaremos do melhor e mais verdadeiro matrimônio que existe: o casamento com o próprio Cristo. No céu, conheceremos a comunhão dos santos da qual Adão e Eva desfrutavam antes da queda.

Tudo isso significa que não teremos mais discussões inúteis tarde da noite sobre como fazer o bebê dormir, sem sussurros acalorados no carro sobre uma questão de disciplina, sem mais acusações de “Você fez isso, você não fez aquilo, eu não te entendo”. Na consumação, experimentaremos um relacionamento perfeito, teremos uma comunhão imaculada, sem mancha com nossos irmãos, e tudo isso em virtude do amor maravilhoso e sacrificial de nosso noivo.

A pressão por perfeição

Num belo dia, fico maravilhada com meu marido, contemplando-o, enquanto ele dirige nossa minivan. No dia seguinte, provavelmente dentro dessa mesma minivan, fico imaginando como ele poderia ser um pai e marido melhor. Pode ser também que eu ouça um podcast sobre paternidade e não deixe de pensar no quanto aquele episódio era para o meu marido. Ou, talvez, quem sabe uma amiga tenha dito como o marido dela lidera momentos de silêncio em família todas as manhãs, e agora comecei a achar sem graça as leituras da hora de dormir que o meu marido faz.

Sem contar os olhares críticos e comentários de desaprovação, pensando como a Bíblia dele está juntando poeira, ou começar a atropelá-lo durante uma conversa de disciplina com um dos nossos filhos, por achar sua maneira de lidar mole demais. Talvez eu simplesmente não diga nada, enquanto construo silenciosamente um muro entre nós, tijolo por tijolo.

Arrisco dizer que não sou a única a definir o padrão ideal de “pai cristão presente” — um padrão inventado pela minha cabeça, e não ordenado por Deus.

No Antigo Testamento, Deus apresenta parte do seu plano para a criação de filhos, e é algo surpreendentemente simples. O Senhor ordena que os pais invistam intencionalmente em seus filhos e os ensinem a amar a Deus e às suas leis (Dt 6.4–9). Aos pais cabe diligência e constância na observação e no cumprimento dessa ordenança dada por Deus. Para nós, hoje, esse comando divino se traduz em viver o Evangelho, e vivê-lo não precisa incluir obrigatoriamente vinte minutos de silêncio em família com o papai tocando violão, guiando as crianças na adoração. O essencial, de fato, é viver o Evangelho, por mais que fuja de nossos ideais. E, mesmo que a

fidelidade com o fim de viver o Evangelho possa ser relativamente penosa, nós é que complicamos demais as coisas.

O que é mais lindo sobre Deus nos criar como pais e mães com personalidades, qualidades, forças e dons únicos ou singulares é podermos conviver com nossas diferenças e, ao mesmo tempo, ter unidade em nosso relacionamento conjugal. Seu marido não precisa investir em seus filhos de uma forma idêntica à sua, ou da forma como aquele pai do Instagram que você segue. Na verdade, uma vez que Deus criou o homem para ser diferente da mulher, ambos com aspectos únicos, você e seu marido são pais melhores quando juntos, unidos, e não quando separados ou sozinhos. Assim, cada um, esforçando-se por viver o Evangelho na simplicidade do lar, gera equilíbrio entre os pontos fortes e fracos do casal.

Eis um pouco das Boas-Novas: Jesus viveu uma vida perfeita em nosso lugar, portanto não há pressão para que sejamos pais ou mães perfeitos. Jesus nunca deixou passar uma oportunidade de ensinar, nunca proferiu alguma falsidade, nem jamais cometeu erros teológicos; Jesus jamais falhou com o seu próximo. Cristo viveu uma vida perfeita e, porque estamos unidos a ele, podemos confiar-lhe aquilo que temos e somos como pais e mães. E se ambos são convertidos, cada um de vocês tem o dom do Espírito Santo para ajudá-los a crescer como pais e mães maduros, conhecedores dos desígnios de Deus para a família.

Mamãe, Cristo assumiu todos os fardos em seu lugar. Sendo assim, você pode parar de comparar seu marido com os livros sobre paternidade, as conferências, os blogueiros ou mesmo com o seu vizinho. Em vez disso, ofereça ao seu marido a graça implacável e o amor irresistível que você recebeu de sua herança compartilhada com Cristo, celebrando os dons únicos do seu esposo. Você pode ser corajosa o suficiente para, listando suas mágoas e feridas, entregar por inteiro o seu casamento a Deus, confiando que ele atrairá para mais perto de si a sua família, apesar de suas falhas e erros.

O caminho da graça

Talvez, ao ler tudo isso, seu coração esteja pesado. Talvez seu marido não seja cristão, ou talvez ele esteja tão desanimado que você não tem certeza de onde ele se encontra em sua caminhada com o Senhor. No

entanto, mesmo que seu marido esteja se esforçando para viver fielmente o chamado que Deus faz aos pais, ainda há pecado, ainda há fracasso. Todas nós temos falhas deste lado da eternidade. Frequentemente, como esposas, nossa primeira reação é desrespeitar nossos maridos, resmungar, manipular, preocupar-se demais, murmurar e reclamar de tudo.

Mas o Evangelho nos provê um caminho melhor. Não importa em que parte da jornada espiritual você está com o seu marido, deixe-o ver a obra de Cristo manifesta em sua vida. Lembre-se de que, quando ainda morta e escravizada em delitos e pecados, Jesus a amou de tal maneira que morreu por você (Rm 5.6–8). Ofereça esse mesmo amor ao seu marido. Em vez de olhar só para os defeitos, ressalte as qualidades. Deixe o amor de Cristo em você ser mais forte do que qualquer mal-entendido, maior do que qualquer sentimento de ressentimento, mais forte do que o seu desejo por justiça própria e maior do que o seu coração orgulhoso.

Por vezes, o casamento pode parecer uma lixa para nossa alma, mas a dor de ser lixada nos dá forma e nos molda, tornando-nos mais semelhantes à imagem de Deus. Que, em nosso próprio casamento, nos apressemos a responder com bondade, a falar com gentileza, a demonstrar compaixão, ternura e paciência. Agora, se você se parece comigo nessa área, sabe que não é difícil esquecer que não somos capazes de aplicar a convicção do Espírito Santo ao coração de nossos maridos. Em vez disso, podemos orar por eles, pedindo a Deus que intervenha e nos dê paz e confiança ao longo do processo. Em vez de esmagarmos nossos maridos com nossas palavras, que esmaguemos os pensamentos de comparação que passam tão facilmente por nossa cabeça. Em vez de repararmos exclusivamente nas falhas de nossos esposos ou ignorá-los por completo a fim de nos concentrarmos apenas em nossos filhos, permaneçamos concentradas em nosso próprio relacionamento com Cristo.

Mamães, sejamos defensoras, apoiadoras, fãs número um cada uma do seu próprio marido. Ajamos como bastiãs da unidade e do companheirismo. A vida de casada pode não ter nada a ver com aquilo que sonhávamos a caminho do altar, mas Cristo nos amou primeiro, e por isso podemos transbordar esse amor recebido em direção aos nossos maridos e, assim, manifestar uma afeição muito mais profunda, transcendente e gloriosa do que jamais teríamos imaginado.

Este capítulo lida sobretudo com ofensas, atritos, dores de cabeça e tensões que, por causa do pecado, costumam surgir em um casamento. No entanto, caso haja abuso (físico, emocional, sexual) ou algum outro comportamento ilegal/ilícito em seu casamento, conte a alguém e busque conselho profissional e intervenção de um especialista.

Questões para revisão

1. Você impõe algum padrão ao seu marido, exigindo dele um comportamento específico, segundo aquilo que você julga como um “pai cristão presente”? Como os seus padrões se assemelham aos padrões de Deus? E como os seus padrões se distanciam dos padrões de Deus?

2. Jesus Cristo nos amou de tal maneira que morreu por nós. De que forma o amor sacrificial de Cristo deve motivar o seu amor por seu marido?

3. Cite posturas e comportamentos que você tem em relação ao seu marido e que devem ser reconsiderados em espírito de oração.

CAPÍTULO 7

O Evangelho e as coisas da terra

Emily

“Amor! Vem cá! Você *precisa* ver isso daqui.” Depois de guardar uma camisa em uma gaveta, inclinei-me sobre seu ombro para ver o que ele queria me mostrar no iPad. “Aqui, só assiste.” Ele me entregou com um sorriso. Após uma temporada de pesquisas sobre a vida minimalista, eu já tinha uma vaga ideia do que poderia ser.

Uma família apareceu no vídeo. Seis ou sete crianças sorriam e lideravam o caminho para uma lavanderia que tinha virado um “armário da família”. Pilhas de cestos, cada uma com o nome de um filho gravado numa etiqueta, estavam rentes à parede. A mãe explicou seu “sistema de grupos”, mostrando como ela organizava e combinava as roupas no balcão, dobrando-as e as enrolando feito um sushi, e logo em seguida as prendendo com elásticos bem grossos. Acabado o vídeo, logo inclinei os olhos para ver o sorriso estampado do meu marido.

“E aí, o que achou?” Ele estava fascinado, com a esperança de ter encontrado uma maneira de erradicar nossos cestos e pilhas espalhadas de roupa suja.

Depois de assistir ao vídeo, tiramos do cesto todas as roupas das crianças, pegamos as nossas também, e então organizamos o nosso próprio cenário de arrumação. Alimentamos nossa esperança por semanas, até que ela chegou ao seu auge e, finalmente, desabou. A princípio, a separação facilitou a escolha diária de roupas (ainda mais no caso dos gêmeos) e ajudaram a diminuir a quantidade de roupas em uso. Mas havia um problema. A confecção de pacotes de roupas para uso acrescentou um tempo significativo ao processo. Tivemos de esperar que todas as roupas estivessem limpas ao mesmo tempo para que pudéssemos combinar os ajustes e passar nossas noites em uma maratona de montar pacotes com roupas.

Também tentamos outras maneiras de aliviar os fardos da lavanderia lotada: dobrar pelo método KonMari, com o estilo de guarda-roupa cápsula, num limite de cinco peças de roupa para cada criança, usar as mesmas calças ou os mesmos pijamas por vários dias seguidos e muito mais. Cada um desses métodos acrescentou uma nova eficiência promissora, mas também adicionou uma nova etapa incômoda. Não importava o que tentássemos, a realidade permanecia: lavar roupa para uma família de sete pessoas leva tempo.

Nossa história de gerenciar a lavanderia revela um tema por baixo de tudo isso: um casal em busca de escapar da estagnação da vida cotidiana. Queríamos deixar as coisas bem organizadas — nem sempre para a glória de Deus, mas para minimizar nossa carga de trabalho comum do dia a dia e ter mais tempo para algo extraordinário. Algo que realmente importasse. Não tempo para lavar roupa, pois é chato demais.

A mensagem que a cultura nos conta: o extraordinário é superior ao ordinário

Mães costumam se sentir presas aos aspectos menos emocionantes da vida. Bufamos quando nos vemos obrigadas a guardar os brinquedos pela milésima vez, ou quando precisamos recolher, de novo, as mesmas meias sujas. Suspiramos enquanto caçamos a chupeta perdida debaixo do sofá e, de hora em hora, temos de repetir a mesma conversa com as crianças sobre limites. Essa é a própria essência de ordinário, cotidiano: um cenário monótono, uma rotina cansativa, com alguns momentos que mais parecem sem significado nenhum. Mães conhecem situações desse tipo de cor e salteado, afinal são responsáveis por seus próprios filhos.

O mundo em que vivemos, no entanto, valoriza sobretudo as vitórias visíveis. Esse mundo não valoriza mesas limpas, nem fraldas trocadas, nem uma estante arrumada, cheia de livros preciosos. Sobrecarregadas com o ordinário e cotidiano, questionamo-nos se não precisamos usar melhor o nosso tempo. Quem sabe se o nosso dia a dia fosse mais interessante, mais significativo, então, talvez, todo o nosso esforço faria sentido. Fosse assim, talvez não fôssemos obrigadas a nos questionarmos se tudo de importante na vida é aquele cotidiano enfadonho.

Sentimentos de êxtase, com as horas do dia a dia contadas, nos enganam, dizendo-nos que merecemos momentos mais emocionantes, como férias, uma ida ao salão de beleza, uma noite com as amigas, um saldão naquela loja linda ou um tempinho de paz no sofá. “Olha, já cuidei das crianças e da casa, então vou sair um pouquinho com as amigas!” Deixamos subentendido aos nossos maridos como seria bom ter um cartão de crédito com um plano melhor, ou como seria excelente receber um buquê de rosas naquele dia. Publicamos fotos do nosso dia a dia para ganhar mais curtidas nas redes sociais. Afinal, desse jeito, quando virem o cesto lotado de roupa suja que temos para lavar, nossos seguidores enfim darão valor ao nosso árduo trabalho.

Em outras circunstâncias, quando não conseguimos elevar nossos padrões para as coisas deste mundo, acabamos tentando controlá-las com as estratégias mais recentes e refinadas. Vídeos de “vida minimalista”, tutoriais de “minimalismo”, sites com estratégias de organização e podcasts desses assuntos nos oferecem a esperança de derrotar o ciclo interminável de responsabilidades que acompanham a vida em família. Ora, se não conseguimos eliminar as obrigações referentes a este mundo, que, ao menos, consigamos adaptá-las ao nosso gosto, não é mesmo?

Encontrar significado nas coisas deste mundo é uma boa meta, mas, quando almejamos que signifiquem somente aventuras, realizações, conquistas e louvores, é provável que tenhamos perdido o foco. Podemos tentar fugir das coisas desta terra e substituí-las por algo melhor. Talvez um hobby, quem sabe investir em novos relacionamentos, ou tentar aproveitar ao máximo o tempo para ter um pouco mais de produtividade e alegria nesta vida debaixo do sol. Mas, apesar de nossos esforços, ainda ficamos nos perguntando se fizemos o suficiente para que tenha valido a pena, já que o novo, com o tempo, torna-se rotineiro.

Agora, se a maternidade é levada de mundanismo em mundanismo, e as coisas da terra não chegam a corresponder às nossas expectativas para este mundo — se acabamos sentindo que não teremos uma vida extraordinária —, então, sério mesmo, qual o sentido? O Evangelho, no entanto, consegue nos dar propósito e alegria, fazendo-nos ver o trabalho extraordinário de Deus em meio a montanhas de roupas suja, cadeiras de balanço, viagens a trabalho, pias cheias e longas manhãs de brincadeiras com nossos filhos?

A mensagem do Evangelho

Criação: um serviço ordinário e proveitoso para o povo de Deus

No princípio, Deus ordenou que o seu povo trabalhasse em atividades proveitosas e referentes às coisas deste mundo. Do nosso ponto de vista, parece que nomear os animais foi algo extraordinário, mas é bem provável que não passou de uma responsabilidade cotidiana de Adão, executada em adoração, propósito, e alegria (Gn 2.15, 19). Enquanto Adão e sua ajudadora, Eva, conferiam ordem ao mundo de Deus, com bondade, zelo e autoridade, o casal manifestava a imagem e semelhança de Deus e glorificavam o seu nome. Havia proveito e dignidade na vida ordinária de Adão e Eva, uma vez que seu trabalho e serviço encontravam sua origem no comando do Senhor.

Nós, mães, continuamos a refletir o caráter de Deus sempre que nos conformamos à sua imagem e semelhança. Momentos comuns eram uma realidade antes da queda, e o cotidiano não foi rebaixado nem deixado de lado por Deus. Pelo contrário: o dia a dia era cheio de tempos valiosos e significativos para o andamento da vida.

Queda: pessoas ordinárias em busca de ser como seu Deus extraordinário

Infelizmente, Eva não estava satisfeita com a plenitude da provisão de Deus no Éden, nem plenamente saciada com o conhecimento e as responsabilidades que havia recebido do Senhor. Em vez disso, ela deu ouvidos à serpente, que a tentou a buscar o extraordinário, a fim de, comendo da árvore do conhecimento do bem e do mal, tornar-se como o próprio Deus (Gn 3.5). Eva foi a primeira pessoa que desejou sair dos limites humanos e ordinários estabelecidos pelo Criador para atingir um patamar maior, ilimitado, querendo ser como Deus.

Esse mesmo sentimento atinge a vida das mamães quando são tentadas a acreditar que precisam abandonar deveres ordinários — como trocar fraldas, disciplinar as crianças, alimentar os famintos, responder a e-mails, lavar a louça, pagar as contas e assim por diante — como um trabalho frívolo, inferior, sem sentido. Em vez de aceitarmos os limites e responsabilidades que Deus nos deu, ansiamos por jogá-los fora e brincar de deus, dando a nós mesmas o controle sobre diferentes frentes, supostamente melhores. Como Eva, queremos fazer o papel de Deus, ainda

mais se pudermos deixar de lado os momentos menos emocionantes da vida.

Deixamos de encontrar nossa identidade em quem somos (portadoras da imagem de Deus) e passamos a tentar encontrá-la naquilo que conseguimos fazer (tendo os “olhos abertos” e buscando ser sábias, Gn 3.6). Ansiamos por mais do extraordinário e menos do ordinário; estamos famintas por mais restaurantes chiques e menos sanduíches de geleia com pasta de amendoim.

Mas quando classificamos o valor da vida de acordo com a produtividade, comparando as circunstâncias externas para ver quem está fazendo o melhor e quem tem uma vida mais interessante, nunca ficamos satisfeitas com a nossa rotina. Orgulhar-se das próprias capacidades e fugir do ordinário, sempre em busca de momentos extraordinários, é o mesmo que seguir os passos infiéis de Eva.

Redenção: a vida ordinária de Cristo e seu amor extraordinário

Deus já sabia que, uma vez que o seu relacionamento com seu povo fosse rompido, não haveria caminho de volta sem uma intervenção extraordinária. A vida de Jesus foi um paradoxo entre ordinário e extraordinário. Cristo veio ao mundo mediante o padrão natural de um parto por um meio milagroso: o útero de uma virgem (Mt 1.23). Ele teve uma infância rotineira de ajudar, comer, brincar, aprender, trabalhar — uma infância tão normal que temos pouco ou nenhum registro dela, embora saibamos que foi sem pecado (2Co 5.21).

Antes do ministério público de Jesus, ele passou mais de uma década trabalhando em uma vocação comum. E, em seu ministério público, Cristo continuou a fazer coisas comuns, como passar tempo com seus discípulos, fazer refeições com o povo, ensinar dia após dia e viajar. Mas embora tivesse um gostinho da vida cotidiana, ele a viveu de maneira extraordinária — de uma forma que somente o Deus encarnado poderia viver. Ele realizou milagres, perdoou pecados, acalmou tempestades, curou enfermos e ressuscitou pessoas dentre os mortos.

Sua obra mais extraordinária foi consumada quando Deus realizou a salvação de seu povo por meio da crucificação, uma sentença de morte suportada por criminosos comuns. Deus opera tanto por meio daquilo que é feio quanto no cotidiano para trazer vida, redenção e concluir seu soberano

plano — e a verdade é a mesma para aqueles que são habitação do Espírito Santo.

Sendo o Espírito Santo nosso Ajudador, podemos agora reformular, apreciar e utilizar nossos momentos mais rotineiros como um meio de graça para os outros e para nós mesmas. Nem sempre sabemos como Deus trabalha, mas confiamos nele sem ver porque acreditamos que o Senhor realiza sua boa vontade mesmo quando algo parece comum aos nossos olhos humanos (Hb 11.1). Seu plano de redenção se desdobrou ao longo de milênios através de pessoas normais, cujos momentos cotidianos caminharam em direção à vitória sobre a morte, quando Jesus deixou seu túmulo. Jesus Cristo é aquele que desempenha um papel extraordinário na história da humanidade.

Consumação: o trabalho ordinário feito novo

Embora não haja detalhes revelados a esse respeito, as Escrituras registram que Deus fará novas todas as coisas. Como Adão e Eva no Éden, faremos um trabalho significativo, bom e até mesmo comum — tudo para a glória de Deus. Abandonaremos o orgulho, sem ficar pensando em como o nosso trabalho é ou não “legal”, e, em vez disso, coroaremos Jesus com muitas coroas (Ap 19.12). Todos os momentos de nossa vida — ordinários e extraordinários — nos motivarão a cair diante do Cordeiro que está assentado no trono, adorando a dignidade de Jesus em todas as coisas.

Você nunca sabe o que Deus está fazendo

A narrativa bíblica demonstra que pessoas comuns nem sempre sabiam quando Deus estava usando seus momentos cotidianos, suas vocações, seus relacionamentos diários, interações fiéis e orações contínuas para concretizar seus soberanos planos e propósitos.

No relato do Êxodo, as parteiras Sifrá e Puá, no contexto de seu trabalho cotidiano, agiram corajosamente quando enganaram o faraó e salvaram os bebês hebreus (Êx 1.15–16). Por meio de sua fidelidade em meio a momentos cotidianos, cansativos e exaustivamente rotineiros, apoiando as mães durante o trabalho de parto, trazendo bebês ao mundo, ajudando-as a amamentar e sobreviver, Deus frustrou os planos do faraó de erradicar uma geração.

Embora tenha experimentado uma concepção milagrosa pelo Espírito Santo e fosse a mãe do próprio Filho de Deus, Maria muito provavelmente ficou grávida de outros filhos, amamentando-os, preparando comida para sua família, ensinando e educando crianças, buscando água e assim por diante. Deus criou seu Filho extraordinário, o Redentor do mundo, em uma casa comum, ordinária.

A realidade é que a maioria das testemunhas da Bíblia tinha uma vida normal. Pessoas de fé juntamente com seu trabalho cotidiano e seu serviço ordinário passavam desapercebidos enquanto Deus operava maravilhas. Essa realidade deve nos encorajar.

Assim, enquanto balanço, pela milésima noite consecutiva, um dos meus bebês até que ele durma, consigo ter fé que Deus pode usar esse momento ordinário para cumprir sua vontade em minha vida. Quando estou conversando com um dos meus filhos à mesa do café da manhã e o outro entope os *waffles* de calda, posso ter fé que esta conversa planta sementes que não consigo enxergar. Quando pego pilhas de roupa suja, faço mais uma compra da semana, guardo os brinquedos do bebê no cesto da sala e limpo a mesa pela enésima vez, posso saber que manifesto a imagem de Deus enquanto trago ordem para o meu cantinho da criação divina. Nem sempre sei como essa imagem comunica o caráter de Deus às pessoas com quem convivo, mas confio que ela faz isso.

Creio que não há nenhum momento do dia tão pequeno que a glória de Deus não consiga alcançá-lo e resplandecer sobre ele.

A vida diária de Cristo

A nossa parte que quer realizar algo extraordinário e ser “como Deus” ainda existe. A parte do nosso coração que anseia por mais do que cestos de roupa suja, por mais do que esperar ao portão da escola pelo filho, por mais do que lidar com os mesmos problemas com os mesmos velhos colegas de trabalho, essa parte ainda queima.

Geralmente, acabo correndo atrás de respostas para esses anseios, manipulando minha vida para que seja mais dinâmica e animadora, além de menos normal e rotineira. Rolo o *feed* das redes sociais no meu celular, sustentando a esperança de ver algo interessante para acrescentar à minha própria vida. Tento tornar a pia de louça suja menos desinteressante

ouvindo podcasts enquanto esfrego os pratos. Ser cuidadosa com o meu tempo é uma coisa boa, mas meu anseio mais profundo de glória e propósito deve ser encontrado em Cristo e suprido por ele.

Saibam disto, mamães: porque estamos unidas a ele, nossa identidade é extraordinária e nosso chamado é magnífico. Lembre-se de que fazemos parte de uma história épica com um final glorioso. De fato, não somos tão especiais quanto pensamos, mas Cristo, que habita em nós, é espetacular. Ele é nossa esperança da glória (Cl 1.27). Podemos fazer tudo que é extraordinário com a nova natureza que Cristo nos deu por meio do Espírito Santo.

Dobrar roupas pode ser algo cotidiano, mas é extraordinário fazê-lo pacientemente com alegria e um coração cheio de amor. Pode ser rotineiro sentar-se no sofá e ler outro livro para uma criança chorona de quatro anos, mas é extraordinário mostrar bondade e misericórdia para um pecador indigno. Pode ser algo ordinário encher a geladeira com mantimentos, mas é extraordinário louvar a Deus por sua provisão. Nossos momentos diários podem ser comuns, mas quando os realizamos enquanto exibimos o fruto do Espírito, eles refletem nosso extraordinário Salvador (Gl 5.22–23).

Portanto, as pilhas de roupa suja continuarão vindo e chegando — e tenho certeza de que meu marido continuará tentando encontrar maneiras de tornar o processo mais ordenado e eficiente. Mas podemos buscar a excelência em nossos momentos cotidianos, os quais ninguém vê, sabendo que “viver é Cristo” (Fp 1.21). Até mesmo dobrar roupa é um momento “dele, por ele e para ele” (Rm 11.36). E isso não é nada ordinário.

Questões para revisão

1. Qual a rotina da maternidade de que você menos gosta? Descreva como esse momento ordinário a faz se sentir, e por qual motivo ele a faz se sentir assim.
2. Como Jesus se identifica com você nessa atividade terrena? E de que forma o seu papel na história da redenção de Deus dá um novo propósito a essa atividade?
3. Como você pretende manifestar o caráter de Deus àqueles com quem você convive enquanto vive a sua rotina?

CAPÍTULO 8

O Evangelho e nossas experiências de parto

Laura

Eu estava bem na metade da minha primeira gestação, quando senti o "instinto de aninhamento" começar a agir. O instinto, no entanto, não dizia respeito ao bebê em si mesmo, mas sim à preparação para o trabalho de parto. Naquela época, eu não parava de ler, pela internet, histórias sobre parto, e fazia perguntas incessantes às minhas amigas sobre como havia sido o delas, na sede de me inspirar e me preparar para o meu próprio "parto dos sonhos".

Comecei a comprar os melhores livros sobre gestação e trabalho de parto, entrevistei algumas doulas que conheci pela internet, visitei um centro de parto com uma das menores taxas de cesariana do estado e nos matriculei (eu e meu marido) em um curso de parto da região recomendado por uma amiga, no qual ela afirmava ter aprendido os passos para chegar à sua "perfeita experiência de um parto completamente natural". Na 32.ª semana de gestação, eu já tinha esquematizado como seria o meu parto. O plano ocupava duas folhas, que incluía iluminação baixa, uma lista de músicas relaxantes, uma longa lista das minhas posições favoritas e até mesmo qual tipo de anticoagulante intravenoso eu iria preferir, caso necessário (caso esteja curiosa para saber: heparina).

A cada duas semanas, eu costumava bradar para o meu marido algo do tipo: "Eu acredito no meu potencial, amor. Consigo passar pelo parto natural, sim. Basta eu querer. Mulheres são guerreiras! Nosso corpo foi criado para esse momento!", enquanto processava em palavras de que forma eu imaginava como o nosso primeiro filho chegaria aos nossos braços. Meu marido era um guerreiro, dando-me apoio em minhas esperanças de um parto completamente natural (embora ele não compreendesse totalmente o meu zelo), mas também me lembrava: "Na

verdade, não sabemos como será, certo? Estamos lidando com outra vida prestes a chegar ao mundo — pode ser imprevisível, concorda?".

"Claro, claro, concordo", eu respondia. Mas, no fundo, eu mesma não tinha tanta certeza assim. A não ser que o meu parto fosse curtíssimo, eu já tinha um plano. Os médicos e hospitais teriam o dever de me ouvir, pois eu queria o melhor para o meu bebê e para mim. Ora, só isso já não deveria ser o suficiente para eu ter o relato de parto dos meus sonhos?

Estava com 39 semanas quando entrei em trabalho de parto. Trinta e seis horas depois, segurei em meus braços um bebê saudável de 3,5 quilos, mas ainda estava deitada no leito hospitalar, exausta, derrotada e frustrada. Uma cópia do meu plano de parto estava ao meu lado, no chão, toda amassada, abandonada, assim como minha experiência de parto dos sonhos. Em vez de vislumbrar uma alegria avassaladora pela nova vida em meus braços, meus olhos derramaram lágrimas ressentidas e amargas. Meu filho parecia um estranho aos meus braços, e eu estava me sentindo desconfortável e inapta, pronta para devolvê-lo ao meu marido.

Nas semanas e nos meses seguintes, estas perguntas não saíam da minha cabeça: "O que deu errado com o meu plano? Tinha como ser diferente? Precisava ser assim? Por que o meu relato de parto foi tão ruim?".

A mensagem que a cultura nos conta: é possível alcançar a perfeição

Desde bem novas, mulheres normalmente são criadas com a esperança de que um dia darão à luz e serão mães. Mas, naturalmente, vamos aprendendo a realidade. Amigas mais próximas descrevem como são as contrações à medida que se intensificam, irmãs revelam os horrores que é ter de usar um frasco de lavagem pós-parto, embora tentem convencê-la de que é mágica, e relatos de parto compartilhados na internet contam todos os detalhes (por meio de palavras e imagens) do trabalho de parto e do nascimento. Pesquisas na internet explicam o que levar na bolsa de hospital, como formular um plano de parto e quais músicas ouvir para se acalmar durante a fase de transição. Tutoriais e dicas para ter um relato de parto perfeito (o que quer que "perfeito" signifique para você) são um mar sem fim. Sobretudo na ocasião do primeiro parto, a mulher coleciona tutoriais, dicas e histórias para guardá-las como uma rede de segurança a fim de garantir o parto de seus sonhos.

Hoje em dia, o relato de parto perfeito é caçado como o Santo Graal. Se lermos os livros certos, praticarmos os métodos mais adequados e tivermos o bastante de resistência e força de vontade, conquistaremos o poder de manipular uma das coisas mais vulneráveis e humilhantes que faremos, fazendo com que ela se curve aos nossos desejos como uma exibição de nossa própria força e controle. Nossa inclinação natural para o orgulho nos diz que, se conseguirmos nosso relato de parto perfeito, poderemos esfregá-lo na cara das amigas como um troféu. Contando seu relato de parto para as amigas e ouvindo as histórias delas durante um chá de bebê? Não se esqueça de mencionar que você seguiu todo o protocolo. Aos olhos deste mundo, são muito atraentes os méritos de compartilhar relatos de parto perfeitamente controlados e elaborados. Quem não quer parecer uma heroína?

Para algumas mulheres, sua experiência na hora de dar à luz correspondeu aos seus planos; já para muitas outras, apesar de ser difícil admitir, seu relato de parto foi tudo, menos o que queriam. Dói demais chegar ao limite e enxergar as próprias falhas. Em vez de nos sentirmos como heroínas, nos sentimos um fracasso. Assim, o que teríamos a perder agindo como se não nos importássemos?

Depois, encobrimos nossa frustração e nosso desespero com um certo tipo de parto, enquanto fazemos pouco caso: “Sendo bem sincera, não ligo tanto assim. O que importa é ser feliz!”. Postando fotos nas redes sociais da bagunça e das vergonhas do parto com legendas cômicas, usamos de uma honestidade fria e crua para contar aos nossos amigos e familiares que estávamos sozinhas e não sabíamos o que fazer, que nossa bolsa estourou em público, ou que nosso marido quase desmaiou ao ver todo aquele sangue durante o parto. Escondemos nossa dor, nossos sofrimentos e tristezas com humor e leveza, transformando uma experiência íntima e sensível em um ato de comédia para a diversão das visitas.

Cada novo parto é uma nova chance de testar a si mesma, uma nova chance de mostrar que, da última vez, não foi um acaso — você realmente é uma deusa-guerreira —, ou que, desta vez, a azarona finalmente conseguiu uma vitória.

Agora, se nada disso der certo… bom, espero que haja, ao menos, uma história engraçada.

Independentemente do procedimento, toda mulher concorda que o trabalho de parto é árduo. Trata-se de um momento imprevisível. A maldição que recaiu sobre Eva permanece firme e forte em toda mulher, a grande niveladora da raça feminina.

Toda essa projeção nos revela a verdade sobre a condição do ser humano: não temos esperança e precisamos de um Salvador. Sim, é importante preparar-se e compreender bem o corpo da mulher, a fim de cuidar da sua saúde e do estado do seu bebê, mas não somos deusas, com absoluto controle sobre a nossa vida, nem imunes à dor e às adversidades de um parto que não se concretiza de acordo com o planejado.

Por isso, precisamos pegar nossos planos, desejos e relatos de parto e, apesar de tudo, lançá-los aos pés da cruz de Cristo. Devemos confiar que nossas esperanças e sonhos por um parto perfeito fazem parte de um plano maior e de uma história mais grandiosa, que redimirão não só os nossos partos, mas também toda a criação.

A mensagem do Evangelho

Criação: sejam fecundos e multipliquem-se

"Sejam fecundos, multipliquem-se, encham a terra" (Gn 1.28, NAA). Eis a ordem que Deus deu a Adão e Eva no jardim logo após a criação. Lá o Senhor os abençoou, dando-lhes instruções para a vida, que incluíam a ordem de ter filhos. Sem a queda, a gestação e o trabalho de parto não seriam repletos de dor e fraqueza. Sem o pecado, todo relato de parto receberia os mais doces suspiros e louvores durante um chá de bebê, e seria mais desejável do que a experiência natalícia mais linda e maravilhosa de que ouvimos falar hoje em dia.

Queda: o aguilhão da maldição

"Multiplicarei sobremodo os sofrimentos da tua gravidez" (Gn 3.16). Quando Adão e Eva desobedeceram a Deus e comeram da árvore proibida no jardim, a humanidade foi amaldiçoada por causa do pecado, e a mulher passou a sofrer em sua experiência de dar à luz. Desde então, a ordem "sejam fecundos, multipliquem-se" deixou de significar somente a enorme alegria de ter filhos. Agora é uma ordenança misturada com muita dor, esforço e sofrimento.

Por séculos, quando se trata de gerar filhos, as mulheres têm sentido intimamente o peso da maldição do pecado. Em lugares e regiões sem medicina moderna, o parto ainda é uma das principais causas de morte para mulheres. Ainda hoje, embora existam rumores de procedimentos sem medicamentos e sem dor, o parto geralmente inclui momentos de dor intensa, grande fraqueza e uma aguda consciência de nossas incapacidades. Agora saímos da sala de parto com pontos, cicatrizes, hematomas e feridas. Muitas de nós ficamos surpresas com a maneira como nossas histórias se desenvolveram. Para as mais dolorosas histórias de parto, a maldição do pecado e da morte impede algumas mulheres de conhecerem seus próprios bebês, ou não permite que elas desfrutem de seus filhos por mais do que um pouco de tempo. Já outras mulheres, tristemente, nunca nem mesmo sequer tiveram a chance de experimentar o trabalho de parto.

Depois da queda, toda a jornada da maternidade é forjada com medo, esforço e sacrifício. A dor de ter filhos começa no dia da concepção e continua não apenas durante o nascimento, mas persiste durante os primeiros anos, a escola primária, o dia da formatura e toda uma vida. Não sofremos somente dor física e adversidades, mas também temos um coração obstinado, em busca constante de controle, estabilidade e segurança em tudo, exceto em Deus. Particularmente no parto, temos a mentalidade de encontrar conforto e escapar da maldição ainda em nosso corpo físico, sem pensar em nossa necessidade de escapar da pior de todas as maldições, que se encontra na alma. Nosso esforço se presta a *redimir* a experiência de parto, em vez de confiar no único e verdadeiro Redentor.

Redenção: a luz que ilumina toda aquela que dá à luz

Mas, surpreendentemente, foi por meio deste sofrimento ocasionado pela maldição do pecado que Deus enviou nosso Salvador, que, finalmente, nos libertaria de nossas amarras. Uma moça, sozinha e rejeitada, sem saber onde ou como teria seu filho até o dia em que entrou em trabalho de parto, Maria finalmente deu à luz o nosso Redentor entre alguns animais, deitada sobre terra, sujeira e feno. Não se tratava de uma maternidade. Não havia banheira de hidromassagem ou aromaterapia, e eu duvido muito que José soubesse o que era contrapressão. Mas foi por meio de um relato de parto, em uma pequena cidade de Israel, que Deus continuou com sua grandiosa história, enviando nosso Redentor como um bebê que acabaria por suportar

todo o peso da maldição na cruz, levando embora toda nossa vergonha, libertando-nos de todos os nossos sofrimentos e traumas e os substituindo por esperança, paz e graça.

Para nascer, Jesus atravessou uma maldição a fim de destruir a maldição.

Uma vez que Cristo bebeu da maldição, não encontramos nossa esperança em um plano gestacional perfeitamente formulado, nem confiamos em nosso próprio corpo para "cumprir o seu papel", tampouco encontramos nossa identidade em uma experiência de nascimento desejável. Por causa do sacrifício de Cristo, depositamos nossa confiança somente em Deus. Ele é o Criador da vida e o único que pode prover a verdadeira libertação, seja de um parto normal, seja da recuperação de um parto que não aconteceu conforme o planejado.

Nestes dias de medicina moderna, as misericórdias de Deus são abundantes: hospitais e médicos especializados, doulas e bolas de parto, aquecedores e ar-condicionado, máquinas de ultrassom, epidurais, intervenções médicas, se necessárias... e a lista poderia continuar. Deus não precisaria nos dar nada disso, mas, por causa de seu amor, ele nos concede tais bênçãos e privilégios.

Consumação: o fim dos nossos gemidos

Quando, de uma vez por todas, nosso Redentor retornar, não mais sentiremos a dor do parto. Naquele dia, a maldição será totalmente removida, todas as feridas serão completamente curadas, os mortos ressuscitarão e seremos eternamente unidas ao nosso Salvador. Hoje, nosso gemido externo por redenção das dores do parto reflete o gemido interno de nosso coração pela verdadeira redenção que virá à luz com o retorno do nosso Salvador (Rm 8.23–24). Mesmo em meio à nossa necessidade de controlar nossos planos gestacionais, dificuldades na gestação, no trabalho de parto e no nascimento, sem contar os sentimentos de frustração ou orgulho, podemos ter esperança, sabendo que nossa experiência de parto não representa a palavra final de Deus para nós.

Deposite sua esperança somente na história do Evangelho

Você pode não ter experimentado o trabalho de parto ainda, ou pode ter várias experiências de parto, todas com histórias, relatos e resultados

diferentes. Mas, independentemente do seu caso, acredito que a maioria passa por um sentimento natural de bolar um plano de parto. Seja entrando no trabalho de parto sabendo que você pode simplesmente pedir a epidural assim que vestir a camisola, seja expressando continuamente o desejo de ter seu parto em casa, com etapas minuciosas, visando o parto mais natural possível, é normal querer se preparar e se planejar para um evento tão importante e único.

Sem dúvida, é uma postura sábia ter conhecimento de causa e compreender o processo de parto e suas opções médicas ou hospitalares, mas há uma diferença entre estar preparada para tomar boas decisões e precisar estar no controle de cada momento (e ficar arrasada quando não consegue controlar cada detalhe). Antes de o meu primeiro filho nascer, eu tinha medo do desconhecido e me orgulhava das minhas capacidades. No fundo, no fundo, eu não confiava em Deus para cuidar de mim. Adorei o controle e a perfeição deste mundo, a criatura em vez do Criador (Rm 1.25). Caso você esteja vivendo isso, sei muito bem que é fácil cair em um destes dois extremos: orgulho ou desespero. Louvor a si mesma e orgulho de suas próprias capacidades, caso sua história marche de acordo com a sua definição de plano perfeito; desespero e frustração se tudo der errado.

Para uma mãe, o parto é uma representação pessoal e íntima do Evangelho.6 Reações a histórias e relatos de parto revelam a necessidade maior que a mulher tem de ser liberta de um mal ainda pior e mais terrível: seu próprio coração, falho e pecaminoso. Deus santifica as mamães por meio da criação de filhos, pois, pela maternidade, ele mostra, de forma aguda e dolorosa, quão fracas de fato somos (Rm 8.22–23). Nossas fraquezas e falhas trazem à luz a lembrança de que não estamos no controle e de que não somos autossuficientes. Essas verdades esfregam na nossa cara que não somos deusas.

Mas, embora a história do nascimento do nosso filho seja imprevisível, nosso Deus não o é. Mesmo antes da fundação do mundo, nosso Deus planejou uma história perfeita de redenção para o seu povo. Milênio após milênio, o Senhor fielmente desenvolveu esta narrativa, até concluí-la com perfeição. Temos uma história, vivemos no tempo, e permanecemos pecadoras, necessitadas, fracas e imperfeitas, mas podemos confiar em nosso Deus, que é perfeito, sem mancha nem mácula. Ele prometeu que irá

conduzir o seu plano até à perfeita consumação, quando, finalmente, nos libertará dos nossos pecados, unindo-nos para sempre com Cristo.

Sabendo disso, não encontraremos nossa esperança no registro de parto dos sonhos, mas tão somente no Salvador perfeito. Jesus Cristo, em sua necessidade mais profunda e sombria, em sua mais terrível fraqueza e fragilidade, confiou plenamente no plano de Deus, até a morte.

Deus é o único que escreveu uma história perfeita

Enquanto planeja o nascimento do seu filho ou pensa sobre o parto, lembre-se de que Deus é o doador da vida. Ele é o único que escreveu uma história perfeita. O Senhor é digno de todo o louvor em nossas experiências de gestação e parto. Em meio às decisões, escolhas, fracassos e realizações, temos um alicerce firme e inabalável em nosso bondoso Deus e na história perfeita que ele tem reservada para nós. O Senhor jamais nos abandonará, nem nos deixará sozinhas; Deus sempre vem em nosso socorro. É um ato de misericórdia que a fraqueza da gestação e do trabalho de parto derrube as barreiras que construímos e nos dê mais da nossa real e mais urgente necessidade: o próprio Deus.

Sendo assim, planejemos o nosso parto e enfrentemos a gestação de uma forma que adore a Deus, e não de um modo que preste um culto à criatura. Portanto, mesmo em meio a todas as dificuldades, confie em Deus e agradeça ao Senhor por tudo que ele já fez, por tudo aquilo que está fazendo e por tudo aquilo que ele ainda fará. Quando tiver seus filhos, medite em sua nova vida em Cristo e seja grata por fazer parte do Evangelho de Deus, cuja história é maior, melhor e livre de imperfeições.

Questões para revisão

1. Enquanto se planeja para o seu próximo parto e medita na gestação, quais são suas expectativas? Algumas delas são idealistas demais à luz da queda e do pecado?

2. De que forma o processo de gestação e o parto refletem suas maiores necessidades e fraquezas interiores? Como o Evangelho lhe traz esperança?

3. Que ato de misericórdia da parte de Deus você vê na gravidez e no parto, e como esta obra misericordiosa leva cada mãe a adorar ao

Senhor?

CAPÍTULO 9

O Evangelho e a imagem que concebemos do nosso corpo pós-parto

Emily

Bem antes de clicar em “Publicar” no Instagram, logo hesitei. Não mais que duas semanas após dar à luz nosso quinto filho e eu já estava com vergonha do meu corpo pós-parto e da imagem que ele representava. O punhado de fotos alegres que tirei na festa de aniversário do meu filho de dois anos não supriu minhas expectativas. Em vez de uma mãe jovem e de aparência renovada, logo vi uma mulher que parecia mais pesada e mais cansada do que a minha tolerância podia suportar.

Nos últimos seis anos e quatro gestações, ficava orgulhosa de mim mesma quando conseguia perder peso rapidamente, com inveja quando minhas amigas se recuperavam antes de mim e envergonhada quando não conseguia secar a barriga. Com todo aquele fardo pesando em minhas costas, considerei manter aqueles doces momentos da festa de aniversário só para mim. A parte do meu coração que desejava minha própria glória preocupava-se com o fato de a foto revelar o preço que a gravidez havia cobrado de mim, declarando-me comum demais e excessivamente humana. E ainda mais frustrante para o meu coração pecaminoso era o pensamento de que essas fotos corroeram minha reivindicação de beleza externa, traço com o qual eu adorava me identificar.

À medida que essas preocupações se acumulavam em meu coração, a voz da verdade falava cada vez mais alto. Exortei a mim mesma com essa verdade e rememorei a narrativa do Evangelho. Lembrei a mim mesma que Deus não me ordenava que eu parecesse como se nunca tivesse tido um filho, que o meu valor não era equivalente ao tamanho de calça jeans que eu vestia e que eu não era definida por aquilo que os outros pensavam de mim. Sou plenamente justa diante do trono da graça por causa da graça de Deus, por meio da fé. Lembrei-me de que, afinal de contas, o mundo não gira ao

meu redor, logo sou livre para encarar o espelho e não ser capturada por orgulho ou desespero.

Com tudo isso em mente, decidi clicar em “Publicar”. Desta vez, eu não queria me preocupar com meu corpo pós-parto e a imagem que ele representava; eu queria acreditar nas Boas-Novas sobre minha posição em Cristo e aproveitar aquela época da vida. Era o fim da batalha mental para mim? Não, provavelmente não. Mas amo os dias em que mentiras são substituídas pela verdade.

A mensagem que a cultura nos conta: elimine todas as evidências da maternidade

Os pensamentos deficientes e danosos que repassei não são exclusivamente meus; muitas vezes, eles são vividos na cultura que nos cerca. Na era de mães celebridades e supermodelos, apresentar a imagem de uma mãe normal parece ser um ato vergonhoso. Envelhecer e ganhar peso são tabus que devem ser combatidos com cremes, cosméticos, academia e dietas radicais, para que, assim, você consiga parecer melhor do que quando tinha 21 anos. Para este mundo, não só é vergonhoso manter uma aparência pós-parto como é glorioso parecer que nunca teve filhos. Certo site de fofocas publicou uma manchete intitulada “Mais magra que antes do bebê!”, com a foto de uma famosa no tapete vermelho, meses após o parto. A mãe comum se pergunta: “Como isso é possível? O que eu fiz de errado com o meu corpo?”.

E isso não acontece só “com os de fora”, mas com os de dentro também. Visitar amigas que reclamam de seu corpo oito semanas após o parto (quando elas mal têm uma pancinha) nos deixa amarguradas e com inveja. Pedimos que a outra guarde segredo, tentando descobrir se a chave é a amamentação ou um modelo específico de calças *legging* com cintura alta. Em casa, nossos filhos cutucam nossa barriga e perguntam quando vai chegar o outro bebê (enquanto, na verdade, o único bebê da casa cochila no quarto ao lado). Dúvidas e questionamentos sobre o nosso próprio corpo tornam-se inescapáveis. Mesmo na intimidade do quarto com nosso marido, ficamos cismadas: “Amor, desliga a luz”.

Além disso, nossa cultura tem lentamente migrado da preocupação com a balança para a idolatria de um estilo de vida saudável. Pode parecer que as

mães que não adotaram um estilo de vida *fitness* depois do bebê, resultando em músculos mais definidos e um corpo esbelto, não valorizam nem a si, nem seus filhos. Todas essas mensagens vêm embrulhadas, com um lacinho no topo e uma etiqueta em que está escrito: “Não tem desculpa. Qualquer mãe pode fazer isso!”.

Como mordomos de um corpo criado para servir ao Senhor, devemos, definitivamente, cuidar de nossa saúde. Por vezes, contudo, a cultura nos grita: “Que vergonha, mamãe! Você não só está fora de forma; você evidentemente não se preocupa o suficiente com seus filhos para dar o exemplo de um estilo de vida saudável”. Para uma mãe comum (seja mãe biológica, seja adotiva, decisão que também exige sacrifícios), qualquer coisa fora recuperar a saúde básica e o peso anterior ao bebê pode parecer um grande fracasso, mesmo que a mamãe em questão esteja dando tudo pela família, mantendo-se ativa e comendo legumes, verduras e vegetais.

A mensagem do Evangelho

Criação: feitas para dar à luz

Voltemos um pouco, pois o desígnio original de Deus nos ajuda a entender o que o Senhor tem em mente quanto à capacidade de uma mulher de ter filhos e o papel que seu corpo desempenha nesse processo.

À sua imagem e semelhança, Deus criou Adão e Eva sem nenhuma falha, e os colocou no jardim (Gn 1.26–27). E, embora o corpo de Eva tivesse sido projetado para ser lindo, sua identidade não se encontrava em sua aparência externa. Pelo contrário, sua beleza servia para, trabalhando ao lado de Adão, glorificar a Deus e cumprir a missão que o Senhor havia lhe dado de ser fecunda, multiplicar-se e dominar a terra. Dar à luz filhos originalmente fazia parte do bom desígnio de Deus (Gn 1.28).

Queda: marcada pela maldição

Infelizmente, nunca experimentaremos o maravilhoso privilégio de ter um corpo fértil que funcione perfeitamente. Culpa do pecado, que entrou em cena quando Eva duvidou da bondade de Deus e, ainda no jardim, desobedeceu ao claro mandamento do Senhor. O pecado trouxe maldição, que ocasiona a dor e o sofrimento do nascimento de uma criança; o pecado manchou toda a criação. Após a queda, as mulheres foram sujeitas à

realidade de abortos espontâneos, infertilidade, morte materna, estrias, problemas e dificuldade com perda e ganho de peso, varizes, dor crônica na coluna e na pelve, dor no ligamento redondo do útero, manchas na pele após a gravidez, olheiras enormes, rugas e muito mais.

Após a queda, dar à luz já não era algo vivificante; o parto tornou-se custoso e, agora, exige sofrimento, implica em dor.

Não importa como uma mulher se torna mãe — seja biologicamente, seja por adoção —, seu corpo terá de pagar o preço. Seu tempo torna-se limitado, você dorme bem menos, sua cabeça fica cheia das necessidades alheias e sua liberdade é podada, uma vez que a mãe precisa se preocupar com aquilo que os filhos dela vão comer, antes de fazer o próprio prato e ter tempo para comer. Mas, em vez de reconhecermos as limitações de ser mãe e confiarmos nos bons propósitos e desígnios de Deus em relação à maternidade, nossa tendência é perpetuar a adoração às aparências externas. Em vez de desejarmos aprender acerca da obra de Deus em nosso caráter e em nossa fidelidade, preferimos ouvir os outros dizerem: “Nossa, nem parece que você teve um filho!”. Se dependesse de nós, seríamos mães sem ter de sacrificar nada; seríamos mães que não pagam o preço da maternidade.

Redenção: identificar-se com uma pessoa, não com um tipo de corpo

Mas, ao contrário do que nos forçamos a acreditar, gerar uma vida não vem sem sacrifício. Sabendo quão fundo conseguimos ir para prestarmos louvor ao nosso ego, Deus abriu um caminho para a nossa redenção. E não foi aplicando um pequeno corretivo sobre o pecado ou consertando nosso corpo pós-parto “defeituoso” nesta vida. Para abrir-nos o caminho da salvação, Deus enviou seu Filho a este mundo, a fim de fazer o maior dos sacrifícios para que pudéssemos ter a vida eterna. O Senhor nos restaurou espiritualmente para seus santos propósitos.

Jesus certamente entende o que significa ficar com cicatrizes, ser rasgado e ferido, e até mesmo derramar seu sangue para dar vida (Is 52.14). Ressuscitado dos mortos, Jesus mostrou essas cicatrizes a muitos como um testemunho da obra de Deus mediante sua obediência. Quando confiamos em sua morte em nosso favor, acreditamos que morremos naquela morte com ele e ressuscitamos para viver uma nova vida pelo Espírito (Rm 6.4).

Esta confiança significa, também, não buscar uma determinada aparência física nesta vida. Em vez disso, buscamos uma pessoa que nos ame profundamente e nos dê um valor incomensurável e imutável. A única coisa que nos fará verdadeiramente felizes não é um número de calça menor ou um abdômen trincado após o parto, mas o próprio Cristo.

Este sacrifício significa não nos importarmos com o que acontece com o nosso corpo? Significa tratá-lo mal, fazendo o que quisermos? Jamais! Fomos compradas por um sacrifício de alto preço, e as próprias cicatrizes que Cristo carrega em seu corpo nos lembram de que não pertencemos a nós mesmas, mas devemos testemunhar a glória de Deus. Somos sua feitura em Cristo, criadas para boas obras (Ef 2.10). Mesmo nossas cicatrizes físicas causadas pela maternidade são uma sombra da graça de Deus, conquistada por alto preço.

Consumação: nosso corpo e o serviço do Evangelho

Nesta vida, todas nós glorificaremos a Deus com o nosso corpo de diferentes formas, mas, independentemente disso, devemos nos lembrar da natureza temporal de nossa aparência física. Em última análise, o corpo físico por que esperamos é aquele que ressuscitará com Cristo quando ele retornar e formos transformadas à sua imagem (Fp 3.20–21). Não temos a obrigação de conseguir o corpo perfeito hoje. Sabemos que o tempo que temos de vida é curto e que teremos um corpo perfeitamente restaurado por toda a eternidade.

Deus não tem vergonha do seu corpo pós-parto

Assim como eu tive de exortar e aconselhar a mim mesma com a verdade, antes de publicar uma foto da minha imagem pós-parto no meu perfil do Instagram, é importante lembrar-se da seguinte frase: “Deus não tem vergonha do meu corpo pós-parto”.

E como eu sei disso? Bom, para começar, nosso Senhor não gasta tanto tempo, nas Escrituras, tratando de como nossa aparência física deve ser. Pelo contrário, Deus, na maior parte da Bíblia, prova as atitudes e motivações do coração. Enquanto ocupadas julgando e avaliando quem é a melhor mãe com base em sua imagem pós-parto ou com a imagem de uma mulher mais equilibrada com base em aparências externas, Deus olha para o coração. O Senhor está preocupado com um tipo diferente de beleza. Na

verdade, Jesus nem mesmo era fisicamente atraente de uma forma que atendesse às expectativas de sua cultura (Is 53.2).

Deus se preocupa com coisas como preguiça, gula, idolatria, egoísmo e orgulho. Somos descuidadas com o nosso corpo? Devemos usá-lo para nosso próprio deleite, ou consideramos cuidadosamente como fazer o melhor uso dele para os propósitos do Senhor?

Deus também se preocupa com nosso espírito. Seu espírito tem paz, mansidão e confia no Senhor? Seu espírito se concentra no que é eterno e invisível, ou você passa tempo demais preocupada com as vantagens temporárias da beleza física? Tentamos ser "positivas em relação à nossa imagem", sem reconhecer a origem de nosso valor, entregando nossos corpos a Cristo?

Em meio a todas essas coisas, podemos nos voltar para Deus em adoração hoje, com um correto desejo por saúde centrado no Senhor, não em nós. Em vez de nos envergonharmos com a nossa autoimagem pós-parto, por causa de uma barriguinha, ou nos orgulharmos de nossa capacidade de conseguir um corpo melhor do que antes de ter filhos, devemos submeter por inteiro nossa vida a Deus. Pode ser que o Senhor nos traga à memória a sabedoria de exercitar-se regularmente, comer bem e manter metas voltadas ao bem-estar e à saúde, ou que ele simplesmente nos incline a um descanso a mais, em vez de mais um dia na academia (sim, talvez isso não ajude a queimar a pança, mas costuma ajudar a mamãe a ficar mais mansa enquanto os filhos estão acordados).

Além disso, lembremos que a grande comissão não diz respeito a sair pelo mundo e pregar: "Mãe, você não precisa parecer que teve um filho. Assuma o controle de sua vida e elimine os efeitos da gravidez!". Em vez disso, somos chamadas a renunciar nossos supostos direitos, gloriando-nos somente em Cristo, que tem o poder de salvar e dar verdadeira felicidade àqueles que estão perdidos neste mundo.

Volte os seus olhos para Deus

Depois de tudo que já consideramos, é normal continuar confusa quanto ao modo como Deus conduz, na prática, nossa luta contra a imagem que formamos de nós mesmas do nosso corpo pós-parto. Afinal, mesmo em nossas melhores intenções, permanecemos limitadas.

Somos limitadas pelos extensos e profundos efeitos da queda sobre o nosso corpo e sobre nossas circunstâncias pós-parto. Privação de sono, agendas lotadas, pessoas com necessidades urgentes, hormônios enlouquecidos, cicatrizes do parto, recursos financeiros limitados, falta de ajuda e muito mais nos impedem de atingir o melhor potencial de nosso corpo. E, mesmo em situações assim, cabe a nós confiar que o Senhor há de ser glorificado em nossas fraquezas.

Nosso espírito pode manifestar um contentamento adorável mesmo em cenários que revelam que exercícios de qualidade, cremes antirrugas, maquiagens caras e dietas especiais simplesmente não são opções plausíveis. É mais proveitoso exibir a verdadeira beleza enquanto os outros testemunham nosso amor pelo próximo em nome de Jesus, em vez de ficarmos obcecadas em não comer a cobertura do bolo.

Somos, também, limitadas pela realidade do corpo humano. Deus não criou a mulher para sobreviver com uma dieta constante de donuts, frango frito e *milk-shakes*. E é bem provável que não conseguiremos sucumbir à ociosidade física por muito tempo sem consequências. A endorfina liberada pela prática de exercícios é capaz de nos auxiliar psicológica e emocionalmente na pressão de criar filhos. Sim, a saúde é uma dádiva de Deus; devemos investir nela sempre que possível.

Seja como for, tentamos viver além de nossos limites naturais por causa do orgulho.[7] O antídoto para o orgulho não é buscar perfeição, mas abraçar o único que é perfeito. Nossas limitações apontam para a nossa necessidade do Salvador. Independentemente de como Deus tem moldado nosso coração enquanto lutamos contra a imagem que temos do nosso corpo após o parto, tudo diz respeito à glória de Deus e ao privilégio que temos de participar de sua grandiosa história (e não a sermos a estrela de nossa própria história).

Onde ou em quem seus olhos têm descansado, mamãe? Em suas calças de moletom apertadas e espremidas? Na barriga mais sequinha da sua amiga? No seu perfil do Instagram? Naquela nova blusa que você acha que finalmente cobrirá sua barriga pós-parto? Na esperança de conseguir ir à academia todos os dias desta semana?

Ou seus olhos estão voltados à fidelidade de Deus em Cristo e em sua participação no maravilhoso chamado de fazer discípulos a partir daqueles que fazem parte da sua vida, em especial seus filhos? Volte seus olhos para

Jesus. Seu índice de gordura corporal pode não desaparecer, mas sua obsessão consigo mesma pode ir embora, em Cristo.

Questões para revisão

1. Como você tem lutado com seu corpo e sua imagem pós-parto? A imagem que você tem de si mesma ocupa grande parte de seus pensamentos ou atitudes? Por que sim ou por que não?
2. Deus deseja que você dedique seu tempo e preste seus esforços a quem ou ao quê? Como os valores de Deus mudam a forma como você enxerga o seu próprio corpo?
3. Levando em consideração seu tempo, seus recursos e suas limitações, como você deve administrar seu corpo como um dom de Deus?

CAPÍTULO 10

O Evangelho e nossas escolhas alimentícias

Laura

Toda manhã é a mesma coisa. Mingau de aveia e pasta de amendoim (com algumas uvas-passas para dar aquele docinho) servidos em tigelas de cores simples dispostas sobre a ilha da cozinha. Já faz um tempo que sou fã dessa rotina simples. Ela enche a barriga até umas 10h e me livra de frescuras e preferências de cada um, enquanto mal acordei ainda (três vivas para as pequenas vitórias do mundo materno!).

Mas já existiu um tempo em que esse café da manhã não era tão simples assim.

Meu primeiro filho tinha pouco mais de um ano quando comecei a introduzir alimentos sólidos durante suas refeições. O famigerado pote de tampa vermelha com pasta de amendoim estava no armário, e logo concluí que, se era suficientemente bom para nós, adultos, seria bom o bastante para o nosso tesouro sentado naquele cadeirão. Mas, após ver uma discussão num grupo do Facebook, um alimento básico na nossa despensa (meu fiel companheiro), de repente, passou a representar uma decisão perigosa, exigindo cuidados mais meticulosos, caso eu quisesse ser considerada uma boa mãe, preocupada e atenta.

As mães daquele grupo estavam falando dos perigos do açúcar refinado, dos adoçantes artificiais, aditivos, corantes e emulsificantes. Digamos que aquelas mamães usaram um monte de palavras difíceis para falar coisas que eu nem imaginava da minha amada pastinha de amendoim. Sem contar a discussão a respeito dos artigos mais recentes sobre o período correto de introduzir pasta de amendoim à alimentação do bebê, para evitar alergias: a partir de um ano, o quanto antes, no consultório do pediatra, direto do pote, misturando com água quente para fazer um purê, e só se for de amendoim

orgânico, processado em casa. Opiniões e artigos borbulhavam mais depressa do que eu conseguia ler. Eu já conseguia sentir aquela pontada de culpa materna, enquanto me afundava naquele mundo grudento de filhos e pasta de amendoim.

Como mãe, esse sentimento de culpa associado à alimentação tem sido um inimigo doméstico. Ele surgiu repentinamente quando tentei esconder uma lata de fórmula infantil em um grupo de mães; depois que, sem pensar muito, comi queijo de cabra durante a gravidez; e, quando fui ver, estava dando biscoitos de chocolate feitos com farinha branca para o filho de uma amiga que preferia prover aos filhos uma dieta sem glúten. Sem contar as inúmeras vezes que, após ter trabalhado até tarde da noite, preparei para o meu marido comida congelada.

Então, aquela voz começa a sussurrar: “Você já comeu a salada de hoje? Aquele salgadinho não foi bem antes do jantar? Não é melhor deixar aqueles morangos de molho no vinagre, já que não são orgânicos? Sim, é irritante, mas você só deveria comprar aquela pasta de amendoim natural que precisa mexer em banho-maria, senão fica empedrada”. O terrorismo alimentar pode se provar interminável, e a cultura é a culpada de a minha alma se sentir esmagada por pressões referentes à comida.

A mensagem que a cultura nos conta: superalimento, super-humano

Hoje em dia, nos atolam com mensagens de que podemos usar a comida para resolver tudo quanto é problema. Quer perder a barriguinha pós-parto? Siga essa ou aquela dieta. Quer melhorar o comportamento do seu filho? Pare de dar essa e aquela comida. Lutando contra a queda de cabelo pós-parto? Tome esta vitamina todas as manhãs. Quer se livrar da pele seca do seu bebê? Tente esfregar um óleo nas partes ressecadas algumas vezes ao dia.

Você só estará cumprindo com o seu dever se alimentar os seus filhos com as comidas certas, cultivados da maneira correta e cozidos pelo método ideal. Comida é combustível. Alimentação é estilo de vida. Refeição é aceitação. Alimentos são o melhor remédio. Comida é poder, é posição social.

Sem dúvida, dietas sem açúcar, sem glúten, vegetarianas e outras práticas alimentares podem ser uma ajuda legítima. Às vezes, nossos filhos

ou nós mesmas devemos evitar certos alimentos devido a alergias (leves ou mesmo fatais), ou necessidades de saúde — dificuldades que devem ser consideradas e atendidas, sem exceções. Mas, outras vezes, criamos regras radicais ou desnecessárias com base em preferências pessoais, dietas da moda, o último estudo que viralizou, etc.

A pressão começa no dia em que a mulher se torna mãe e percebe que precisa pensar em como irá alimentar seu próprio filho. Essa mesma angústia só piora à medida que o seu filho cresce, começa a ter contato com os primeiros alimentos sólidos (Posso dar clara de ovo? Faço uma papinha de abacate? Dou aveia com vitaminas e ferro?) e a mãe se vê lidando com um bebê de paladar exigente, horários malucos, refeições enquanto vem e volta, merenda escolar, fazer comida para um junta-panelas depois do culto de domingo, lanches entre os intervalos de um exercício e listas de restrições com o que não podem comer numa festa de aniversário da escola. Boas mães monitoram seios e mamadeiras, garfos e colheres. Elas medem a extensão de seu amor, a qualidade de seu cuidado e a profundidade de sua devoção pelo bem-estar de seu filho.

À medida que a família dessa mamãe cresce e muda, surgem novas pesquisas e transformam-se os estudos a respeito das melhores dietas e dos alimentos recomendados. Se esfolar toda para acompanhar as tendências nutricionais pode ser mais cansativo do que criar filhos. Sem mencionar que, para qualquer mãe que não tenha o luxo de tempo ou dinheiro para ser exigente com aquilo que serve sobre a mesa, é um esforço profundamente desanimador.

A alimentação é, sim, fundamental e, na verdade, representa uma parte icônica da história do Evangelho (o fruto no jardim, lembram?), mas a mensagem de Deus em relação à nossa alimentação e à comida que colocamos na mesa de nossa família é diferente daquilo que a cultura prega. Ter cuidado com o que come não é ruim, mas Deus valoriza mais aquilo que damos de alimento ao nosso coração do que aquilo que comemos para encher o estômago. Após a queda, a capacidade que os alimentos têm de curar e nutrir o corpo foi limitada. Jesus Cristo, no entanto, pode curar tanto corpo e espírito, para toda a eternidade.

A mensagem do Evangelho

Criação: o Éden comestível

O primeiro alimento que o homem e a mulher comeram deixaria no chinelo qualquer uma de nossas dietas "100% orgânicas". Plantados por Deus, produtos cultivados localmente preencheram o Jardim do Éden, todos livres de agrotóxicos, pesticidas, produtos químicos, aditivos, fertilizantes e corantes. A agricultura no Éden era prolífica, bela e perfeitamente nutritiva para o sustento da vida. Adão e Eva nunca passaram fome. Alergia a amendoim era algo inexistente, e gorduras prejudiciais nem mesmo existiam. O Éden era um paraíso gastronômico.

Deus declarou que todas as plantas, todos os animais e toda a terra eram "bons" e os portadores da imagem divina "muito bons" (Gn 1.31). O Senhor deu a Adão e Eva por alimento todas as sementes, plantas, frutos e árvores do jardim, exceto a árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 1.29; 2.16–17). Do interminável bufê de ervas, frutas e vegetais que o casal tinha para desfrutar, apenas um prato era proibido.

E foi justamente este prato que Adão e Eva não conseguiram deixar de comer.

Queda: o fruto proibido

Com uma mordida em um fruto perfeito, cultivado localmente, sem agrotóxicos nem aditivos químicos, da fazenda para a mesa, nosso relacionamento com Deus foi rompido. Mas o fato de Eva ter comido do fruto não passou de um sinal externo de sua dúvida interior e desejo de provar algo que não viesse de Deus. Com uma mordida no fruto proibido, o mundo dos alimentos e nossa relação com a comida repentinamente desabaram.

No jardim, não havia proibições, exceto por uma árvore; após a queda, passado um bom tempo, o povo de Deus recebeu meticulosas leis dietéticas. Com alimentos proibidos, como carne de porco e frutos do mar, o complexo conjunto de regras alimentares os diferenciava de outras nações (Lv 11.1–47). Havia normas, regras e leis a respeito do que comer, quando comer, de que jeito comer e de que forma preparar a refeição.

No dia em que o pecado original entrou no mundo, Deus amaldiçoou a terra com espinhos, abrolhos, cardos e exigiu o suor de nosso rosto para que

do solo pudéssemos obter sustento (Gn 3.17–19). A terra agora geme sob a maldição do pecado. Os agricultores suam e se esforçam para produzir safras e criar variedades de gado suficientes para alimentar a população mundial, mas, mesmo assim, a produção e a colheita nunca atingem algumas das pessoas mais necessitadas. Há pessoas que acordam e vão para a cama com fome. Crianças choram por uma refeição que suas próprias mães não conseguem fornecer. Países inteiros sofrem de desnutrição e milhões morrem de fome todos os anos. Os alimentos que temos estragam e apodrecem, perigosas pragas e bactérias nos ameaçam e conseguem invadir nosso corpo por meio de alergias, vícios, doenças cardíacas, diabetes, infecções, etc.

Além disso, sentimos a maldição do pecado em nosso próprio lar. A mesa é um campo de batalha. Coagimos nossos bebês a "comerem pelo menos três colheradas", lutamos contra nossa própria vontade de comer mais brownie enquanto nos escondemos na despensa, e montamos um jogo implacável de cabo de guerra com decisões sobre amamentação e mamadeira. Trata-se de luta, necessidade, de um ciclo ferido da alimentação.

A queda também fendeu nosso relacionamento com os outros. Agora, a mulher evita a hospitalidade ou o companheirismo por medo de não estar em dia com as dietas mais recentes, ou temerosa de, sem saber, servir algo que possa causar reação alérgica na visita. Evitamos nos reunir em torno da mesa porque essa união exige tempo, energia e esforço demais. Temos medo de prejudicar nossos relacionamentos — ou uma dieta perfeitamente executada. Fazemos malabarismos argumentativos e gaguejamos em torno do tema das escolhas alimentares, ora engolindo a seco um julgamento, ora prontas a aproveitar os ouvidos abertos de quem abre as portas para o nosso testemunho alimentício. Queremos iluminar e banhar de conhecimento aqueles que nos ouvem, convertendo-os à nossa maneira de pensar. Encontramos nossa validação, nosso valor e nosso culto na comida.

Redenção: o Pão da Vida

E, sabendo que mesmo um momento tão ordinário quanto uma refeição à mesa nos levaria ao colapso, Deus enviou seu Filho para cessar nossa derrocada. Não é possível curar a falência deste corpo dando aos nossos filhos mais legumes e verduras, em vez de doces e salgadinhos (embora

sejamos tentadas a acreditar nisso). Somente o corpo crucificado de Cristo na cruz pode verdadeiramente nos redimir e nos libertar dos nossos pecados. Quando veio a este mundo e cumpriu a lei, Jesus removeu as restrições de leis alimentares. Enquanto caminhava no solo seco, arenoso e implacável desta terra, Cristo deu instruções claras quanto à nossa relação com a comida, declarando todos os alimentos puros (Mc 7.18–19).

Em virtude da obra de Cristo, não encontramos nossa identidade em regras alimentares ou dietas especiais e restritas. Sim, ainda queremos cuidar com sabedoria de nossos corpos, mas sabemos que não somos separadas ou tornadas mais santas por evitar certos alimentos, nem devemos nos sentir envergonhadas pelos alimentos de nossa geladeira ou congelador (Rm 14.7–8). A decisão de amamentar ou dar mamadeira não precisa nos levar a pesquisas estressantes no Google, porque nossa confiança não está em um método predileto, mas em Jesus. Por causa de Cristo, todos somos bem-vindos à mesa. Encontramos nossa retidão somente em Jesus, e não na lista de compras do mercado. Podemos ser gentis com aqueles que tomam decisões diferentes das nossas e conseguimos perdoar quando alguém se esquece de nossas necessidades ou preferências. Nós nos gloriamos na cruz de Cristo, e não em nossas habilidades culinárias (Gl 6.14).

Consumação: da fazenda à mesa para a eternidade

Naquele dia, quando nos unirmos ao nosso Salvador no Éden eterno, nossa batalha contra a comida terá terminado. Naquele dia, os salvos e o restante da criação serão glorificados e aperfeiçoados (Rm 8.20–23). Uma vez unidas com Cristo na nova terra, não mais discutiremos sobre preferências alimentares ou certificações de alimentos orgânicos, nem lutaremos com dietas de efeito sanfona ou com terrorismo alimentar. As alergias serão um sofrimento do passado, e aqueles memes aterrorizantes não nos deixarão sem dormir por termos servido cachorro-quente no almoço.

Finalmente desfrutaremos de um jardim abundante e de farta produção, livre de ervas daninhas ou de um solo rochoso. Ainda trabalharemos, mas nosso serviço será gloriosamente livre de cansaço e fadiga em vão (Is 65.21–23). A alimentação ainda será uma parte essencial de nossa vida, mesmo na eternidade, assim como é hoje. Estaremos unidas ao nosso Salvador no jantar mais maravilhoso da eternidade, com produtos trazidos

diretamente do produtor, e repleto de vinhos saborosos, envelhecidos, uma comida deliciosa, farta, exuberante (Is 25.6).

Bufê livre

Moro em Iowa, no coração do Centro-Oeste dos EUA — também conhecido como celeiro do país —, e não é incomum ouvir mães debatendo os méritos da biotecnologia, dos transgênicos, das certificações orgânicas, do abastecimento de alimentos e muito mais. E, olha, bem que eu gostaria de poder dizer que sempre fui uma espectadora inocente nessas conversas (especialmente quando começavam os atritos), mas, sendo bem sincera, não fui. Já vomitei fatos que li na internet enquanto dava de mamar tarde da noite. Já repeti exatamente a mesma coisa que um amigo que trabalha na indústria agrícola disse para mim. Já julguei, silenciosamente, a opinião de outras mães — afinal, ora elas são "naturalistas demais e extremistas na dieta", ora a minha vontade é de dar a todas elas um saco de couve de bruxelas.

Com mais frequência do que gostaria, vim a descobrir que eu mesma me encaixava na turma dos legalistas do Novo Testamento. Alguns dos crentes da igreja primitiva estavam se envolvendo em debates acalorados quanto às leis e regras dietéticas. Alguns acreditavam que era necessário abster-se de certos alimentos, enquanto outros declaravam que aquelas leis não lhes diziam respeito. Em Romanos 14, Paulo aborda diretamente esse tópico. Ele diz à igreja que pare de brigar por comida. Por Cristo ter vencido a morte, todos os alimentos foram declarados puros. Há liberdade na escolha dos alimentos. O que se ingere pertence à esfera da consciência de cada um (Rm 14.1–4).

Paulo nos lembra de que não somos o padrão nem o juiz do próximo. Uma vez que Jesus cumpriu toda a lei, nosso valor não se encontra em restrições dietéticas, nem em seguir a amamentação até um ano de idade ou mais, tampouco em tendências alimentícias. Deus dá as boas-vindas a todo tipo de cristão — tanto àqueles que seguem dietas rígidas quanto àqueles que comem de tudo —, e assim também nós devemos proceder (Rm 14.3–4). Preparo físico e alimentação têm seu valor, mas não podemos viver como se nossa salvação dependesse disso (1Tm 4.8).

Preferências ou obsessões?

Muitas das minhas amigas preferem carnes e produtos orgânicos, enquanto outras caçam promoções e fazem questão de comprar em liquidação. Fora as que dão preferência aos produtores locais. Aliás, tenho algumas amigas que chegam ao ponto de criar alguns animais e ter a própria horta.

Não é errado alimentar sua própria família com cuidado e consideração. Na verdade, é um ato de amor e misericórdia proteger um familiar de possíveis alergias, criar uma dieta equilibrada e garantir que todos estejam supridos de vitaminas e energia. Além disso, Deus criou a comida para que nos deleitemos, enquanto servimos ao Senhor. Comer é celebrar! Podemos (e devemos) nos deliciar com o som de algo fritando na frigideira, com o verde intenso de um pepino e com o aroma de um bife perfeitamente grelhado.

O problema surge quando julgamos, condenamos e criticamos os outros por não terem a mesma opinião que a nossa. Torna-se pecado quando nossa visão está tão embaçada que não conseguimos amar o próximo só porque ele segue outras visões acerca da alimentação. Na verdade, sinto que é fácil esquecer que, embora eu possa dar um pulo no mercadinho mais próximo e comprar o que as minhas papilas gustativas quiserem naquele dia, algumas mães ficariam gratas se pudessem simplesmente encher a barriguinha de seus filhos. Podermos escolher o que queremos comer é um presente do nosso bom Deus, mas nem todos terão a oportunidade de, neste mundo, experimentar a redenção com abundância de escolhas na hora de sentar à mesa.

Você fica amargurada com aquela mãe que, bem quinze minutos antes do almoço, serve bolachinhas e biscoitos como entradinha? Você revira os olhos ao ouvir de uma mãe que ela pretende deixar seu bebê longe de açúcar refinado até um ano? Você fica se culpando pelo pedação de cheesecake que comeu no aniversário daquela amiga?

Quando uma mãe quebra nossas barreiras alimentares, especialmente para com nossos filhos, nossa reação deve ser falar a respeito do estado de nosso coração. Se você vive inquieta, pesando constantemente a dieta dos seus filhos, estressada pensando onde conseguirá comprar aquelas naturebas ou secretamente esperando converter suas amigas ao seu estilo de vida, saiba que já levou suas preferências alimentares longe demais. A questão é:

sua identidade se encontra em uma dieta específica ou numa tendência que você quer para a sua família? Ou sua identidade se encontra no sacrifício de Cristo, apesar do que serviram para comer numa festinha?

Assumamos a postura de um coração humilde e grato, recebendo nossa comida com ações de graças, enxergando-a como uma provisão de nosso Pai celestial. Além disso, que reconheçamos que Deus nos libertou de seu juízo — e, também, de fazermos juízo dos outros (1Tm 4.3–5). Graças ao Evangelho de Jesus Cristo, podemos ir ao mercado, cozinhar e dar de comer à nossa família com liberdade.

Questões para revisão

1. Para você, mãe, a comida é um termômetro de sua capacidade materna?
2. De que forma a sua identidade em Cristo remove a necessidade de se preocupar com alimentos, levando-a, em vez disso, a adorar a Deus por sua provisão e bondade em sua vida? Você precisa se arrepender de alguma idolatria em sua vida?
3. Como a liberdade do Evangelho a capacita a estender graça a pessoas com diferentes preferências alimentares, e a quem você pode estendê-la hoje mesmo?

CAPÍTULO 11

O Evangelho e nossos relacionamentos

Emily

Quando nosso primeiro filho tinha pouco mais de seis meses, meu marido e eu nos preparamos para passar nossa primeira noite fora. Naturalmente, escrevi um manual para os avós que ficariam cuidando dele.

A seguir, transcrevo uma breve citação da seção sobre a hora de dormir (sim, o manual tinha tantos tópicos que precisava de seções):

> Ele vai para a cama entre 19h e 20h. Cuidado com os sinais de sono! Se conseguirem, é melhor colocá-lo no berço entre 19h e 19h30. Se for dar banho nele, que seja depois das 18h30, para não tirá-lo da rotina de sono. De resto, é o seguinte: vá para um cômodo e diminua a iluminação, troque a fralda, coloque o pijaminha dele, coloque-o no saquinho de dormir, dê a mamadeira, depois a chupeta e o balance até dormir. Deite-o de costas, no berço, quando estiver pegando no sono, mas sem cobertores ou animais de pelúcia. Se o aparelho de ruído branco estiver ligado e o quarto estiver todo escuro, ele normalmente dorme assim que fechamos a porta, ou quase sem chorar.

Não tem problema, você pode rir de mim. Eu mesma rio de mim (e é bem provável que o vovô e a vovó também riam de mim). Minhas intenções para este manual pareciam boas. Queria que o meu bebê tivesse o mesmo conforto da mamãe e do papai, mesmo nos braços de outros ótimos cuidadores. Mas, por baixo dessa camada de boas intenções, os pressupostos danosos do meu coração exigiam que…

“A vovó e o vovô suprissem minhas expectativas para provar que amam meu filho e me querem feliz”.

“Eu repetisse que era a única que sabia cuidar do meu filho. Qualquer outra pessoa seria insuficiente”.

“Eu deixasse claro que qualquer um que me respeitasse seguiria todos os meus trejeitos e preferências”.

Evidentemente, estas sentenças não entraram no manual, mas minhas expectativas, preferências e padrões eram uma receita para atritos e tensões.

Tanto os avós por parte de pai como os por parte de mãe mostraram paciência enquanto resolvíamos as dificuldades neste novo aspecto do nosso relacionamento, mas o processo teve seus solavancos e percalços. Como você já consegue imaginar, eles nem sempre conseguiam seguir nossas regras. Nem sempre tivemos expectativas justas. Nem sempre conseguimos comunicar ou entender perfeitamente.

Passaram-se alguns anos desde então, e hoje consigo me esforçar para dar algumas dicas e instruções enquanto, tendo já deixado os maiores e os menorzinhos com os avós, saio pela porta da frente e grito “Brigadão, até depois!”. Ainda falamos o essencial e, aos poucos, tenho aprendido a confiar mais em Deus, confiar mais nos outros (aqueles que são dignos de confiança) e reconhecer que não sou a única que sabe cuidar bem de crianças e bebês.

A mensagem que a cultura nos conta: é a mamãe que manda, e o problema é de quem não gostar

Relacionamentos que envolvem a maternidade são complicados. Há tensão com os avós, por não seguirem sua programação para o almoço, constrangimento com sua amiga da igreja que acha que as crianças deveriam estar sempre presentes no culto, enquanto você está confortável no berçário, conversas desagradáveis com a mãe que acha que sempre é possível amamentar, basta ter força de vontade, reações erradas quando você acabou de sofrer um aborto espontâneo e sua amiga reclama da gravidez, e assim por diante.

Cada relacionamento, conversa, diálogo e interação tem o potencial de ameaçar sua identidade que diz respeito à maternidade, fazendo você se sentir envergonhada ou diminuída. Ou, talvez, você escolha se enaltecer, não se importando com o que as outras pessoas pensam, porque o seu jeito é o único que importa. Todos esses problemas causam fragmentação, isolamento e rancor em nossos relacionamentos.

A cultura ocidental é altamente individualista, elevando o “eu” e preferências pessoais acima do bem dos outros ou dos sentimentos de um grupo. Quando escolhas e preferências pessoais são colocadas num altar, acreditamos que os demais devem tolerá-las, aceitá-las e até mesmo encorajá-las. Nas últimas décadas, essa tem se tornado a base da

maternidade; por essas lentes é que temos enxergado nossos relacionamentos.

Quando as pessoas não suprem nossas expectativas ou não seguem o manual invisível que elaboramos para nossos filhos, reagimos nos negando, passiva ou ativamente, a dividir o amor, a comunhão e a alegria de nossos filhos. A cultura nos diz que a paz em um relacionamento só existe naquele ambiente em que concordamos com tudo. Segundo a cultura, é uma troca: só há bondade onde já houve bondade. Se alguém quer nos respeitar, a pessoa certamente concordará com tudo o que fazemos e nos encorajará a fazermos o que parecer melhor aos nossos próprios olhos.

Mesmo na família nuclear, a mãe geralmente tem vantagem nas decisões sobre cuidados infantis, preferências referentes ao padrão de vida e métodos educacionais. Então, às vezes, tudo realmente se resume a "É a mãe que manda nisso, e problema é de quem não gostar". A cultura pode fazer parecer que a opinião do pai (especialmente durante os primeiros anos do bebê) é boba, desinformada e inferior aos instintos aguçados da mamãe ursa.

Este é o propósito de Deus para nossos relacionamentos? Amar, aceitar e desfrutar apenas aqueles que suprem nossas expectativas sociais e incentivam (ou pelo menos toleram) nosso jeito de fazer as coisas?

Apesar da complexidade de nossos relacionamentos dentro da maternidade, a provisão e o exemplo de Cristo demonstrados no Evangelho nos ajudam a partilhar da graça, concordar com a justiça e ignorar ofensas em conflitos, tanto grandes como pequenos.

Uma breve advertência

Relacionamentos carregam diferentes níveis de saúde. Este capítulo trata principalmente de ofensas, dores de cabeça, atritos e tensões que surgem de expectativas equivocadas, escolhas ou preferências diferentes, influências levemente ruins e momentos de dificuldade ou amargura — isto é, conflitos e batalhas "normais" que vivemos diariamente. No entanto, relacionamentos com abuso (físico, emocional ou sexual) ou de natureza extremamente prejudicial à saúde (abuso de substâncias, linguagem obscena, racismo, problemas contínuos de saúde mental e assim por diante) provavelmente precisarão ser tratados de uma maneira diferente da

apresentada neste capítulo. Deus sempre chama os discípulos de Cristo ao perdão, mas também nos chama à proteção e à justiça. É certo estabelecer limites nos relacionamentos por amor, entrando em contato com as autoridades competentes quando necessário. E, para simplificar as coisas, é mais fácil discernir necessidades desse tipo na companhia de outros irmãos em Cristo, com pessoas que possam ajudá-la a saber como proteger-se e de que forma guardar o coração e a mente dos seus filhos.

A mensagem do Evangelho

Criação: é do jeito de Deus e acabou

Na criação de Adão e Eva, Deus lhes deu instruções (uma espécie de manual) para a vida neste mundo. A perspectiva de Deus para o seu povo, recém-criado, fundamentava-se no amor, essencial para o desenvolvimento e vida dos filhos de Deus. O Senhor desejava um relacionamento com Adão e Eva, mas relacionar-se com um Deus santo exige obediência absoluta aos seus mandamentos, claramente comunicados.

Deus, então, providenciou o mandato da criação: “Sede fecundos, multiplicai-vos, enchei a terra e sujeitai-a; dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todo animal que rasteja pela terra” (Gn 1.28). Adão e Eva deveriam usar “as ervas que dão semente e se acham na superfície de toda a terra e todas as árvores em que há fruto que dê semente” como alimento (Gn 1.29), mas eles não podiam comer da árvore do conhecimento do bem e do mal (Gn 2.16–17).

Embora as primeiras pessoas tenham recebido responsabilidade e autoridade (de igual modo os pais, com autoridade e responsabilidade), elas não eram deusas do jardim. Pelo contrário, essas gerações carregavam consigo o plano perfeito recebido por seus pais no momento de sua criação.

Queda: tomando nosso próprio rumo

Mas, em vez de seguir o caminho de Deus, obedecendo aos seus mandamentos no jardim, Adão e Eva, com o coração incrédulo, desobedeceram, e comeram da árvore proibida, após serem tentados por uma serpente (Gn 3.6). Eles fizeram o que parecia mais agradável aos próprios olhos, elevando seus desejos e preferências pessoais acima do

mandato da criação divina. E, uma vez que Adão e Eva rejeitaram os caminhos de Deus, todos nós herdamos seu pecado (Gn 3.5).

Seguimos os passos de nossos antepassados, rejeitando a verdade do bondoso propósito de Deus em troca de nossa própria visão de mundo (Rm 1.25). Em particular para as mães, essa rejeição significa elaborar nosso próprio "manual" para nossos filhos, com expectativas abertas ou camufladas em nossos relacionamentos. Se não deixamos nosso filho usar o iPad ou comer doces antes do jantar, e vemos outros pais transgredindo nossas leis, tocamos a trombeta e conclamamos nosso exército.

Nossas atitudes também podem ser mais sutis. Paramos e pensamos: "Pode ser assim com o seu filho, mas não me diga como criar o meu. Eu sou a deusa deste jardim e decido o que é melhor". Quando alguém questiona nosso padrão de vida, desafia nossas escolhas ou nos dá sua opinião contrária, guardamos ressentimento e reclamamos, esperando um momento para manifestar descontentamento indireta ou passivamente. Não estendemos o braço da comunhão àqueles que desobedecem às nossas regras de criação de filhos ou nos fazem sentir como mães não tão incríveis assim, uma vez que minar nossa imagem de excelência é atacar nosso maior anseio.

Não é que não devamos ter ideais ou padrões na maternidade. É bom ter planos e desejos para nossos filhos. O problema surge quando, acreditando que nossas preferências são o nosso bem maior, consideramos os comentários e escolhas dos outros como uma ofensa contra nós, em vez de olhar para a Palavra de Deus como nosso padrão de vida e relacionamentos.

Redenção: Cristo criou um novo caminho

Em vez de nos rejeitar para sempre por nos rebelarmos contra seus caminhos, Deus providenciou uma forma de reconciliação. Ele sabia que não seríamos capazes de obedecer aos seus bons, perfeitos e santos mandamentos. O único caminho para a liberdade foi aberto por meio de um ato de justiça divina (Rm 7.5–6).

Deus enviou seu Filho — que nunca cedeu à tentação de seguir seu próprio caminho — para se fazer pecado por nós, para que possamos conhecer e seguir o caminho de Deus em nossa vida mediante Jesus Cristo (2Co 5.21). Jesus nos comprou a possibilidade e capacidade de ter um

relacionamento correto com Deus, uma relação livre da expectativa de observar todas as suas leis, recebendo em si mesmo o castigo que merecíamos: a ira de Deus, a ausência de comunhão com o Senhor, seu forte braço de justiça e seu direito de se vingar (Mt 5.17).

Entender estas verdades deve nos impedir de ser como o servo implacável de Mateus 18.21–35 e como os fariseus condenados em Mateus 23.4–7. A reconciliação radical e a graça de Deus para conosco por meio de Cristo, quando falhamos em cumprir suas boas e perfeitas ordenanças, significa que devemos estender esta mesma graça radical ao nosso próximo, e perdoar-lhe, ainda que "setenta vezes sete".8 Também significa que devemos nos humilhar aos pés do nosso Messias, preferindo o relacionamento com o próximo e o privilégio de servi-lo às nossas opressivas preferências pessoais.

Consumação: o caminho para um Éden melhor

Um dia, quando todos os joelhos se dobrarem diante do Senhor, nossos manuais de maternidade serão vergonhosamente insignificantes em comparação com a revelação do perfeito plano de Deus. Ele vingará, retribuirá e julgará cada erro cometido (Hb 10.30). Não precisamos distribuir vingança ou negar amor a ninguém neste mundo, porque sabemos que a resolução virá quando Cristo retornar e Satanás for lançado no lago de fogo (Ap 20.10). Podemos esperar ansiosas pelo dia em que compartilharemos um relacionamento perfeito com a família de Deus — pessoas ressuscitadas em corpo que amarão, desfrutarão e celebrarão o caminho de Deus eternamente, mesmo com tantas preferências distintas.

A graça não é um passe livre

Podemos começar a envolver nossa mente com esta custosa reconciliação que Deus proveu em Cristo, mas a teoria nem sempre se traduz na prática. Quando a vovó e o vovô colocaram o bebê no berço duas horas mais tarde do que pedimos ou ouvimos que eles assistiram a um filme que consideramos pesado, o questionamento permanece: "Como oferecer graça sem dar aos outros um passe livre para fazer o que quiserem?".

Embora eu nem sempre saiba a resposta, pois cada caso é um caso, passei a me perguntar com mais frequência: "Isto aqui é uma *preferência pessoal*, um *capricho* de que eu friamente faço questão, ou um *pecado*

contra Deus e contra meu filho e que, por isso, precisa ser confrontado com amor?". Na maioria das vezes, no contexto de relacionamentos com pessoas de confiança, trata-se de, por exemplo, uma atitude desagradável diante do manual da mamãe, a qual posso encobrir com uma atitude cortês (1Pe 4.8).

Trata-se de uma preferência pessoal?

Algum pai, numa festa de aniversário, já se esqueceu de servir aquilo que segue as preferências dietéticas do seu filho?9 Considere acreditar no melhor de suas intenções e lhes ofereça sua mais sincera gratidão pela excelente festa. Eis uma ótima oportunidade de ensino para o seu filho, pois você o lembra de que as coisas nem sempre serão fáceis ou confortáveis. As pessoas nem sempre pensam em nossas preferências, mas ainda podemos amá-las. Podemos nos regozijar e lembrar-nos de um versículo como Provérbios 19.11: "A discrição do homem o torna longânimo, e sua glória é perdoar as injúrias".

Trata-se de um pecado, uma ofensa, e deve ser confrontado?

Por vezes, é difícil diferenciar nossas preferências pessoais de pecados e ofensas. De qualquer forma, podemos avançar a partir de uma postura de humildade. Com um coração disposto a perdoar, e mais preocupadas em amar os bons desígnios de Deus do que em fazer as pessoas aceitarem o nosso jeito de ser, podemos lidar com o pecado e buscar reconciliação quando necessário. Uma mãe que tirou a trave do seu próprio olho (admitindo seus próprios erros, seus próprios pecados, sua própria necessidade de graça) pode lidar mais eficazmente com ciscos (problemas e dificuldades ocasionadas pelo pecado) encontrados no olho de outra pessoa (Mt 7.1–5).

Se sua amiga não corrigiu o filho dela, mesmo após ter sido agressivo em várias brincadeiras, o processo de perdão e reconciliação pode incluir uma conversa franca, mas gentil, sobre o que machucou você ou seu filho. Se você e seu marido estão prestes a embarcar em uma viagem com seus sogros, o processo pode incluir uma conversa preventiva sobre os limites relacionais. O amor cristão traz o pecado diante do verdadeiro Juiz, procurando maneiras de relacionar-se com o mínimo das feridas ocasionadas pelo pecado.

Reflexões acerca de relacionamentos enraizados e fundamentados no Evangelho

Sentamos à mesa no restaurante mais chique de nossa pequena cidade para uma noite fora depois que as crianças já dormiram, e cada uma pediu algo diferente. As bebidas chegaram primeiro: chá de ervas, xícaras de chai, café descafeinado com leite e água mineral. Em seguida, vieram a comida e as sobremesas: couve-flor gratinada, pão de casquinha crocante, crème brûlée, bolo de chocolate sem farinha e galette de mirtilo. O prato e a bebida de cada uma eram diferentes, mas todas pediram do mesmo cardápio.

Quando me detive à nossa mesa, percebi que a vida daquelas mulheres era tão variada quanto as comidas e bebidas que pedimos. Sentadas à mesa havia mulheres com décadas de idade, mulheres que trabalhavam fora, mulheres que faziam voluntariado, mulheres que eram donas de casa em tempo integral. Algumas tinham mestrado, algumas eram proprietárias de pequenas empresas, algumas cursavam seminário e outras ainda estavam em dúvida do que fazer na próxima fase da vida. Nesse grupo, os campos missionários iam desde a frente doméstica até os confins da terra. Algumas estavam alcançando pequenos bairros em áreas rurais, algumas estavam ministrando a mães em situação de risco em um centro de mulheres da região, algumas davam amor para bebês em um orfanato, enquanto outras estavam conhecendo muçulmanas com a esperança de compartilhar com elas o Evangelho.

Mães que matricularam seus filhos em uma escola pública; mães que colocaram seus filhos em escolas particulares; mães que optaram pelo ensino domiciliar. Mães que amamentavam, mães que usavam uma bomba para tirar leite, mães que davam fórmula a seus bebês. Mães que vivenciavam as dores da saudade de um filho, mães que passaram por sustos durante a gravidez ou que tiveram filhos com necessidades especiais. Mães de dois filhos e mães de cinco filhos. Mães que tinham ajuda com o cuidado das crianças e mães que precisavam arcar com o peso de criar seus filhos sozinhas. Mães com renda familiar de seis dígitos e mães que se alegravam e viviam com uma pequena renda advinda do ministério.

Muitas mães: todas ministrando de diferentes formas e em diversas frentes, todas morrendo para si mesmas de várias maneiras, todas seguindo

e amando o Senhor Jesus Cristo, e todas vivendo o Evangelho de forma única em suas famílias, paixões e circunstâncias. Nele, por meio dele e para ele tínhamos conversas leves e profundas, com amizade e alegria.

E, embora esse momento em torno de uma mesa de jantar tenha sido idílico, foi também um pequeno reflexo dos relacionamentos que podemos ter quando nossas esperanças, expectativas e identidades estão enraizadas em Cristo.

Em Jesus, não precisamos elevar nosso manual materno como o melhor caminho, pois podemos reconhecer o caminho de Deus como o único caminho — um caminho que todas podemos percorrer, com humildade por meio da pessoa e obra de Cristo. Não estamos competindo; estamos em comunidade. Quando buscamos o bem maior do reino e o priorizamos acima de nossas preferências e desejos pessoais, quando colocamos em primeiro lugar a reconciliação e a compreensão, os relacionamentos recebem solo para prosperar, mesmo em meio a imperfeições e até mesmo ofensas.

Questões para revisão

1. Quais relacionamentos (amigos, avós, colegas de trabalho, etc.) foram mais desafiadores para você durante a maternidade e por quê? Quais são os seus maiores desafios devido às suas preferências pessoais? Você tem tratado diferenças e pequenos conflitos com a mesma gravidade de um pecado deliberado?

2. Quais são suas maiores falhas diante do padrão de Deus? Como o Senhor, em Cristo, lidou com esse problema? Como o entendimento dessa realidade em Cristo deve mudar a maneira como você se comporta em relacionamentos difíceis?

3. Pare um instante e imagine-se em tensões relacionais. Pense como você poderia orar pelas dificuldades, planejar meios de reconciliação e falar a verdade em amor. Você estaria preparada para enfrentar dificuldades de relacionamento com graça, verdade e amor?

CAPÍTULO 12

O Evangelho e nossas tradições

Laura

Dei alguns passos para trás e logo admirei meu trabalho: vinte e cinco sacolas de papel *kraft* penduradas em um galho de árvore com barbantes e prendedores de roupa. Mas, olhando melhor, decidi que precisava de uma pitada a mais de espírito natalino naquela decoração, então pendurei alguns galhos de pinheiro que peguei do meu quintal e alguns ramos de frutinhas vermelhas artificiais. “Olha só, agora, sim, estamos prontos para o calendário do Advento”, pensei comigo.

Primeiro dia: lá vou eu, toda animada e cheia de alegria. Sim, meus filhos de dois e três anos rasgaram algumas sacolas que pendurei e ficaram correndo de um lado para o outro durante a leitura bíblica, mas estávamos no clima! Depois, completamos um boneco de neve adesivado na parede. Então, contei a história de Adão e Eva em linguagem adequada à idade deles, e todos pareciam mal conseguir esperar pelo cumprimento da promessa (ou, talvez, pelo docinho depois da leitura, mas quem garante?). Ah, eu estava me sentindo a melhor mãe do mundo.

Quinto dia: eis-me frustrada. Tentamos dar uma volta para ver as luzes de Natal, mas, ao que parecia, o coração dos vizinhos era dividido em duas partes frias, pequenas e insensíveis. Vimos alguns piscas-piscas, mas nada de chamar à atenção. Meu filho de três anos perguntou um milhão de vezes: “Onde tão elas, onde tão elas?”. Nossa filha mais nova teve um chilique no carro porque a deixamos acordada até tarde. Caiu chocolate quente no banco do carro e eu precisei limpar. Pulamos a hora da história bíblica e, assim que chegamos, colocamos todos para dormir.

Décimo dia: estava acabada. Vamos, podem continuar, crianças, destruam os biscoitos caseiros que passei o dia todo fazendo. Biscoitos em formato de floco de neve já são horrorosos, mesmo. Aliás, qual o sentido de fazê-los com algum formato, sendo que vocês vão me implorar para comer

uns quinze, espalhar farelo pela casa inteira e precisar de um banho por causa do glacê grudado no cabelo? Por que ainda tento fazer essas coisas de “construir memórias”?

Décimo sétimo dia: agora, bateu o desespero. Papai trabalhou até tarde e perdeu a hora da atividade — outra vez. Tudo o que as crianças querem saber é quando vão “abriiiiirrr os presenteees!”. Sozinha, não tenho energia para completar a atividade da noite, então dou a todos um pedaço de chocolate, para depois ouvir: “Mais, mais, mais!” — em palavras e em língua de sinais. Incrível.

Quatro semanas depois, o calendário do Advento está todo estropiado, três sacolas de decoração estão rasgadas, uma simplesmente sumiu, e há mais agulhas do pinheiro no meu sofá do que no próprio galho. O estado desastroso do calendário era uma imagem do meu coração. Onde foi que eu errei? Tradições e memórias deveriam ser especiais e mágicas, mas tudo o que eu senti foi derrota e desânimo. Como é que outras mães conseguem?

A mensagem que a cultura nos conta: cerimônias perfeitas, pompas e ostentação

É claro que meus esforços excessivamente zelosos para criar tradições importantes não se limitaram ao Advento. Páscoa, Dia de Ação de Graças, aniversários, momentos de descanso em família, uma oração na hora das refeições: não importa se é um ritual diário ou um evento anual, sempre tive um talento especial para transformar as tradições em algo maior do que elas de fato são, perdendo meu foco daquilo que verdadeiramente importa.

E acredito que não sou só eu que tem esse problema.Tanto a cultura secular como a igreja dão grande valor às tradições, transformando-as em circunstâncias empolgantes, emocionantes, divertidas e cheias de garbo, requinte e elegância. A televisão e os filmes mostram casas magicamente decoradas para o Natal, grandes festas de aniversário com pula-pula e artistas de circo e festas de Ação de Graças que mais parecem vindas de uma pintura de Norman Rockwell.

As redes sociais não ajudam, exibindo cenas que antes eram reservadas ao contexto de Hollywood, dando a impressão de que todas as famílias celebram com extravagância. Momentos congelados no tempo parecem perfeitos. As crianças prestam atenção em tudo, os rolinhos de canela são

dignos de confeitaria, as cestas de Páscoa são sempre adoráveis, as atividades sempre bem pensadas e magistralmente executadas, e a decoração dos aniversários mais parece que acabou de sair de uma revista. Tudo é lindo e espetacular, e todos são felizes, alegres e sempre se dão bem. Fotos são salvas, sites são favoritados e está posto o padrão para que a mãe demonstre amor por sua família com decorações, planos e atividades especiais.

Além disso, no meio cristão, fazemos uma pressão a mais para garantir que haja um significado aprofundado na tradição, que deve ser perfeitamente transmitida por pais instruídos e recebida por filhos sedentos de saber. A mãe deve estar sempre atualizada sobre os mais recentes livros e músicas cristãos para crianças, flashcards de vocabulário, planos de memorização da Bíblia, calendários do Advento e cadernos para colorir da Semana Santa. Acabamos sentindo que perder um dia de ensino e educação intencionais significa que nosso precioso tempo foi perdido e nossos filhos podem nunca conhecer os caminhos do Senhor. Tanto pela internet quanto pessoalmente, mães conversam sobre um novo produto que compraram ou um novo sistema que estabeleceram para "plantar verdades solidamente bíblicas no fundo do coração de seus filhos". As pressões aumentam, uma após a outra, até que a mãe não consegue mais suportá-las.

Quando as coisas saem dos trilhos — seus filhos querem saber mais dos presentes do que de Jesus, quando o dia parece cheio demais e a família não passa um tempo junta, em silêncio —, a mãe pode se sentir arrasada. Ela falhou como mãe e precisa descobrir de que forma pode melhorar para ser, finalmente, uma "boa mãe". Noutros dias, quando seus planos de alguma forma magicamente se concretizam, ela fica toda feliz — mas por um momento. Então, seu coração começa a lutar contra o orgulho e volta ao mesmo ciclo de sempre.

Antes de perceber, a mamãe está presa e amarrada ou à sensação de fracasso, ou à sensação de sucesso das tradições familiares.

Tradições são boas, e até mesmo bíblicas. Mas Deus não promete que tudo sairá de acordo com as suas idealizações, especialmente quando há crianças envolvidas nessa equação, nem pede uma execução perfeita que surpreenda as outras mães do bairro. Em vez disso, o Senhor olha para o

coração. Deus não criou tradições para impressionar os outros; ele as projetou para lembrá-la de sua poderosa obra.

Portanto, a pergunta que não quer calar é: quando todo esplendor acabar — balões estourados, coroas jogadas fora, salões fechados, cadernos de colorir usados e pratos descartáveis jogados no lixo — o que terá restado?

A mensagem do Evangelho

Criação: rotinas cheias de significado

Por tradição normalmente se quer dizer uma prática costumeira, executada com certa regularidade. Mas não se trata de simplesmente ir à academia todos os dias ou comer diariamente um pedaço de chocolate amargo depois do jantar — a isso costumamos dar o nome de *hábito* ou *rotina*. O termo "tradição" significa "transmissão oral ou mediante o exemplo de conhecimentos, crenças e costumes de uma geração para outra sem instruções por escrito".[10] Trata-se de uma prática regular, mas com um significado a mais. Biblicamente falando, uma tradição é tudo aquilo que se torna rotineiro, mas com o significado adicional de, por meio dessa rotina, lembrar-se de Deus, celebrar e louvar sua obra e ensinar seus caminhos aos que nos cercam.

A palavra "tradição" não é encontrada no Antigo Testamento, mas, olhando com atenção, encontramos tradições que começam desde o relato da criação. Quando Deus concluiu a criação dos céus e da terra, das plantas e dos animais, do homem e da mulher, o Senhor descansou de sua obra, abençoando o sétimo dia e o santificando. Nos Dez Mandamentos, Deus diz ao seu povo: "Lembra-te do dia de sábado, para o santificar […] porque, em seis dias, fez o SENHOR os céus e a terra, o mar e tudo o que neles há e, ao sétimo dia, descansou; por isso, o SENHOR abençoou o dia de sábado e o santificou" (Êx 20.8, 11). Deus estabeleceu uma tradição, criando uma maneira regular de o seu povo honrar suas obras e lembrar-se dos seus feitos e maravilhas.

Queda: o eu com significado ensimesmado

Mas, à semelhança de nossos primeiros pais, nossa tendência natural é louvarmos e celebrarmos a nós mesmos, e não a Deus. Assim como nós, os israelitas tinham tradições anuais, como a Páscoa (para lembrá-los de como

Deus os havia resgatado da escravidão no Egito), a Festa dos Tabernáculos (para lembrá-los de sua jornada no deserto do Egito até a terra de Canaã) e a Festa dos Pães Asmos (para lembrá-los de sua pressa em deixar o Egito). Eles também tinham tradições mais frequentes, como o Shabat, os sacrifícios e ofertas diárias e a instrução diária de seus filhos acerca de Deus. “Ensinai-as a vossos filhos, falando delas assentados em vossa casa, e andando pelo caminho, e deitando-vos, e levantando-vos” (Dt 11.19). (O discipulado familiar caberia debaixo desse guarda-chuva, não?)

À medida que progredimos no Antigo Testamento, vemos que os israelitas tendiam a seguir os movimentos das tradições, servindo a Deus da boca para fora, mas permanecendo com o coração orgulhoso, enquanto se esforçavam para ter uma boa aparência, impressionar aqueles ao seu redor e angariar o favor de Deus. “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim. E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens” (Mc 7.6–7). As tradições daqueles israelitas visavam celebrar seus próprios esforços e realizações, e não louvar a Deus.

O ser humano não mudou. Nós, mães, muitas vezes, passamos mais tempo pensando sobre o valor nutricional e a cor do glacê presente no bolo do nosso bebê do que agradecendo a Deus pela vida de nosso filho e louvando ao Senhor por suas dádivas, tanto passadas quanto futuras. Queremos o calendário do Advento perfeito sobretudo porque queremos tirar uma foto incrível para o Instagram, mas nem tanto por querermos que nossa família medite no plano de Deus para a redenção e o nascimento de nosso Salvador.

Em vez de usarmos as tradições visando a Cristo, nós as usamos com o objetivo de apontar para o nosso “eu”.

Redenção: um sacrifício repleto de significado

Mas Deus já sabia que desviaríamos a tradição do seu verdadeiro propósito e faríamos com que ela servisse nossas vontades. Podemos facilmente mudar nosso comportamento exterior e ter atitudes certinhas, mas mudar nosso coração já é outra história. Na verdade, é impossível transformá-lo por conta própria, e é por isso que Deus enviou e sacrificou seu único Filho. O Senhor sabia que, se dependesse de nós, jamais o amaríamos verdadeiramente. Por isso, Deus abriu um caminho e, nele,

cumpriu seu impossível padrão em nosso favor. É por causa do seu grandioso amor por nós que podemos amar a todos em verdade. “Nós o amamos porque ele nos amou primeiro” (1Jo 4.19).

Consumação: o Salvador do significado

Quando Cristo voltar, não será difícil louvar ou honrar a Deus, pois habitaremos com ele (Ap 21.3). Não seremos tentadas por nossa própria glória, porque sua majestade encherá toda a terra e satisfará nossos corações, sedentos e famintos pela eternidade. Naquele dia, nossa história, nossas memórias, nossa herança e nosso penhor andarão entre nós. Visto que somos filhas de Deus, não precisaremos mais de lembretes durante o dia ou durante o ano para chamar nossos corações rebeldes de volta à cruz. Em vez disso, adoraremos, dia após dia, diante do trono de nosso Senhor e Salvador.

Aparência exterior, realidade interior

“Certo, o que lemos ontem? Alguém lembra?”, pergunto aos meus, enquanto nos juntamos para meditar na Bíblia.

Minha pergunta foi recebida com um estremecer do chocalho do bebê. Bom, meus outros dois filhos estão basicamente me ignorando — um está mexendo no tapete, enquanto o outro está fazendo caretas para o papai, tentando fazê-lo rir.

Então, eu suspiro. “Lembram dos gêmeos? Do irmão peludo? Do guisado?”

“Podemos comer alguma coisa?”

“Essa Bíblia não tem mais ilustrações?”

“Eu gosto de unicórnios!”

“Meu aniversário não tá quase chegando?”

Decido pular a revisão do estudo e ir direto para a próxima leitura. A maior parte da noite é assim: faço perguntas para crianças distraídas, enquanto meu marido as questiona e tenta envolvê-las na meditação. Parece meio sem sentido. “Eles estão mesmo prestando atenção? Eles vão se lembrar disso? Por que me sinto tão mal com isso? Sou péssima em ensinar

a Bíblia...". Esses pensamentos me atropelam por mais dias do que eu gostaria de aceitar. Nossa tradição de tentar ler a Bíblia e meditar nela todas as noites antes de dormir parece mais uma obrigação do que um deleite.

Todo esse fardo existe porque eu depositei meu valor em querer ver os frutos imediatos de nossas tradições. Quero ouvir meus filhos decorarem e recitarem a história de Jacó e Esaú perfeitamente, para que então eu consiga me sentir uma boa mãe. Em momentos assim, de fato, não me importo com a manifestação da glória de Deus. Nesses casos, eu acabo só me importando com minha presunção e ego sendo afagados pelo cumprimento da rotina que envolve ensinar a Palavra de Deus e criar memórias em família — afinal, alimentar minhas vontades pode ser muito mais confortável do que lidar com o meu coração.

De acordo com Salmos 51.16–17 ("Pois não te comprazes em sacrifícios; do contrário, eu tos daria; e não te agradas de holocaustos. Sacrifícios agradáveis a Deus são o espírito quebrantado; coração compungido e contrito, não o desprezarás, ó Deus"), Davi sabia que nem mesmo o cumprimento de todas as tradições externas do mundo poderia salvá-lo do pecado ou dar-lhe uma vida repleta de significado. Deus não busca por robôs que façam o que lhes é dito só porque a cultura ou a igreja disseram que deveriam fazê-lo. Deus olha mais a fundo. O Senhor "conhece os segredos do coração" e "não vê como o homem vê: o homem olha para o exterior, mas o Senhor olha para o coração" (Sl 44.21; 1Sm 16.7).

Uma tradição de tesouro e testemunho

Quando Cristo é nosso maior tesouro, é natural que o nosso amor por ele transborde em nossas tradições, sejam elas cotidianas, sejam especiais. E, embora seja positivo pensar bem em como ensinar catecismos ou quais serão as tradições de Natal mais proveitosas, Deus nos pede simplesmente que ensinemos aos nossos filhos o que ele próprio tem nos ensinado. Uma vez que a Palavra cria raízes e cresce em nosso coração, Deus ordena que compartilhemos, com zelo e fidelidade, aquilo que temos aprendido com o nosso próximo.

Tradições são projetadas para recompor nossos corações, não para provar nosso valor. Então, vamos parar de complicar as coisas ou definir padrões idealistas. Devemos resistir à tendência cultural e deixar de lado

nosso desejo de perfeição e por sucesso imediatista para as tradições. Em vez disso, temos que compartilhar livremente o testemunho de Deus em nossa própria vida. Nós, mães, somos aquelas que costumam dar o tom e ditar o ritmo de muitas das tradições em nossos lares; confiemos, portanto, na vagarosa e progressiva construção de um coração fiel e humilde que vive com simplicidade o amor recebido. Ainda que o bolo queime, ainda que as crianças ajam como loucas e os livros acabem rasgados, tenhamos firme a verdade de que podemos nos regozijar, responder em graça às adversidades e viver o Evangelho diante daqueles que vivem conosco, mesmo quando nossas tradições não acontecem de acordo com os nossos planos. Afinal, nada que façamos nos torna justas diante de Deus, mas Cristo já nos justificou.

Questões para revisão

1. Você se sente pressionada durante tradições em família? O seu coração, por vezes, teima em medir a integridade da sua maternidade por meio dessas celebrações familiares? Se sim, como? Dê exemplos.
2. Explique de que forma entender que sua posição diante de Deus está segura em Cristo transforma o modo de enxergar as tradições em família e aquilo que você mesma sente quando as coisas não acontecem de acordo com o planejado.
3. Suas tradições em família apontam para Deus como seu maior tesouro e testemunho? Quanto a isso, o que você pode fazer para desfrutar ainda mais de Deus?

CAPÍTULO 13

O Evangelho e a nossa congregação

Emily

“Talvez seu filho precise de uma cadeira de rodas.”

Meu bebê mal tinha feito dois anos. Conversar com uma equipe de especialistas em intervenção preventiva na primeira infância sobre as adaptações para o próximo ano letivo deixou meu coração pesado. Comecei a chorar quando via nossa nova bebê rolando, engatinhando, balbuciando, babando e soprando, enquanto seu irmão mais velho ficava só sentado e mal tentava balbuciar. Mas a questão é que ele não deveria estar balbuciando, mas falando: “Olha, mamãe, irmã rolar!”. Foi uma semana difícil, para dizer o mínimo.

Eu estava exausta, mas minha agenda me lembrou de que eu havia me inscrito para uma breve conferência no fim de semana. Se eu fosse, sabia que teria de tomar banho, fazer um sorriso forçado e falar com estranhos (ou seja, a última coisa que eu queria, enquanto processava as limitações do meu filho e olhava para uma montanha de roupa suja de uma semana inteira). Mas eu fui mesmo assim. Para chegar lá, peguei uma estradinha meio sinistra, toda esburacada e, passado um tempo, quando fui dar sinal para entrar no estacionamento, simplesmente segurei o choro.

Mas, então, sem que eu esperasse, a situação mudou de cenário.

Quando entrei naquele enorme auditório, a esposa do meu pastor me cumprimentou e me chamou para descermos as escadas, e assim eu me sentasse com um grupo de nossa igreja.

Naquele dia, ninguém fazia ideia, mas fiquei encantada com o consolo de Deus quando vi alguns de meus mentores mais próximos e alguns dos membros mais queridos da igreja sentados lá. Em vez de me fazer sentar na ponta de uma fileira (eu fui sozinha), um dos casais mais velhos me espremeu entre eles. Em fileiras próximas, vi meus pastores, meus

presbíteros e várias mulheres mais velhas da minha igreja. Meu coração se tranquilizou. Embora estivesse em um grupo numeroso, eu não precisava me sentir sozinha. Eu não estava sozinha na conferência, nem — o que era ainda mais importante — naquilo tudo que eu estava enfrentando em casa.

Quando o momento de louvor acabou e tivemos um momento para comunhão, compartilhei com alguns irmãos aquilo que eu guardava em meu coração. Não só o que era fácil de falar, mas também as dificuldades relacionadas à cadeira de rodas. Meus irmãos, então, choraram comigo. Como um pai amoroso, o homem ao meu lado envolveu seu braço em mim, dando-me um abraço.

Embora cada parte de mim quisesse se esconder em casa e assim pudesse afundar-se em medo, ver as pessoas da minha própria igreja foi exatamente o incentivo e o conforto de que eu precisava. Por vezes, a maternidade é árdua, mas não temos de piorar as coisas sendo lobos solitários ou fugindo ao plano que Deus determinou para a nossa congregação.

A mensagem que a cultura nos conta: basta que as mães pensem igual

Não conseguimos ser mães sozinhas. Uma solução para esse problema? Tenha amigas, mulheres com ideais semelhantes e que entendam a sua situação. Assim, basta uma xícara de café requentado para você estar pronta e compartilhar histórias de luta e de glória, rir, chorar, ajudar e ser ajudada.

Quando você precisa batalhar para amamentar, mamães amigas que ainda estão na fase da amamentação ou já passaram dela podem ajudá-la a enfrentar essa luta e dizer-lhe o que as ajudou a perseverar. Quando acaba a paciência com aquela gritaria toda em casa ou com o ringue de luta livre que virou sua sala, mães de menino podem ajudá-la a rir um pouco da situação e dar-lhe dicas de como gastar a energia das crianças. Quando você se tranca no banheiro para fugir um pouco daquele seu bebê que não desgruda, algumas mamães amigas podem ir até a sua casa, levar um pouco de vinho e motivá-la, mostrando como já passaram por tudo aquilo. Amizades assim ajudam a nos sentirmos seguras, cuidadas e protegidas.

Não há nada de errado em conviver num grupo com pessoas na mesma fase da vida, que pensam igual e com situações bem parecidas. É excelente fazer amizade com mães que tenham as mesmas visões e com a mesma

filosofia de maternidade. Amizades assim podem ser muito proveitosas e têm seu lugar. A cultura, no entanto, quer que *paremos nessa zona de conforto*. Filmes de comédia voltados para mães, grupos virtuais, páginas sobre maternidade e conferências para mulheres nos levam a sentir que pessoas com uma vida igual ou parecida são nossa única esperança de ajuda e amizade. No entanto, se pessoas assim são sua única esperança, o que vai acontecer se você não conseguir encontrar outra mãe na mesma situação que a sua? Ou quando você se sentir sozinha, mesmo estando em uma sala cheia de outras mães? O que vai acontecer se você, após muita insistência, ainda precisar de algo, sabendo que nem mesmo todas as dicas práticas do mundo ajudarão a curar as profundas feridas do seu coração? E isso tudo levanta a questão: será que caímos numa zona de conforto com tapinhas nas costas e bajulações? Por acaso não nos acomodamos com elogios e relacionamentos fáceis?

Amigos e colegas podem formar grupos de profunda significância, e alguns, no máximo do seu potencial, podem até mesmo guiá-la ao Evangelho. Mas esse foi o único modelo de comunhão que Deus projetou para nós? De fato, o Senhor deseja que desfrutemos da graça comum de relacionamentos com pessoas que vivem experiências semelhantes às nossas, mas será que paramos para pensar em seu plano eterno designado para a comunhão? Todos os santos de Deus são parecidos? Todos têm as mesmas ideias? Tiveram as mesmas experiências? É bem provável que Deus tenha mais provisões para nós do que nossa comunhão com mães que pensam igual possa oferecer (ainda que essas pessoas nos ofereçam a boa e velha verdade). Por meio de um corpo composto de cristãos, podemos, em uma igreja local, experimentar alívio para a alma, exortação da Palavra e oportunidades de amar o próximo assim como fomos amadas — mesmo quando a diferença de idade é enorme, as experiências não parecem bater e o diálogo soa difícil.

A mensagem do Evangelho

Criação: um bom plano para a comunhão e para a comunidade

O fato de o nosso coração desejar comunhão com outras pessoas, e de sentir afinidade especialmente com aqueles que carregam a mesma visão e a mesma missão ou valores e propósitos semelhantes aos nossos, se deve ao modo como Deus nos criou e aos seus bondosos propósitos em sua criação.

Deus consiste em três pessoas: o Pai, o Filho, e o Espírito Santo. Embora distintos em função e papel, os três são igualmente Deus, e seguem o objetivo único de glorificar a Divindade. Do transbordar do relacionamento e da comunhão em amor da Trindade, Deus criou o ser humano como portador de sua imagem: primeiro Adão, depois Eva (Gn 1.26–27). Por que Deus não criou somente um ser humano? Deus declarou que não era bom para o homem que ficasse só (Gn 2.18).

Adão e Eva trabalhariam em união, cumprindo, como uma só carne, o mandato da criação de maneiras complementares para a glória de Deus (Gn 2.24). Ter comunhão e seguir uma missão com pessoas cujo coração é diferente mas igual, unidas naquele que é imutável, sempre foi o plano de Deus.

Queda: a comunhão como um meio para os nossos propósitos

A boa comunhão fundamentada nos mandamentos de Deus não resistiu ao pecado, quando este entrou no mundo. Quando Eva cedeu aos enganos de Satanás, ela encorajou o próprio marido a juntar-se a ela em sua desobediência (Gn 3.6–7). E, assim, como parceiros de pecado, ambos se esconderam, unidos pela vergonha. Em vez de irem ao Senhor em imediato arrependimento, Adão e Eva sucumbiram ao medo e fugiram de Deus (Gn 3.8). Percebendo que fugir de nada adiantou, ambos jogaram a culpa um no outro. Esse é o produto imediato de uma comunidade que se volta para si mesma e se fecha em seus próprios interesses. Esse egoísmo todo nos leva à falência e, por fim, nos conduz à morte.

Por causa do pecado de Adão e Eva, toda a humanidade está igualmente maculada. Em vez de nos considerarmos adoradoras unidas a outros crentes em Cristo para cumprir as ordenanças de Deus, acabamos necessitadas, adoradoras de nós mesmas, desejosas de que os demais sigam nossas visões e desejos. Em vez de congregarmos em torno do amor à Palavra de Deus e da obediência aos seus mandamentos, amamos nossos próprios padrões e fomentamos a autoindulgência. Em vez de buscarmos o bem genuíno do próximo, encontramos motivos para fofocar, bajular, reclamar, provocar dissensão, e até mesmo, se julgamos necessário, nos unirmos pela impiedade.

Agora, quando as lutas em torno da maternidade nos sobrevêm, amamos respostas que se encaixem em nossos padrões de vida. Buscamos encorajamento justamente daquelas pessoas que não expõem as profundezas do nosso coração.

Satanás odeia em especial a comunhão do povo de Deus na igreja, e por isso ele faz o que pode para esconder sua beleza. Satanás faz de tudo para que vejamos os defeitos uns dos outros e corramos de volta para aquele tipo de comunhão que parece ser mais seguro. Satanás nos faz questionar o que temos a ganhar com uma mulher mais velha que experimentou a maternidade há duas décadas, ou que sabedoria teremos a obter de uma solteirona na casa dos quarenta. Satanás faz questão de dificultar nossa participação na comunhão em torno do Evangelho, e Deus sabe que a comunidade de crentes em Jesus nos fortalece na terrível batalha contra o pecado.

Redenção: a comunhão estabelecida na igreja

Felizmente, Deus nos amou de tal maneira que não nos entregou a uma comunhão irremediavelmente maculada, em que teríamos de olhar para fora dos seus planos a fim de encontrarmos respostas para as nossas preocupações. Quando depositamos nossa esperança na morte e na ressurreição de Cristo, todas recebemos o Espírito Santo e somos adotadas na família de Deus como herdeiras (Ef 1.5, 13). Na posição de irmãos e irmãs em Cristo, fazemos parte daquilo que o Senhor tem operado na igreja por todo o mundo, e também somos chamadas a participar de grupos menores de crentes, cuja missão e comunhão se encontram unificadas mesmo dentro de comunidades locais.

Deus providencia igrejas locais, onde podemos compartilhar uma herança imutável e imaculada como parte de uma família (1Pe 1.4). Seja em uma igreja perseguida, seja em uma congregação formada por milhares de cristãos numa região onde o cristianismo faz parte da cultura, como no "Cinturão Bíblico", nos Estados Unidos, podemos servir a Deus juntas e amar umas as outras, manifestando a glória de Deus até o retorno de Jesus (Ef 3.10).

Nos evangelhos, Jesus diz a Pedro (a pedra) algo surpreendente e que deve nos maravilhar: "Sobre esta rocha edificarei a minha igreja, e as portas

do inferno não prevalecerão contra ela” (Mt 16.18). Jesus nunca prometeu que os grupos de mulheres em apoio à amamentação, comunidades de mães de menino ou páginas do Facebook prevalecerão contra o inferno; Cristo, no entanto, prometeu que sua igreja prevalecerá. Jesus amou de tal maneira essa comunidade que a comprou com seu próprio sangue (At 20.28). Essa realidade não a faz desejar a união do Evangelho em favor da missão mais abrangente que Deus estabeleceu?

A igreja é o lugar onde nos encorajamos mutuamente enquanto esperamos a volta de Jesus. A igreja de Deus é a família encarregada de orar por nós e nos ajudar a viver à semelhança de Jesus (Ef 2.20–22; Cl 3.16). Mesmo quando não sentimos ou experimentamos logo de primeira, a verdade é que Jesus ama a sua noiva, tanto que ele voltará para buscá-la. Quanto mais nós, então, devemos amá-la.

Consumação: a noiva de Cristo em eterna comunhão

Por vezes, grupos de mães que pensam igual a encorajam a simplesmente esperar até a próxima postagem, encontro, saída ou recurso do grupo, mas a Bíblia prega uma esperança viva, que jamais diminui nem volta vazia. Essa esperança está na ressurreição e no retorno de Jesus Cristo.

Algum dia adoraremos com a verdadeira noiva de Cristo, a igreja. As experiências de vida desses cristãos se estenderão por milênios, e, pela pessoa e obra de Jesus, suas histórias e interesses terão mais cor que seu *feed* no Instagram. Este é o tipo de comunidade em que devemos investir no tempo de agora, pois é uma imagem do que está por vir.

Cativada pela beleza da igreja

Meu filho mais velho adora arte. Quando começou a colorir, ele gostava de um estojo simples com giz de cera e canetinhas. Na época, servia muito bem às suas necessidades, oferecendo opções para desenhar monstros, colorir listras em tigres e formar arco-íris em folhas brancas. Para ele, tais ferramentas ainda eram excelentes, uma vez que ele nem mesmo sabia da existência de outros materiais artísticos.

Assim, numa manhã de neve, estávamos em casa, quando fui buscar um presente no porão: um pacote de artes para crianças. A caixa misteriosa

continha mais do que giz de cera: contava com vários canetões especiais, lápis de desenho, lápis de cor, tintas aquarela e carvão. Quando abri a trava daquela caixa e lhe mostrei, meu filho gritou de entusiasmo.

Ele queria conseguir tirar o máximo proveito daquela caixa de artes, mas rapidamente percebeu que aquelas ferramentas (embora lindas e diversificadas) eram, também, desafiadoras. Quando pegou o jeito dos materiais, criando monstros com cabelos texturizados, formando céus com pinceladas de tinta e marcando detalhes com lápis minúsculos, meu filho finalmente percebeu que aquele material produzia peças de arte muito mais incríveis e maravilhosas. Ele ainda usa seus lápis e suas canetinhas, mas quando o kit de arte está ao seu alcance, este se torna sua paleta de escolha.

A distinção que o meu filho fez entre os materiais de arte me fez lembrar da diferença entre os grupos de mães e a comunidade da igreja local. Os grupos formados por mães nos oferecem uma boa ajuda e ideias práticas sobre a vida cotidiana. Como lápis e canetões, sua utilidade é, sim, válida. Ninguém joga bons lápis fora! Mas teremos o pacote de artes completo quando seguirmos a visão de Deus para a comunidade na igreja local.

Uma ilustração da comunhão do Evangelho: amar e ser amada

Enquanto processava os atrasos no desenvolvimento do meu filho mais novo, referindo-me a ele como um portador de necessidades especiais e vendo-o usar uma cadeira de rodas, eu não parava de procurar soluções. Grupos de apoio na internet apresentam relatos e experiências úteis a respeito de crianças com várias deficiências. Ainda, há outras mães em minha cidade que têm filhos que também lutam para andar e falar, e sei que posso extrair proveito e sabedoria da união em solidariedade com essas mulheres. Duvido muito que vou parar com os longos abraços que dou nelas quando as vejo.

Mas também percebi uma dor profunda em meu coração que nenhuma mãe com filhos com necessidades especiais pode saciar. Quando sei que temos uma consulta médica particularmente difícil chegando, minha igreja, que também é minha família, ora por nós. Quando recebo notícias difíceis, alguém da igreja vem chorar comigo. Quando estou exausta com as consultas semanais, minhas amigas da igreja me incentivam a lembrar-me

da fidelidade de Deus. Esta comunhão me ajuda a prevalecer sobre o abismo do desespero e da dúvida.

Em tudo isso, meu marido e eu aprendemos que, embora o propósito de Deus para a comunhão da igreja local nem sempre pareça ser a resposta óbvia para a nossa necessidade atual, a comunidade composta de filhos de Deus é uma provisão abundante. Quando estamos dispostas a ser vulneráveis às dificuldades da vida, sabemos que temos irmãos e irmãs que podem nos servir com uma refeição, uma visita, uma mensagem de texto, ou até mesmo com algo que nos faça rir muito.

Agora, talvez você esteja pensando: “Tudo isso parece muito lindo, mas já tentei me envolver com a minha igreja local e ninguém retornou as minhas mensagens, enquanto o grupo de mãe me responde imediatamente! Além disso, não há nenhuma mãe mais jovem em minha igreja. Não tenho contato nenhum com os casais mais velhos, e eles não parecem interessados em investir em casais mais novos. Fora que eu não tenho condição nenhuma de ficar conhecendo pessoas e investindo em relacionamentos agora”.

Olha, talvez você esteja certa. Na verdade, tenho certeza de que você percebeu falhas diante do ideal de Deus para a igreja. Nenhuma igreja formada por santos mas (ainda) pecadores a amará perfeitamente. Essas pessoas podem não se compadecer de imediato quando seus filhos acordam à noite, mas é aí que surge outra faceta maravilhosa de pertencer a uma igreja local: aprender a amar os irmãos porque somos todos juntos um em Cristo, mesmo quando a situação não se mostra confortável nem conveniente para nós.

Vivemos o Evangelho ao darmos nossas vidas por amor aos santos, guardando-os em nosso coração, pois são participantes conosco da graça de Deus (Fp 1.7–8). A afeição de Cristo que se manifesta em nossas vidas por nossos irmãos e irmãs nos obriga a orar quando ouvimos que eles estão batalhando para adotar um filho. Recebemos com alegria aquela única visita da semana, chamando-a a comer, rir e se deleitar com nossa família. Perguntamos aos membros mais antigos da igreja o que eles aprenderam sobre a vida. Apoiamos os missionários de nossa igreja e, com nossos filhos, oramos por eles. Na igreja local, aprendemos que “estamos unidos pela fé, não pela experiência”.[11]

Deus nos proveu soluções diversas e graciosas para os relacionamentos e para a comunhão. Essa união pode incluir amigos que pensam igual, mas o projeto de Deus, que é mais abrangente, belo, útil e esperançoso, manifesta-se em um corpo vivo composto de cristãos. Não se trata de um grupo que carrega um brasão (membros com ideias e ideais semelhantes que replicam as práticas uns dos outros); trata-se, no entanto, de um organismo vivo, complexo, em que cada membro glorifica a Deus e ama o seu irmão enquanto serve o Cabeça, que é Cristo. Mamãe, aproveite o seu grupo de mães, mas floresça, e tenha sua *comunhão primária e prioritária*, na igreja local.

Questões para revisão

1. Qual é a sua esperança para a comunhão da igreja na maternidade, e como essa imagem se alinha com o plano de Deus para a comunidade cristã?
2. Seu coração e suas ações refletem o coração de Cristo pela igreja? Embora tenha falhas e defeitos, o que, em última análise, torna a igreja bela e frutífera?
3. Como você, mamãe, pode encontrar uma igreja local, comprometer-se com ela e nela investir, mesmo nesse período tão turbulento que é a maternidade?

CAPÍTULO 14

O Evangelho e nosso serviço

Laura

Antes das crianças, a lasanha teria sido caseira do começo ao fim. Mas hoje não passa de uma lata de molho de tomate, massa seca e um pacote de queijo ralado. Meus filhos ficam em banquinhos no balcão da cozinha, pedindo para derramar o molho, quebrando pedaços de massa seca enquanto observam seus pedaços voarem pela cozinha e insistindo para mexer no queijo ralado. Então eu falo com eles sobre revezamento, de não estragar a massa e como eles não podem comer todo o queijo — precisamos guardar o suficiente para outra família.

Por mais incrível que pareça, a lasanha conseguiu ir para o forno, e começamos a fazer os biscoitos. Normalmente, essa é a hora mais difícil. Eu os deixo ligar e desligar a batedeira por mim, e quando um deles liga, geralmente é tão rápido que voa farinha por toda a minha blusa. Desta vez, para a frustração dos meus filhos, dei somente um biscoito para cada. “Esses biscoitos são para os Hardens”, eu logo disse. A mamãe deles acabou de ter um bebê, então essa comida vai ajudá-la a manter as coisas em ordem na casa dela”.

Assim que estava tudo pronto, pegamos pratinhos descartáveis, caixas de suco, sacos com verduras e vegetais já lavados e picados, algumas outras coisinhas e fomos para o carro. Tivemos de chegar ao outro lado da cidade para entregar aquela comida a uma família que se parece muito com a nossa. O quarto filho deles havia nascido há algumas semanas. Enquanto eu e as crianças caminhávamos até a casa, eu era bombardeada de perguntas:

“Podemos entrar pra brincar? De quem é essa casa? Por que não podemos comer os biscoitos? Posso abrir uma caixa de suco? Por que estamos aqui?”.

Ia respondendo conforme conseguia enquanto fazia malabarismo com a comida e o bebê, fora algumas viagens de ida ao carro e de volta à casa. Tocamos a campainha, deixamos toda a comida e conversamos por alguns minutos. Em seguida, voltamos para o carro e, tendo de encarar mais perguntas, coloco as crianças em seus assentos.

Então eu respondo que, às vezes, as pessoas precisam de uma ajudinha a mais. Às vezes, ocorrem dificuldades, como doenças ou deficiências; outras vezes, acontecimentos maravilhosos, como um parto ou adoção. Eu disse às crianças que conseguimos amar o nosso próximo porque Jesus nos amou primeiro, que Deus formou o corpo de Cristo para que seus membros se ajudassem e que desejamos ser pessoas generosas com as bênçãos que o Senhor nos deu, usando-as para abençoar o nosso próximo.

Falei tudo aquilo de modo imperfeito. Eu era constantemente interrompida. Eu me atrapalhava e falava mal. As crianças estavam cansadas porque era quase a hora da soneca. Eu mesma estava cansada porque tudo aquilo tinha levado a manhã toda e ainda tinha muito que fazer naquele dia. Mas eu também sabia que tudo aquilo valia a pena, pois, embora servir tendo filhos pequenos seja mais difícil, confio que Deus usa esse serviço para plantar sementes de generosidade, bondade e sacrifício em seus corações. E eu espero que Deus use o meu serviço para ajudar os meus filhos a enxergar de que forma podemos ser os pés e as mãos de Cristo neste mundo.

A mensagem que a cultura nos conta: das duas uma — ou você se importa com os seus, ou se importa com os outros

Nos primeiros anos do bebê, você não precisa sair de casa para ter o que fazer ou a quem servir. Os necessitados estão espalhados pela casa: seres humaninhos de noventa centímetros correndo pelos corredores, a conta do hospital de quatro páginas sobre a mesa e o cesto com dois quilos de roupa suja. As necessidades são muitas, variadas, palpáveis e, sem dúvida, parecem maiores do que as suas forças.

Ao mesmo tempo, fica claro que o restante do mundo também tem necessidades. Basta ligar a TV, conferir as notícias pelo celular, ver propagandas na rua, conversar com a sua vizinha ou ouvir a história de vida da sua amiga para perceber que todos precisam de ajuda.

Nós, mães, tendemos a lidar com as necessidades de duas formas diferentes. Algumas vão com tudo e tentam resolver o máximo que podem. Entendemos que os problemas do mundo não se resolverão sozinhos e ficamos felizes em poder ajudar uma causa nobre, e por vezes queremos tanto ajudar que acabamos sacrificando o bem da nossa própria família. Acalmamos aquela angústia na alma repetindo que servir o próximo é importante: “Meu marido e os meus filhos conseguem se virar. Mas, se não ajudarmos os outros, quem mais vai ajudar?”.

Além disso, é bom demais ser produtiva e fazer caridade. Servir normalmente produz resultados imediatos, ao contrário de nossa atenção às intermináveis demandas do lar. O banco de alimentos e doações está abastecido, a comida ficou pronta, foi servida e entregue, o evento foi planejado, executado e finalizado. E ainda digo mais: é sempre mais gostoso servir pessoas que pareçam realmente gratas por nossas habilidades e generosidade. De vez em quando é bom mudar os ares, sem precisar cobrar um “obrigado” dos nossos filhos toda vez que lhes damos um copo de leite.

Enquanto isso, outras mães se perguntam como faremos alguma diferença fora de casa, sendo que não conseguimos nem mesmo manter nossa pia limpa. Daí, com esse pensamento, nos escondemos e não ousamos buscar algo fora do nosso território. Afinal, já temos demandas demais dentro de casa, e acabamos repetindo: “Já basta ter meus filhos pequenos, fora os maiores. Quem puder que cuide dos problemas do mundo. Alguém que seja apaixonado por uma causa, com mais tempo e mais qualidade de sono. Eles vão conseguir fazer melhor”.

Achamos consolo nessa linha de raciocínio, pois sair da nossa zona de conforto — conversar com desconhecidos, lidar com a insegurança de fazer algo que ainda não dominamos, acordar ainda mais cedo do que já acordamos — é difícil demais. Além disso, crianças são imprevisíveis, por isso nem sempre estarão conosco enquanto servimos. E, sendo bem sincera, queremos simplesmente evitar ainda mais trabalho. Assim, seguimos ignorando necessidades externas. Basta fingir que elas não existem, e assim não seremos obrigadas a resolvê-las, certo?

Ambos os campos de atuação e necessidade, dentro e fora de casa, são realmente enormes, mas o Evangelho nos exorta a erguer os olhos e a

enxergar mais do que simplesmente duas opções autoexcludentes. Assim como Jesus ordenou aos discípulos, devemos manter nossas lâmpadas acesas até que ele retorne (Lc 12.35). Ter filhos não é um comando de apagar nossas lâmpadas. De igual modo, também não devemos acendê-la somente fora de casa. Nosso dever é manter nossa lâmpada acesa e ensinar nossos filhos a nos imitar.

A mensagem do Evangelho

Criação: criadas para servir

Gênesis registra que Deus colocou Adão no jardim para "o cultivar e o guardar" (Gn 2.15). No texto original, em hebraico, a palavra "cultivar" também significa "servir" e carrega a ideia de servir aos outros, de fazer-se um servo. Cabia a Adão servir a Deus protegendo o jardim, mantendo as coisas em ordem e simplesmente se esforçando para lavrá-lo. Deus criou Eva para ser uma "ajudadora" (Gn 2.18), cujo significado é simples e claro: cabia a ela prover a ajuda essencial e necessária diante do dever que Deus havia proposto a Adão. O homem não conseguiria obedecer ao comando de Deus sem o auxílio da mulher.

Naquela época, as necessidades e demandas do Éden — terra para cultivar, colheita a ser realizada e animais para cuidar — eram muitas, e, por isso, Adão e Eva estavam bastante ocupados. Uma vez que o pecado ainda não havia entrado no mundo, o casal conseguiu manter-se plenamente unido. As necessidades desesperadoras de hoje ainda representavam um futuro distante.

Queda: serviço amargo

Passado certo tempo, Adão e Eva duvidaram da bondade do plano de Deus para o trabalho e para o serviço. Assim, eles comeram do fruto proibido, esperando que sua promessa lhes proporcionasse algo melhor, mas nada encontraram senão amargas consequências. A dúvida do casal lançou-os, eles e toda a criação, a um estado de amargura e tristeza. Banidos do Éden, Adão e Eva, pela primeira vez, se viram incapazes de cumprir o que lhes havia sido proposto. Com doenças, dores, suor e labuta, as necessidades e demandas eram grandes demais, e muitas delas não foram atendidas.

Por causa da queda, temos órfãos e viúvas. Por causa do pecado, há pessoas pobres, famintas, sem uma casa onde morar. Por causa do mal no mundo, padecemos doenças mentais, físicas, ossos quebrados, corações partidos — o pecado deforma e atinge todos os seres vivos. E não para por aí: o pecado escorreu até a terra, que geme e estremece sob o peso da maldição: oceanos e terra seca, plantas e animais, todos sofrem e lutam por sua sobrevivência.

Na teoria, nem todos seríamos classificados como necessitados ou vulneráveis. Mas não há só necessidades fora de nossa casa; o efeito em cadeia do pecado as invadiu. Oscilamos entre o urgente e o importante, e acabamos não dando a devida atenção a nada. Nossos filhos precisam de nós, nosso quintal nos chama, a escola requisita nossa presença, a lavanderia precisa de nós.

As demandas podem acabar a prendendo de tal forma que você tem medo de olhar para fora, com medo de falhar nas tantas obrigações já existentes e temerosa do que podem vir a exigir de você. O pecado obstrui o seu coração, então você fica de cabeça baixa e faz apenas o que é necessário, com medo do que ainda pode acabar encontrando, caso dê uma olhadinha lá fora.

Ou você pode tentar escapar das intermináveis demandas e necessidades da sua casa e sonhar em causar um impacto maior no mundo. Você se esforça além de um limite saudável, repetindo “sim” a todas as oportunidades à custa dos filhos, do marido e de você mesma. Você finge ser Deus, tentando resolver as necessidades do mundo, agindo como uma super-humana, sendo que você não passa de um ser humano normal.

Redenção: um sacrifício servil

Mas houve um homem que não era como o restante da humanidade, destruída pelo pecado. Jesus virou o mundo de cabeça para baixo — ou melhor, de cabeça para cima. Ele merece todo o nosso serviço, embora tenha vindo “não para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos” (Mt 20.28; Mc 10.45). Jesus é o Rei do universo. Ele fala, e o vento obedece; ele toca, e os cegos são curados; ele caminha, e a água lhe dá passagem; ele dorme e, ainda assim, nada foge ao seu controle. Este Deus-Homem, Todo-Poderoso, todo-suficiente e onisciente veio a este

mundo para nos servir. De fato, trata-se de uma verdade que está acima de todo entendimento humano.

Enquanto Jesus caminhava neste mundo, as demandas eram muitas, variadas e enormes. A multidão o seguia aonde quer que ele fosse — no templo, nas estradas, nos campos, nos rios, e até mesmo se fosse necessário descer de um telhado para conseguir vê-lo. Em vez de ignorar aqueles que o buscavam, Jesus os acolhia e os abordava, revelando a todos o seu terno coração, manifestando-lhes as riquezas da sua graça, misericórdia, ternura e bondade. Cristo amava os necessitados, os vulneráveis, os indesejáveis. E, por fim, Jesus nos serviu da forma mais magnífica possível: nas mãos dos romanos, ele morreu uma terrível morte de cruz, entregando sua vida por nós, necessitados, dependentes, doentes e carentes (Jo 13.14).

Além disso, mesmo agora, Cristo continua a nos servir (Hb 7.25). Em seu poder e seguindo seu exemplo, reproduzimos seu coração de amor pelos indefesos, servindo ao próximo mesmo quando é custoso ou desconfortável. Em Jesus temos o Espírito Santo (Jo 14.26), que dá novos olhos para os perdidos, um coração de carne para os vulneráveis, coragem para os desconhecidos e perseverança diante das dificuldades da vida. Em nosso serviço prestado a Deus, podemos adorá-lo demonstrando gratidão por tudo o que foi feito e conquistado por nós. Quanto mais dependemos dele e reconhecemos nossos limites e nossas fraquezas, mais Cristo se mostra e se prova suficiente.

Consumação: o rei que se fez servo

Mas Cristo não deixará de nos servir quando sairmos deste mundo; ele continuará nos servindo na segunda vinda e por toda a eternidade. Enquanto falava com seus discípulos quanto a estar pronto para seu retorno, Jesus lhes disse que continuaria a servi-los quando se juntassem a ele no paraíso (Lc 12.37). O mesmo Cristo que há de retornar com exércitos e fogo (1Ts 1.8; Ap 19.14) continuará a nos servir, mesmo no final dos tempos.

O serviço ao próximo nos capacita a servir nossos filhos

Eis que a vejo vindo pelo corredor antes que ela me visse. Tive a sensação de que, se nos encontrássemos, ela me pediria para fazer algo que eu não queria fazer. Quando nos encontrávamos, normalmente nos cumprimentávamos, conversávamos um pouco e, então, lá vinha a bomba:

“Você consegue vir ao evento da semana que vem? Preciso de mais um voluntário para a recepção”.

Eu realmente não queria. Aceitar significaria ter de chegar 45 minutos antes, empolgada e cheia de disposição, sendo que tudo que eu tinha a oferecer era cansaço, além de que deixaria de sair com minhas amigas antes do evento. Eu ficaria entregando crachás e dizendo às pessoas onde ficava o banheiro — o que, diga-se de passagem, me parecia um verdadeiro desperdício da babá em casa.

Bom, eu aceitei ir, mas queria que ela tivesse pedido a outra pessoa da igreja.

E não é isso que costumamos pensar do serviço? Esperamos e oramos que outra pessoa preencha as lacunas. Ou, talvez, você seja o oposto. Talvez você se sinta pressionada a suprir as necessidades, aceitando toda oportunidade, mesmo sabendo que não conseguirá dar conta.

Seja qual for a direção que você tomar, a Bíblia oferece esperança. Para o povo de Deus, servir não é uma opção. Cristo nos dá o mandamento de amar a Deus e ao próximo (Lc 10.27), o que inclui servir aos vulneráveis, aos necessitados, aos estranhos e aos difíceis de amar. Aliás, isso não quer dizer que precisamos de um diploma em aconselhamento bíblico para falar com a mãe ao lado, nem de uma conta bancária cheia para sustentar um ministério local, assim como não precisamos ser uma “criança” para trabalhar no berçário da igreja. As mães, no entanto, tem uma oportunidade crucial no ministério de seus filhos e de sua família. Por vezes, a mãe terá de dizer “não” a oportunidades e causas nobres ou valiosas para cuidar bem daqueles que Deus colocou sob seus cuidados.

Dessa forma, ministramos à nossa família *e* aos de fora. Não podemos ter um sem o outro. Viver o chamado ao discipulado de Cristo significa mostrar aos filhos que amar a Deus envolve amar o próximo. É preciso amar a ambos. Os anos da infância devem ser um campo de treinamento, um palco de aprendizado, para que nossos filhos comecem a entender o que significa ter uma vida piedosa de serviço e ministério. E o seu exemplo servirá para demonstrar aos seus filhos como se ama o próximo, seja da sua família, seja fora dela.

Zele pelo Evangelho

A grande vantagem do ministério é que este pode assumir muitas formas. Às vezes, nossos filhos nos ajudam. (Tá, eles *meio que* ajudam). Essas variadas manifestações podem incluir: cuidar dos filhos de uma amiga enquanto ela vai a uma consulta, doar fraldas em um centro para mulheres, voluntariar-se para a divulgação da igreja e ir ajudando com isso nas horas em que o bebê cochila, ou mesmo cuidar de crianças em um centro de adoção temporária. Por vezes, deixamos nossos filhos em casa quando saímos para trabalhar na igreja, dar aconselhamento em um centro de ajuda para mulheres grávidas, ou participar de um projeto social. Seja como for, esperemos e oremos para que, com o tempo, à medida que testemunham uma mãe que entrega sua vida pelo próximo, nossos filhos entendam o que significa arder de zelo pelo Evangelho.

A parte mais difícil é que ninguém pode lhe dizer com certeza qual a medida certa de serviço para você. O equilíbrio varia de pessoa para pessoa e só é encontrado quando a pessoa examina o seu próprio coração e, em oração, submete seu tempo e seus desejos a Deus. Se sua tendência é evitar servir pessoas que não sejam da sua família de sangue, lembre-se do coração de Deus para com os dependentes e necessitados, e confie nele (o líder-servo por excelência) para suprir todas as suas necessidades quando você, em fé, disser “sim” às necessidades do seu próximo e da sua congregação. Por outro lado, se sua tendência é ser a primeira a voluntariar-se, enquanto seus filhos perguntam quando você terá tempo para ficar com eles, confie que Deus é aquele que, em última análise, supre todas as nossas necessidades. Você pode dizer *não* a algumas coisas, e assim ter tempo para investir na saúde de sua família.

Talvez seja hora de você recuar, talvez seja hora de você embarcar. Você terá fases da vida em que sua rotina estará repleta de todo tipo de serviço; e terá temporadas em que conversar com a sua vizinha e encorajá-la após um dia cheio de trabalho será o máximo que você conseguirá fazer. Seja como for, sua lâmpada estará acesa, pois o que Deus pede é fidelidade no dia a dia e obediência aos seus mandamentos, não uma quantidade fechada de projetos e serviços sociais sob o seu comando. O Senhor requer que, enxergando as demandas e necessidades ao seu redor, você faça uso das bênçãos e dos dons que ele lhe deu, a fim de servir ao próximo como Cristo a serviu.

Questões para revisão

1. Sua tendência é servir sua família ou os que não fazem parte dela? Como é que suas inclinações naturais se alinham com a vida de serviço que Deus requer?
2. Você não é justificada por suas obras. De que forma a compreensão desta verdade liberta o seu coração de angariar favores ou de sentir-se pressionada enquanto serve?
3. Cite exemplos práticos de como você pode imitar a vida de Cristo, uma vida de serviço ao próximo. E como você pode usar esta vida de serviço como um tempo de preparo para os seus filhos?

CAPÍTULO 15

O Evangelho e os cuidados com a nossa saúde

Emily

Quando éramos recém-casados, nossa primeira grande compra foi um notebook de última geração. Era nosso bem mais caro, fora nossos veículos, embora já velhos. Assim que comecei a usar o notebook, passei a receber notificações de atualização do sistema enquanto respondia a um e-mail ou fechava uma compra. Parecia tão inconveniente reiniciar o computador no meio de uma tarefa que, em vez de parar tudo, eu simplesmente clicava em "Lembre-me amanhã".

Os lembretes foram se acumulando por meses e até mesmo anos, até que, por fim, passaram de inconvenientes a incapacitantes. Quando Laura e eu precisávamos gravar um podcast por meio de uma chamada de vídeo, meu computador travava e desligava. Quando precisei acessar o Microsoft Word para trabalhar em um texto, meu cursor parava de funcionar. Quando precisava fazer o *upload* de algumas fotos para um presente de Natal, a janela do navegador me dava uma mensagem de erro.

Passado certo tempo, o computador parou de funcionar por completo. Nossa negligência (é, digo… *minha* negligência) em parar e fazer as atualizações regularmente sugeridas provavelmente teve algo a ver com sua morte final.

Após oito anos de casados, compramos outro notebook de última geração e, desta vez, eu estava determinada a cuidar muito bem dele. Então, dois dias depois, quando aquela pequena notificação "Você tem uma atualização disponível" apareceu em minha tela, cliquei em "Atualizar agora", em vez de "Lembre-me mais tarde". Essa nova perspectiva sobre a administração do notebook veio da percepção de que não havia como evitar a manutenção.

Infelizmente, aprendi essa mesma lição da maneira mais difícil na maternidade. Assim como tratei meu primeiro notebook, muitas vezes vejo minhas necessidades biológicas e logo penso: “Não tenho tempo para descansar agora. Talvez amanhã”. Acredito que, com isso, estou ajudando a minha família, doando mais de mim imediatamente, mas, no final, acabo sendo de pouca ajuda. Acabo feito um copo vazio, sem vida para jorrar naqueles a quem fui chamada a servir.

A mensagem que a cultura nos conta: ah, se eu tivesse mais tempo para mim mesma...

Todo mundo sabe que mães normalmente estão cansadas e seriam muito beneficiadas se conseguissem cuidar melhor de suas próprias necessidades. Mas o mundo nos diz que nossas necessidades estão enraizadas nas demandas de nosso papel. Temos o “tempo para mim” lavando a louça, dobrando a roupa, horas brincando de trenzinho com nossos filhos menores e deixando claro o desejo de cuidar muito bem de nossa família. Nossas necessidades são as necessidades deles.

O autocuidado, ou o “tempo para mim”, inclui práticas de cuidado da nossa mente, do nosso corpo e do nosso coração. Esses cuidados pessoais podem incluir ler um romance, tomar um bom banho, praticar exercícios regularmente, esbanjar em alguma comprinha, manter um diário de gratidão, cozinhar, manter uma dieta especial, dar um passeio sozinha por algumas lojas, passar um dia de princesa em um spa, cochilar um pouco, viajar, ou até mesmo ter um hobby significativo. Algumas dessas estratégias são mais baseadas na necessidade, enquanto outras concentram-se mais no conforto. Métodos de autocuidado são profundamente pessoais e variam amplamente.

O coração é propenso a pensar que, se eu tivesse mais “tempo para mim” — deixando meu filho por mais tempo na creche, para conseguir finalizar meus exercícios, comer minha salada, passar minha maquiagem, tirar meu cochilo e beber meu café com leite em paz —, então, talvez, a maternidade não parecesse tão difícil. Talvez não sentíssemos como se estivéssemos nos afogando.

Mas, como qualquer mãe que tentou encontrar o equilíbrio perfeito do “tempo para mim” poderá lhe dizer, esse ideal pode ser tão ilusório quanto

querer segurar um montante de areia com as mãos. Muitas mães já descobriram que ninguém (por mais que se cuide) jamais encontrará um descanso que satisfaça a alma em circunstâncias cuidadosamente planejadas.

A mensagem do Evangelho

Criação: criadas com necessidades

A cultura nos diz que precisamos cuidar de nós mesmas porque, afinal, nossos filhos precisam de nossos cuidados, mas o relato da criação nos conta que precisamos de cuidados porque Deus nos criou com necessidades. Embora Adão e Eva tivessem provisões abundantes no Éden, eles ainda assim tinham necessidades contínuas. Ambos precisavam comer e dormir. Eles necessitavam da comunhão com Deus e com o próximo. Necessidades pessoais precedem a queda, portanto fazem parte dos bons propósitos de Deus. No passado e agora, essas necessidades nos lembram de nossas limitações e de que Deus é Deus, e nós não somos. Somos criaturas frágeis com um Criador invencível.

Além disso, Deus nos criou com uma inclinação ao desfrute. O Senhor não só supre nossas necessidades físicas mais básicas, mas também provê alimentos dignos de um banquete e relacionamentos merecedores de celebração. A vida tem momentos de completa beleza. Não à toa desejamos *mais do que* ter nossas necessidades simplesmente supridas.

Queda: uma busca por meios de suprir nossas necessidades

Embora Deus, no Éden, tenha suprido as necessidades do seu povo e lhe provido fontes de prazer, Satanás acendeu uma chama de insatisfação. Ele questionou os limites dados por Deus e encorajou Eva a ser como Deus em sua sabedoria e conhecimento (Gn 3.5).

Quando pecaram, desobedecendo a Deus pelo desejo de estar em seu lugar, Adão e Eva experimentaram um sentimento totalmente novo — a necessidade de cobrir o próprio corpo. Buscando cuidar disso sozinhos, eles confeccionaram roupas insuficientes usando folhas de figueira e, envergonhados, esconderam-se de Deus (Gn 3.7). Mas, assim como seria necessário para todos os que viessem a pecar após eles, uma cobertura

aceitável exigiria o derramamento de sangue inocente (Gn 3.21). E somente Deus poderia providenciar isso.

Somos como Adão e Eva em seus pecados quando, em orgulho, tentamos viver além de nossas limitações naturais. Tentamos ser como Deus — absolutas em sabedoria, sustentadoras, que não dormem, super-humanas que se sacrificam por aqueles que amamos, pensando que, de algum jeito, somos, sim, diferentes. Ou estamos seguindo os passos de Adão e Eva quando tentamos encontrar soluções para nossas necessidades e suprimento para nossos desejos à parte da provisão de Deus. Evitamos o prazer do descanso da alma enquanto aproveitamos todos os mecanismos de enfrentamento possíveis — tomando vinho, agendando o cabeleireiro, indo à academia. Em vez de desfrutarmos das coisas como boas dádivas do Senhor, passamos a considerá-las como possíveis soluções para o nosso mais profundo cansaço.

Mas a verdade é que nem mesmo todo vinho satisfará nossa alma, e jamais conseguiremos nos arrumar tão bem a ponto de nos fazermos inocentes diante do trono de Deus. Por mais saudáveis e felizes que sejamos nesta vida, nossos esforços jamais serão capazes de pagar a eterna dívida do pecado que temos diante de Deus, tampouco nos concederão a vida eterna.

Redenção: necessidades supridas em Cristo

Na tentação de Jesus no deserto, Satanás distorceu a Palavra de Deus mais uma vez, esperando que Cristo aceitasse soluções rápidas para ter suas necessidades supridas. Mesmo estando com fome e cansado, Jesus creu em Deus e obedeceu à sua Palavra, confiando na provisão de seu Pai (Mt 4.1–11).

Em sua vida e ministério, Jesus deu o exemplo de autocuidado ao enquadrar todas as suas necessidades e desejos humanos no contexto da vontade de seu Pai. Jesus fez uma pausa e arranjou tempo para comer com os amigos, dormir em paz, ter comunhão com Deus e desfrutar de seus relacionamentos. Às vezes ele deixava seus discípulos confusos, que o procuravam quando ainda parecia haver trabalho por fazer (Mc 1.35–39). Mas como Jesus conseguia descansar quando parecia que ele próprio precisava trabalhar? Ele confiava em Deus.

E, por isso, Jesus confundia seus discípulos servindo os outros, sendo que era sua vez de ser servido. Mesmo quando Jesus estava com fome, desconfortável ou exausto, ele se abaixava para lavar os pés das pessoas. Mesmo estando assim, Cristo impunha as mãos sobre os feridos. Como Jesus conseguiu abrir mão de seus direitos, mesmo quando parecia que ele precisava de uma pausa? Ele confiava em Deus.

Assim, vemos Jesus cumprindo contínua e fielmente a vontade do Pai, mesmo nas limitações de um corpo humano.

Jesus nos mostra que o autocuidado não tem a ver com equilíbrio perfeito, felicidade terrena, ter tudo o que queremos ou mesmo preservar nossa vida. Em vez disso, trata-se de perder a própria vida em fidelidade e obediência. Assim, podemos seguir o exemplo de Jesus e recorrer ao seu auxílio mesmo em nossas necessidades mais básicas de mantimento e beleza, porque ele nos entende e nos concedeu um Auxiliador.

Consumação: o descanso final e completo está por vir

Um dia, quando o reino de Deus chegar à plenitude, não nos sentiremos sobrecarregadas ou exaustas com as necessidades dos pequeninos, nem com os cestos cheios de roupa suja ou com nossa privação de sono. Não ficaremos tristes com a oportunidade perdida de assar um pão fresquinho ou cuidar da horta. Pelo contrário, naquele dia, descansaremos plenamente, uma vez que não teremos motivo para nos escondermos do trono de Deus. Visto que nossas mais profundas necessidades serão perfeitamente supridas em Cristo e nosso amor e alegria serão encontrados plenamente nele, louvaremos a Deus por toda a eternidade.

Autocuidado: planejado, mas falível

Em minha transição de quatro para cinco filhos, por um momento pensei: “Deixa comigo!”. Por experiências anteriores, sabia que precisava de um plano para administrar mente, corpo e coração, a fim de colocá-los a serviço de Deus. Mas eu falhei, muitas vezes e de muitas maneiras.

Nos primeiros meses, tentei ignorar minhas necessidades. Eu conseguiria tomar banho, cuidar do bebê, ter meus filhos em casa a maior parte do dia, levar um deles para a terapia, completar meu estudo da Bíblia, trabalhar no ministério da Maternidade Ressurreta, ser voluntária na igreja e

ficar acordada até tarde para assistir Netflix com meu marido... tudo isso enquanto dormia menos do que o ideal. Eu sabia que a ideia era insustentável, mas pensei: “Ei, lembre-se de amanhã buscar a ajuda de Deus, quando estiver ainda mais cansada”.

Alguns meses depois, comecei a me sentir oprimida. Foi então que eu me peguei sonhando acordada com uma vida mais fácil, em que pudesse passar mais tempo fazendo o que queria e menos tempo limpando bumbuns, lavando pratos e educando pequenos pecadores. Eu cheguei a cogitar se deveria fingir uma doença apenas para descansar um pouco.

Então, depois que levantei a bandeira branca, meu marido e eu nos comprometemos com um novo plano. Eu faria exercícios, comeria melhor, tiraria um tempo nos finais de semana para descansar, conseguiria apoio com creches e matricularia nossos gêmeos na pré-escola. Eu diria “sim” às soluções práticas para obter ajuda em casa e reservaria um tempo para ler minha Bíblia em silêncio. Naquela época, eu também disse “não” às novas oportunidades de ministério da igreja, projetos domésticos não essenciais e até mesmo um “não” a cozinhar refeições mais elaboradas.

Tudo isso ajudou por um tempo. Eu me sentia muito melhor — menos irritada com as crianças, mais feliz, mais disposta, mais animada e esperançosa. Então, algumas semanas difíceis chegaram. Devido a problemas contínuos de saúde, viagens, clima e trabalho, minha rotina de autocuidado cuidadosamente elaborada desmoronou. A certa altura, passei quase cinco dias sem sair de casa ou sem abrir minha Bíblia. Eu precisava encontrar uma maneira de me alegrar e descansar mesmo em meio às dificuldades.

Durante aquela temporada, aprendi alguns ensinamentos essenciais sobre autocuidado e os problemas que enfrentamos como mães:

O orgulho muitas vezes nos impede de buscar a Deus em meio às nossas necessidades. Minha postura autossuficiente fez com que eu ignorasse minhas limitações, mas Deus é capaz de “fazer abundar toda a graça” em mim, para que eu consiga fazer sua obra por meio do seu preparo (2Co 9.8). Podemos ir a ele em necessidade, humildade e fraqueza.

Estratégias de autocuidado são limitadas. Um bom tempo de férias poderia ter ajudado (conforme meus sonhos prometiam), mas por quanto

tempo? Mais tempo para meus hobbies teria me dado momentos sozinha, mas esses efeitos são temporários. Sempre precisaremos de mais, sempre buscaremos cuidados pessoais novos e diferentes. É em Cristo que Deus provê a única fonte de refrigério ilimitada.

Não podemos depositar nossa esperança de felicidade em estratégias de autocuidado. Doenças aparecem, maridos têm conflitos inesperados no trabalho, a neve chega, babás cancelam a ida naquele dia e pessoas continuam precisando de nós. O que devemos fazer em momentos assim, ainda mais quando estamos completamente exaustas?

A esperança se encontra em Jesus Cristo, que é infalível

Assim como o manual do usuário do meu notebook não me garante que o meu dispositivo apresentará sempre um funcionamento perfeito, as estratégias de autocuidado não nos prometem uma vida mais fácil.

Um computador pode parar de funcionar devido a um ataque de vírus ou queimar se derramar líquido sobre ele. Ou, simplesmente, o produto pode vir com defeito de fabricação. Como participantes (e não autores) da grande história da redenção, não temos controle sobre todos os fatores que influenciam a saúde física, espiritual e emocional. E, apesar de não termos controle sobre as mais diversas circunstâncias, Deus nos oferece descanso aqui e agora por meio de Cristo.

Um dos meus retratos favoritos que a Bíblia faz dessa realidade se encontra na vida do apóstolo Paulo enquanto ele enfrenta cansaço e desânimo no ministério. Assim, ele escreve sobre sua experiência (que desafia a ideia que nós, mães modernas, temos sobre o que é necessário para sermos felizes e nos sentirmos cuidadas):

> Temos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que a excelência do poder seja de Deus e não de nós. Em tudo somos atribulados, porém não angustiados; perplexos, porém não desanimados; perseguidos, porém não desamparados; abatidos, porém não destruídos; levando sempre no corpo o morrer de Jesus, para que também a sua vida se manifeste em nosso corpo (2Co 4.7–10).

Sendo nós frágeis vasos de barro, nossa esperança não pode estar depositada na rotina ideal de autocuidado ou no saciar de nossas necessidades, mas no tesouro que carregamos — Cristo em nós. Só nele seremos capazes de suportar o momento presente com alegria em vez de desespero, segurança em vez de medo. Deus promete que, embora as coisas

sejam difíceis nesta vida por causa de conflitos e demandas sem fim, ele nos sustentará naquilo que realmente importa, para dar a conhecer o seu infinito poder.

Deus permite que passemos por dificuldades para que tenhamos a oportunidade de manifestar a vida de Jesus em nosso dia a dia. Quando as crianças estão chorando sabe-se lá por qual motivo, quando não fazemos exercícios há semanas, quando não conseguimos nem lembrar o que é uma "amiga", quando não cortamos o cabelo há um ano, quando nossa lista de livros não lidos já está enorme, quando nosso marido não chega em casa antes das 23h, quando nosso bebê acorda cinco vezes por noite ou quando nosso coração parece que não vai aguentar mais um dia, sim, mesmo em meio a tudo isso, podemos, com sinceridade, cantar "Sou feliz com Jesus, meu Senhor". Ainda que em meio a todas essas dificuldades, podemos cumprir aquilo que nos faz mais felizes, que é viver em obediência a Deus enquanto amamos o próximo em seu nome, mesmo (e especialmente) que signifique abandonar algo que gostaríamos de ter ou fazer.

Em muitos casos, o autocuidado é sábio, bom e importante. Mas apenas o cuidado e o poder sustentador de Deus podem nos moldar à imagem de Cristo por meio do Espírito Santo, com ou sem nossas estratégias de autocuidado. Independentemente da situação — seja como Paulo na prisão (sofrendo e batalhando pelo Evangelho), seja como um cristão perseguido nos dias atuais, seja como uma mãe cansada em uma época mais difícil — Deus cuida de nós, pois *não somos capazes* de cuidar de nós mesmos. Ele enxerga o fim. Sim, o Senhor provê um pouco de descanso no presente momento, mas aguardamos ansiosamente pelo descanso que está por vir, que será melhor, perfeito e definitivo.

> *Se você acha que pode estar lutando contra a depressão pós-parto, TOC pós-parto, transtorno de ansiedade ou algum distúrbio semelhante, converse com alguém de confiança e busque ajuda profissional.*

Questões para revisão

1. Qual é a sua versão ideal de autocuidado? Na fase atual da sua vida, você consegue ter tempo para isso agora? Se não tem esse tempo, quais barreiras você tem enfrentado?
2. Como você reage quando suas estratégias de autocuidado não dão certo? O que a sua reação revela sobre o seu coração? Se você

raramente tira tempo suficiente para descansar ou cuidar de si mesma, o que essa postura pode contar sobre a sua fé e a sua adoração?

3. Mesmo que não tenha tempo para os métodos tradicionais de autocuidado, você tira tempo para orar a Deus e confiar ao Senhor as suas necessidades mais profundas? Nesse sentido, como Deus tem a sustentado?

CAPÍTULO 16

O Evangelho e nossos filhos com diferenças

Laura

Alguns momentos ficam congelados no tempo, para nunca mais serem esquecidos. Um dos meus ocorreu em um pequeno consultório todo branco, cheio de papéis, tabelas, gráficos, sussurros, longas pausas, cinco adultos e um único bebê. Meu bebê.

“Ela conseguirá andar?”, perguntei.

“Esperamos que sim”, a médica-chefe respondeu.

“Ela conseguirá falar?”

“Esperamos que sim”, ela repetiu.

“Simplesmente não temos ideia de como ela vai ficar”, acrescentou um conselheiro genético. Então olhei para a minha filha, dormindo em meus braços. Eu não conseguia falar. Eu sabia que deveria estar fazendo perguntas, mas não sabia o que perguntar. Então, em vez disso, segurei o choro enquanto ajustava seu cobertorzinho, alisando o tecido rosa com estampa de peônia sobre suas pernas minúsculas. Meu marido fez mais algumas perguntas, mas basicamente ficamos sentados em silêncio naquelas desconfortáveis cadeiras vermelhas. Ambos estávamos atordoados, chocados.

Voltando para casa, ligamos para os parentes mais próximos, que estavam orando pela consulta. Depois, buscamos nossos filhos mais velhos na casa de uma amiga. Então preparei o jantar. O coração de todos parecia estilhaçado em um milhão de pedaços, mas a vida tinha de continuar normalmente. Meu marido colocou os mais velhos para dormir, eu amamentei um bebê, vimos um programa, e lavei a louça.

Eu não conseguia evitar que meus pensamentos se estendessem até um futuro distante, imaginando como seria a nossa vida. “Ela vai andar? Ela vai falar?” Essas perguntas ficavam girando na minha cabeça como roupa na máquina de lavar. Meu coração estava apertado, minhas pernas estavam fracas, meu coração lutava por esperança. Senti-me dominada pelo desespero e pela tristeza que sentia por minha filha, por minha família e por mim mesma. Quando minhas lágrimas começaram a verter sobre a pia da cozinha, comecei a clamar: “Não consigo! Eu preciso do Senhor! Não sei mais o que fazer!”.

Naquele momento, nada mudou como em um passe de mágica. Eu ainda sentia tristeza e incapacidade. Eu ainda guardava questionamentos. Mas, em meio às ondas de pavor e angústia que se abateram contra o meu coração, agarrei-me à esperança do Evangelho.

A mensagem que a cultura nos conta: você é a única esperança

Ninguém vira mãe esperando que o seu filho tenha deficiências, necessidades médicas ou problemas comportamentais. Nenhuma mãe espera que seu filho precise de intervenções médicas. Mesmo assim, muitas mães terão de enfrentar notícias inesperadas sobre o estado de seus filhos. Para algumas mulheres, o diagnóstico finalmente sana suas dúvidas e preocupações e quase chega como um alívio. Essas mães agora sabem com o que estão lidando e podem correr atrás de respostas. Já para outras, o diagnóstico não deixa nem espaço nem tempo para buscar alternativas, o que é paralisante e aterrador.

Seja como for, entender que o seu filho carrega diferenças — independentemente do que for: comprar um aparelho auditivo ou óculos pela primeira vez, estudar uma alergia alimentar ou um transtorno de processamento sensorial, ou mesmo receber um diagnóstico de atraso no desenvolvimento ou de alguma deficiência de aprendi-zagem — pode ser difícil, doloroso e até mesmo devastador.

O mundo conforta as mães dizendo-lhes que sejam gratas por viverem no século XXI e terem acesso a cuidados médicos avançados. Seja o que for, um par de óculos ou uma cadeira de rodas, uma simples cirurgia estética facial ou uma cirurgia cardíaca por risco de vida, se tiver dinheiro,

contatos e motivação suficientes, você pode mudar tudo aquilo que o futuro lhe reserva por meio de tecnologias, médicos e terapeutas competentes.

“Deposite sua esperança na equipe médica”, nos diz a cultura. “Eles sabem o que fazer.”

Além de proporcionar aos filhos o melhor atendimento médico, as melhores mães são como uma “mamãe ursa”. A mãe deve ser a maior e melhor protetora do seu filho. Leia e estude tudo que puder da internet e torne-se uma especialista nas necessidades específicas de seu filho. Melhore a alimentação, use óleos especiais, vá atrás de um novo estudo clínico, faça suas terapias caseiras todos os dias, sem falta. Teste um novo equipamento, dê a todos vitaminas e suplementos todas as manhãs e certifique-se de massagear as partes corretas dos pés dos seus filhos.

“Você é a esperança deles”, diz o mundo. “O desenvolvimento e o crescimento dos seus filhos refletem diretamente a sua competência.”

A pressão exercida sobre uma mãe para ser a resposta às necessidades dos seus filhos é esmagadora. Não há quem aguente todo esse peso, mas, mesmo assim, a mãe continua a ser alimentada pela mentira de que, se descobrir o problema suficientemente cedo, se cuidar do seu filho com a devida diligência, se demonstrar verdadeiro esforço, ela terá poder para exercer controle sobre o futuro desenvolvimento do seu filho. Nossa esperança, uma vez ligada aos nossos esforços imperfeitos, médicos imperfeitos e circunstâncias imperfeitas, ganha e perde brilho de acordo com o desenvolvimento do nosso filho. Há dias em que estamos exultantes; há dias em que ficamos arrasadas. Na maioria dos dias acontece um pouco dos dois.

Devemos ser gratas por médicos e terapeutas brilhantes, devemos valorizar os incríveis avanços da medicina e dos equipamentos hospitalares com o passar dos anos e ser fortes defensoras das crianças sob nossos cuidados. Apesar disso, não temos o poder de controlar o futuro de nossos filhos. Quando recebemos um diagnóstico difícil, somos orientadas a depositar nossa esperança em nossas próprias capacidades ou nas habilidades de outras pessoas. Mas, como seres humanos limitados, falhas serão sempre inevitáveis.

O Evangelho, entretanto, nos dá uma esperança melhor. Uma que não depende de nossos próprios méritos e capacidades. É uma esperança que alimentou 5.000 pessoas com apenas cinco pães e dois peixes; que fez o coxo andar; que curou úteros estéreis; que dividiu mares; que deu vida a ossos secos; que cuidou mesmo do menor pardal. Trata-se de uma esperança que eleva nossos olhos acima de nossa visão momentânea e nos faz enxergar o desenrolar de uma história maior.

A mensagem do Evangelho

Criação: a vida com a fonte de esperança

Deus criou os primeiros seres humanos com corpos perfeitos (Gn 1.27). A pressão sanguínea era idealmente nivelada, os batimentos cardíacos perfeitamente ritmados, os ossos eram fortes e retos e as sinapses neurais eram transmitidas com perfeição. Não havia deficiências nem doenças, e cuidados médicos não eram necessários, já que Adão e Eva desfrutavam de corpos capazes e sadios, que trabalhavam e descansavam no jardim sem sofrer nem mesmo um arranhão.

No Éden, nossos primeiros pais tinham comunhão diária com o Criador e Sustentador de seus corpos. Eles caminhavam e conversavam com sua fonte de esperança, confiantes em Deus e em seus caminhos e na vida que ele havia designado.

Queda: vida sem esperança

Quando pecaram, Adão e Eva foram banidos do Éden. Quando o querubim e a espada de fogo se voltaram para proteger o jardim (Gn 3.24), Deus lançou Adão e Eva para fora, e agora o casal teria de suportar labutas, dores e contendas (Gn 3.23). Pela primeira vez, eles conheceram o ardido de um joelho ralado, sentiram a vista embaçando com a idade mais avançada e tossiram por causa de uma gripe.

A queda trouxe à luz a fragilidade do corpo humano, e com essa vulnerabilidade em evidência vieram doenças, disfunções e deficiências — por vezes, desde o momento da concepção, por vezes desenvolvidas com o tempo, por vezes surgidas em um instante. Seja como for, os efeitos da queda acabam vindo à tona.

Assim como Eva comeu do fruto proibido, e o fez em busca de uma esperança melhor do que o seu Deus, nós também buscamos esperança nos mais diversos lugares, achando que, alguma hora, vamos encontrá-la, pois duvidamos que um Deus tão bom permitiria tanto sofrimento. Normalmente, depositamos esperança em nós mesmas — como Eva, ansiando pelo controle do futuro, acreditando que podemos abrir caminho à força até a cura. Dizemos a nós mesmas que somos a esperança do sucesso de nossos filhos. Então, sacamos nossas espadas e nos preparamos para a batalha, prontas para lutar até a morte (ou até que a conta bancária fique vazia e nosso coração, esgotado). Ao fazermos isso, cruzamos os dedos e esperamos pelo melhor. O progresso se esvai. Quando um problema é resolvido, outro surge. Às vezes, não há solução, então aprendemos a viver com outras perspectivas e uma nova rotina.

Nosso coração permanece em constante turbulência — oscilando entre tristeza e deleite, com perspectivas e atitudes dependentes de um alvo em constante movimento — porque nossa esperança é construída sobre areia movediça. Ficamos exaustas, frustradas, infelizes. Porque não podemos contar com nossos melhores esforços, nem mesmo com os melhores cuidados médicos, e porque o desenvolvimento do nosso filho não está sob nosso controle, logo começamos a sentir que não temos nenhuma esperança nesta vida.

Redenção: uma viva esperança

Em meio ao evento mais devastador para toda a humanidade — o dia em que Adão e Eva rejeitaram a Deus —, o Senhor ofereceu uma esperança. Embora Deus amaldiçoe a terra, ele também nos deixa com uma mensagem de esperança, palavras que mudariam tudo: “Porei inimizade entre ti e a mulher, entre a tua descendência e o seu descendente. Este te ferirá a cabeça, e tu lhe ferirás o calcanhar” (Gn 3.15).

Esperança. Não para se revelar naquele momento, mas uma promessa para o futuro. Deus não eliminou os efeitos da queda, resgatando o casal imediatamente. Em vez disso, ele faz tudo a seu tempo, soprando vida sobre a morte. O Senhor expulsa Adão e Eva para o leste do jardim, permitindo que vivam e sintam as dolorosas consequências da queda. Dia após dia, eles se apegavam à promessa de Deus de que algum dia Satanás e o pecado seriam esmagados por um descendente de Eva.

Adão e Eva jamais viram o seu Salvador enquanto neste mundo — e olha que Adão viveu mais de 900 anos (Gn 5.3–4)! Mas eles passaram seus dias com uma firme esperança na promessa de que, um dia, Deus haveria de redimi-los. Todas as noites, enquanto viam o sol se pôr a oeste — em direção ao Éden —, Adão e Eva provavelmente sofriam com as lembranças da vida pré-queda. Mas tal sofrimento não era desprovido de esperança. Eles podiam acreditar e confiar que um dia retornariam a um Éden ainda melhor.

Além disso, a esperança de Adão e Eva não era sem vida, cheia de conjecturas, dúvidas ou questionamentos, mas uma esperança segura e confiante de que a promessa seria recebida no futuro designado. A esperança de Adão e Eva consistia em uma pessoa, e não em um mero ser humano normal, mas a pessoa perfeita, Jesus Cristo. Deste lado da cruz, sabemos que ele veio e cumpriu a profecia que os ouvidos de Adão e Eva ouviram, esmagando a cabeça da serpente, morrendo e ressuscitando no terceiro dia (Gn 3.15). E, agora, vivemos no "já, mas ainda não", esperando a consumação plena do plano de Deus, quando entraremos em um paraíso mais perfeito do que o Éden. Hoje, no entanto, vivemos com a esperança de que esta vida não é o nosso fim. Existe um propósito maior para o que experimentamos.

Consumação: vida eterna com esperança eterna

Um dia viveremos novamente ao lado de nossa Esperança. Quando Deus restaurar todas as coisas, nunca mais sentiremos a tristeza, nem a dor, nem a tristeza da queda: "E lhes enxugará dos olhos toda lágrima, e a morte já não existirá, já não haverá luto, nem pranto, nem dor, porque as primeiras coisas passaram" (Ap 21.4). Oh, que promessa, que esperança!

Naquele dia, todas as deficiências e diferenças serão totalmente curadas. Não mais haverá a necessidade de remédios, cirurgias, terapias ou consultas. Nunca mais teremos aquele medo sombrio de como as outras crianças tratarão o nosso filho, preocupadas com sempre fazer o suficiente, dizer o suficiente, pagar o suficiente. Você nunca mais terá de pesar as opções de tratamento e os riscos dos efeitos colaterais em potencial. Não mais haverá a necessidade de médicos ou enfermeiras porque o Grande Médico andará entre nós.

Espere no propósito, não na causa

"Eu… eu comi sushi uma vez, enquanto estava grávida. E esta foi a primeira gestação em que usei uma almofada para grávidas. Será que essas coisas estão causando tudo isso?", sussurrei, hesitantemente, para o meu marido, tentando descobrir como minha filha poderia ter acabado com um diagnóstico tão raro. Fiz a mesma coisa quando meu filho teve de começar a usar óculos, quando passou por múltiplas cirurgias nos olhos e por várias terapias oculares e quando soubemos que ele lutaria com problemas de vista pelo resto da vida. E fiz a mesma coisa quando minha filha do meio teve um atraso na fala e descobrimos que ela tinha dificuldades de audição.

"Onde foi que eu errei?"

"A culpa é minha?"

"Como é que isso foi acontecer?"

"*Por que* isso tinha de acontecer?"

Não importa quando ou como, entender que o seu filho terá uma diferença em relação aos colegas com um desenvolvimento normal gera dor, tristeza e um brado materno de desespero: "Por que, Senhor? O que eu faço agora, meu Deus?".

São questionamentos normais, e não há problema em perguntar a Deus o porquê dessas coisas. A Bíblia não foge de perguntas difíceis. Eu me sinto muito consolada com essa verdade.

Mesmo os discípulos, diante de um cego, chegaram a perguntar: "Mestre, quem pecou, este ou seus pais, para que nascesse cego?" (Jo 9.2). Os discípulos logo presumiram que a causa da cegueira era ou o pecado daquele homem, ou o pecado de seus pais. Eles não sabiam de quem era a culpa, mas certamente tinha um culpado. Jesus, porém, lhes disse algo totalmente inesperado: "Nem ele pecou, nem seus pais; mas foi para que se manifestem nele as obras de Deus" (Jo 9.3). O que Cristo disse foi basicamente o seguinte: "A cegueira deste homem não foi causada nem pelo pecado dele, nem pelo pecado de seus pais. Parem de pensar na causa, e passem a pensar no propósito".

"Por que isso aconteceu?"

Para que Deus seja ainda mais glorificado.

Se você é uma mãe que enfrenta os desafios de um filho com diferenças, saiba que há um propósito: Deus está trabalhando na vida de seu filho e nos desafios ocasionados por ela para manifestar sua própria glória. E, além disso tudo, ele também está trabalhando em você. As “obras de Deus” não se manifestam apenas no portador de deficiências; as obras de Deus também são manifestas por seu intermédio, à medida que você busca praticá-las dia após dia: ao demonstrar misericórdia enquanto faz o bebê dormir pela sétima vez na mesma noite; sendo paciente e amorosa mesmo diante de comportamentos extravagantes ou incomuns em público; quando você fala da bondade e da graça de Deus derramadas em sua vida quando alguém questiona como você aguenta passar por tudo isso.

Sua reação à deficiência do seu filho e o modo como você interage com sua doença ou seu comportamento significam muito. Ao passar pelo diagnóstico do seu filho com esperança em Deus — mesmo em meio a questionamentos, mal-entendidos e tristezas —, você manifesta as obras de Deus, e elas nos dão vida, esperança, são repletas de graça, distribuem compaixão, direcionam o coração no caminho certo, transbordam de glória e expulsam o pecado, à vista de todos.

Uma esperança que santifica

Dificuldades e questionamentos costumam dar um jeito de nos lançar em incredulidade, revelando nossas dúvidas, nossos medos, trazendo à luz nossa amargura e a verdadeira natureza de nossa fé. Queremos soluções rápidas para os problemas que enfrentamos, mas Deus provê soluções lentas — porque aprendemos devagar. Deus não está pedindo que você feche os olhos, vá com tudo e espere pelo melhor, enquanto enfrenta as fortes ondas dos cuidados exigidos por seu filho. De igual modo, o Senhor também não promete tirar os oceanos que estão à sua frente. Mas ele promete estar com você o tempo todo: “Não temas, porque eu sou contigo” (Is 41.10).

O esforço e a perseverança com paciência dão à luz a santificação. Estes nos forçam a olhar para além de nós mesmas e de nossas circunstâncias e decidir se realmente acreditamos no que a Palavra de Deus diz ser verdade.

“Sabemos que todas as coisas cooperam para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados segundo o seu propósito.” (Rm 8.28)

“Ele guarda a alma dos seus santos.” (Sl 97.10)

“Porque a nossa leve e momentânea tribulação produz para nós eterno peso de glória, acima de toda comparação.” (2Co 4.17)

“Eu te fortaleço, e te ajudo, e te sustento com a minha destra fiel.” (Is 41.10)

“Mas jamais retirarei dele a minha bondade, nem desmentirei a minha fidelidade.” (Sl 89.33)

“Eis que faço novas todas as coisas. E acrescentou: Escreve, porque estas palavras são fiéis e verdadeiras.” (Ap 21.5)

“Eis que faço novas todas as coisas”: se somos iguais, você também anseia desesperadamente pelo dia em que Deus tornará essa promessa verdadeira para o seu filho. Mas o seu coração deve ter o mesmo clamor pela sua própria vida. Assim como o seu filho tem uma necessidade maior do que suas habilidades diferentes, você também tem uma necessidade maior e mais profunda: ter o seu coração curado. Geralmente, somos tentadas a depositar nossa esperança no progresso da terapia, em uma nova estatística, em nossa capacidade de argumentar com os médicos ou se nos lembramos de dar o remédio. Mas, por causa de Cristo, nossa esperança pode finalmente encontrar descanso em nosso Deus, que é imutável, e repousar em seu plano perfeito e na fidelidade de sua Palavra.

Pregue esta verdade para si mesma todos os dias. E saiba que você terá se esquecido dessa realidade no momento em que achar que tem tudo sob o seu controle. Visto que somos todos seres humanos, sei que você também tem memória curta e falha. Acorde e lembre-se da história, da narrativa. Repita a si mesma acerca da Rocha Eterna. Traga à memória a coluna de nuvem e de fogo, o oleiro, a sarça ardente, o cavalo branco. Pregue repetidas vezes o Evangelho a si mesma enquanto enfrenta novos desafios, faz novas perguntas, comemora novas realizações e passa por novas dificuldades.

Seja qual for o estágio da vida com o seu filho nesta jornada, agarre-se à verdadeira e eterna esperança e creia nas promessas de Deus. Ainda que você não entenda, lembre-se de que existe um propósito maior em ação. Confie na longa jornada que Deus lhe propõe para crescer na fé, e aproveite que ele pacientemente incute a verdade em sua alma. Manifeste as obras de

Deus diante das pessoas que convivem com você. Viva pela fé, e tenha esperança na grandiosa história de Deus que ainda está por ser finalizada, sabendo que o sol não se porá para sempre no Éden.

Enquanto esperamos, aguardamos com esperança.

Questões para revisão

1. Se você é mãe de um filho com diferenças, onde ou em que o seu coração tende a depositar sua esperança? Se você é amiga de uma mãe nessa situação, em que ou em quem você a encoraja a depositar sua esperança? Como suas respostas se alinham com a ordem que o Evangelho dá de depositar a esperança do nosso coração em algo ou alguém específico?
2. Deus promete usar nosso sofrimento para nos santificar e nos aproximar dele. Como essa verdade lhe dá esperança e incentivo ao receber um diagnóstico desafiador? Como Deus está tornando tudo novo em sua vida?
3. De que forma o Evangelho a convida a manifestar as obras de Deus às pessoas com quem você convive, usando suas circunstâncias específicas para demonstrar quão satisfeita você é em Cristo?

CAPÍTULO 17

O Evangelho e nossas escolhas educacionais

Emily

Com uma imagem ideal de nossa família em mente e um currículo de educação domiciliar a postos na estante, logo tive certeza de que já tinha planejado os próximos vinte anos. A educação domiciliar seria uma estrada difícil, mas, se déssemos a devida importância, conseguiríamos alcançar nossos objetivos. Certo?

Um ano depois, e a direção de Deus para a nossa família desafiou meus planos. Após uma mudança estressante, um diagnóstico difícil para nossa filha mais nova, a dificuldade de cuidar de bebês gêmeos incontroláveis e o nascimento do nosso quinto filho à vista, descobri minhas limitações. Naqueles dias, encontrar tempo para a educação de nossos filhos parecia impossível. Nos esforçamos ao máximo para educá-los fielmente na verdade, conforme Deus nos ordena em sua Palavra, mas, não atingindo meus ideais educacionais, nossos esforços pareciam vãos.

Quando meu marido mencionou a possibilidade de matricular nosso filho mais velho em uma escola, resisti inicialmente. Eu ficava preocupava, achando que isso fosse o equivalente a fadá-lo a caminhos errados pelo resto da vida.

Meu marido deu um sorriso gracioso. “Precisamos de ajuda para o próximo ano. Vamos enfrentar um ano por vez.”

Pensei muito sobre aquela decisão e acabei me sentindo culpada, mas, estranhamente, não porque a escola fosse uma opção ruim (afinal, era uma excelente escola!). Resisti à ideia porque tudo aquilo significava mudar de direção e, potencialmente, parecer fraca e envergonhada diante dos outros. Teimei diante da solução imediata porque queria mostrar toda a força e sabedoria da minha maternidade ao perseverar naquela decisão, mesmo que fosse mais difícil. Na verdade, eu não me incomodava com a ideia de

matricular meu filho em uma escola; o que me doía era não conseguir externalizar retidão.

A mensagem que a cultura nos conta: suas escolhas educacionais determinam o seu futuro

Quando avaliamos escolhas educacionais (isso, claro, quando temos o luxo de escolher), normalmente nos vemos em uma grande encruzilhada. As placas parecem apontar para direções diferentes.

- Matricule seu filho naquela escola e, automaticamente, trace seu destino com uma vaga em uma das melhores universidades do país, com uma renda anual futura de seis dígitos e uma carreira excepcional.
- Matricule seu filho naquela outra escola e, certamente, ele terá grandes oportunidades de evangelismo, passará numa universidade mediana e conseguirá um emprego na cidade onde mora.
- Mantenha seu filho em casa e pratique a educação domiciliar para desenvolver nele amor pelo aprendizado, uma vida de piedade e um futuro membro fiel de uma igreja local.

É óbvio que eu citei estereótipos. Todas nós nos deparamos com caminhos e resultados diferentes, mas as ilustrações são verossímeis. É fácil imaginar que, se conseguirmos simplesmente guiar nossos filhos no caminho certo, controlaremos o destino deles. Também tendemos a acreditar que é impossível mudar de direção, mesmo quando alguns de nós (temos esse medo) estão caminhando em direção ao abismo.

Nossas próprias experiências de vida, nossa comunidade e as mensagens do mundo reforçam essa mentalidade. Olhamos para a rua e vemos nossos vizinhos, alegres, levando seus filhos à escola, e começamos a temer que nossos filhos que estudam em casa estão perdendo algo de importante. Ou então jantamos com casais amigos que praticam a educação domiciliar e, quando eles dizem quanto tempo ficam juntos, ficamos tristes por termos optado pela escola pública. Analisamos todos os números, na esperança de que, se conseguirmos encaixar a escola particular dos nossos sonhos no orçamento, nosso filho estará pronto para o resto da vida. Memórias da própria infância nos lembram de como esta ou aquela experiência escolar

impactou nossas amizades, nossa fé e nosso futuro. Somos levadas a pensar que existe uma fórmula especial para avaliar todas as possibilidades e chegar a uma solução infalível para o destino de nossos filhos. Com tanto peso e responsabilidade em um momento de tomada de decisão para a escolha da escola, parece que nos esquecemos da soberania de Deus sobre cada caminho e encruzilhada.

A mensagem do Evangelho

Criação: dois caminhos

No princípio, Deus criou os céus e a terra (Gn 1.1). Tudo o que o Senhor disse passou a existir (Gn 1.3). Ninguém o instruiu, nem o ensinou, tampouco lhe explicou a ciência ou lhe forneceu os materiais. Ele não precisava de sabedoria externa ou de uma revelação especial. As ideias, os meios, o poder e a produção vieram somente do Deus Triúno — assim, vemos de imediato que Deus detém todo saber e é o Senhor de todo conhecimento. Ele vê as melhores decisões que levam aos melhores resultados. Não há nada que alguma criatura precise lhe ensinar.

Neste mundo, Adão e Eva foram criados como portadores da imagem de Deus, que governa com seu conhecimento para concretizar seus propósitos. O Senhor, então, apresentou-lhes dois caminhos: o da vida e o da morte (Gn 2.15–17).

Queda: o caminho do orgulho e do controle

Mas Eva, tentada pela serpente a controlar seu próprio destino, comeu do fruto proibido. Em vez de seguir o caminho de Deus e optar pela vida, Eva desafiou o Senhor e saiu de seus caminhos (Gn 3.4). Quando caiu em si e percebeu que desafiou o caminho de Deus para a sua vida, ela se escondeu com Adão em vergonha (Gn 3.10).

O orgulho de Eva — seu desejo de obter acesso à posição de Deus, tornando-se como ele em conhecimento e poder — atinge-nos hoje. Assim como Eva queria governar sua própria vida, também desejamos controlar a nossa e a de nossos filhos. Pensamos que, ao nos depararmos com a encruzilhada da escolha educacional, podemos considerar todos os fatores e escolher aquele que dará vida aos nossos filhos. Consideramos a educação

como um fator determinante para a sua posição social, poder, estabilidade financeira e, por vezes, até mesmo para a sua salvação.

Se não conseguimos inserir nosso filho no ideal educacional que construímos, nossos corações cheios de vergonha chafurdam em ansiedade. Por vezes nos sentimos envergonhadas porque, enquanto nossas colegas conseguem avaliar todas as opções disponíveis, nosso orçamento e trabalho limitam nossas escolhas. A insegurança também pode nos levar a emitir um julgamento sarcástico sobre aquelas famílias que podem direcionar seus filhos no caminho educacional que nós cobiçamos. Acabamos torcendo para que a escolha educacional não importe *tanto* — crianças são crianças, e elas ficarão bem se tivermos boas intenções. Certo?

Ou quando *podemos* oferecer nosso ideal educacional, acabamos propensas a julgar de outra forma, pensando que, se outros pais fossem mais unidos, se esforçassem mais, sentissem e se sacrificassem mais (como nós, aliás), eles, então, estariam trilhando o melhor caminho (como o nosso, a propósito). É bem provável que esses pais simplesmente precisem largar um dos empregos, apertar mais os gastos ou receber treinamento para cuidar das necessidades de seus filhos.

Todos (independentemente de sua filosofia educacional) estão sujeitos a pecar no coração enquanto consideram opções educacionais e avaliam outras famílias de acordo com seus próprios padrões. Todas nós tendemos a permitir que nossas escolhas educacionais nos deem uma sensação exagerada de poder e controle sobre o futuro de nossos filhos (ainda que, de fato, essas escolhas exerçam alguma influência).

Redenção: o caminho estreito

É ótimo almejar um bom futuro para nossos filhos, assim como o Senhor deseja para os dele. Deus nos capacita a usar de sabedoria à medida que o Espírito Santo nos ajuda a aplicar sua Palavra às nossas circunstâncias, conforme confiamos em Cristo.

Em Eclesiastes, o rei Salomão ilustra o valor de escolhas sábias, reconhecendo que a sabedoria é muito melhor do que a tolice (Ec 2.13). A sabedoria pode gerar boas experiências, investimentos, relacionamentos e até mesmo desfrutar de Deus. Escolhas sábias, no entanto, têm limitações porque provêm da mente dos pecadores caídos. Não temos a sabedoria e o

conhecimento infinitos de Deus, nem a soberania sobre todos os resultados. O rei Salomão nos lembra de que todos — tanto instruídos quanto sem instrução — enfrentarão a mesma morte (Ec 2.14). Até ele, com o dom de uma excepcional sabedoria humana, andou em pecado. A vida de Salomão nos mostra que, em tudo, devemos pensar em Cristo enquanto aplicamos nossa sabedoria (1Co 2.16).

As Escrituras nos ajudam a ver que, embora seja proveitoso escolher sabiamente seus caminhos educacionais, um método ou instituição não tem o poder de guiar nossos filhos pelo caminho certo para a eternidade. Para isso, há uma só resposta: nossos filhos devem entrar pela porta estreita, e não nos compete fazê-los trilhar o caminho estreito com circunstâncias de vida idealmente projetadas (Mt 7.13–14).

Somente em Cristo nossos filhos encontram vida eterna, verdadeira sabedoria, os propósitos do Evangelho, sucesso no reino e permanente alegria. Temos, aqui, o privilégio e a alegria de colocá-los nos caminhos do Senhor, independentemente de nossas escolhas educacionais. Confiamos no Deus da criação, que deu vida à existência e enviou um Salvador para resgatar seu povo, encontrar suas ovelhas e trazê-las de volta ao seu aprisco (Jo 10.16). A salvação pertence ao Senhor, e não há outro nome (ou escolha educacional perfeita) dado à humanidade pelo qual somos salvos (Sl 3.8; At 4.12).

Consumação: uma esperança que vai além do próximo ano letivo

Jesus declara em Apocalipse que ele não demorará a voltar (Ap 22.12). Quando vier, ele reunirá aqueles que trilharam o mesmo caminho que ele percorreu (1Jo 2.6). Alguns santos que se juntarão a Cristo por toda a eternidade terão sido educados em casa, alguns terão estudado em escolas particulares ou públicas, e alguns terão experimentado todas as opções acima. Alguns terão uma educação de primeira linha, outros serão analfabetos. Mas todos terão passado pela porta estreita da salvação em Cristo. Este é o caminho que de fato importa.

Quando imaginamos um caminho educacional para nossos filhos, não só pensamos em professores ideais, mas também oramos para que esses educadores (e todos os demais que viermos a conhecer) se tornem irmãos e irmãs em Cristo, para adorarem ao Senhor ao nosso lado na nova terra.

Colocando nossos filhos nos caminhos do Senhor

Este não é um capítulo tratando do método educacional que você deve escolher. Para este ano, você pode ter planejado matricular seu filho em uma escola pública, mas, em vez disso, acabará optando pela educação domiciliar. Ou talvez você precise manter seu filho matriculado em uma escola da região e não alterar seus planos originais. Filhos de diferentes famílias podem ter de estudar em diferentes escolas por diferentes motivos. Minha irmã em Cristo, sejam quais forem as circunstâncias em sua vida e quaisquer opções disponíveis ao ler estas linhas, espero que este capítulo lhe inspire à liberdade e que minhas palavras a lembrem do seu dever para com Deus.

Vamos todas respirar fundo, abaixar nossas espadas, nossas expectativas e deixar de lado nossos medos e presunções. À medida que baixamos a guarda e colocamos de lado nossas armas, pensemos no impacto que nossa cultura familiar — os "traços característicos de nossa existência cotidiana"[12] — exerce sobre nossos filhos.

Suas escolhas educacionais são, de fato, muito importantes, mas Deuteronômio 6.7–9 também indica que todos os matizes da vida competem ao discipulado:

> Tu as inculcarás [as leis] a teus filhos, e delas falarás assentado em tua casa, e andando pelo caminho, e ao deitar-te, e ao levantar-te. Também as atarás como sinal na tua mão, e te serão por frontal entre os olhos. E as escreverás nos umbrais de tua casa e nas tuas portas.

Nossa cultura familiar deve educar nossos filhos nos caminhos do Senhor, mesmo que eles aprendam matemática, ciências e estudos sociais a algumas ruas de casa, na escola do bairro. Da mesma forma, nossa cultura familiar deve educar nossos filhos nos caminhos do Senhor, mesmo que estejam ao nosso lado o dia todo, aprendendo matemática, ciências e estudos sociais sentados à mesa da cozinha.

Temos o dever de viver uma vida cristã autêntica diante de nossos filhos, ensinando-os e preparando-os com diligência, perseverança e esperança. Esse treinamento deve ocorrer em vários momentos e de várias maneiras, de manhã e à noite, em toda situação. Alguns formatos podem incluir deixar cartões de oração no carro para que nos acheguemos ao Senhor, unidos, durante o trajeto para a escola. Também podemos conversar com nossos filhos depois da escola sobre os desafios do dia e ajudá-los a aplicar as

Escrituras às situações da vida. Em algumas ocasiões, podemos levar todos até o balcão da cozinha e cantar um pequeno hino antes do café da manhã, ou ensinar nossos filhos a pôr a mesa para um jantar com nossos vizinhos. E, além de tudo, pais podem fazer com que o amor e a unidade do casamento manifestem aos filhos o amor e a unidade entre Cristo e sua igreja.

Nossa escolha educacional também pode servir como um meio para tais fins, mas é bem provável que não seja o suficiente para atingi-los. Devemos olhar para nossa vida, nossas circunstâncias, personalidades, tensões e paixões à luz da Palavra de Deus e aplicar seus ensinamentos a cada situação que vivenciamos. Cabe a nós avaliar as oportunidades e limitações de cada método educacional, questionando-nos de que maneira seremos capazes de supervisionar melhor a educação acadêmica de nossos filhos e, ao mesmo tempo, discipulá-los no Evangelho de Jesus Cristo. Buscamos uma fidelidade a serviço de Deus e que molde a cultura porque transborda de um relacionamento autêntico com Jesus Cristo. Fazemos escolhas pela fé e, em seguida, ajustamos o que for preciso.

Não tenho certeza de como ficarão os meus filhos no futuro. Eles podem crescer e acabar rejeitando nossos ensinamentos, ou se tornar adultos que professarão a mesma fé, apesar de nossos inúmeros fracassos e erros. Independentemente do futuro, o dever do meu marido e o meu é guiá-los ao caminho estreito de Deus da melhor forma que conhecemos, nas circunstâncias que o Senhor nos deu. Nossa obrigação é promover o amor à Palavra de Deus em nosso cotidiano (independentemente de onde nossos filhos estudam ou forem estudar), mostrando-lhes o caminho da salvação, deixando Deus operar sua obra.

A tensão em nossas escolhas educacionais

Todos nós, pais e mães cristãos, costumamos sentir uma tensão quando entendemos o peso de nosso chamado, o peso de sermos chamados a ensinar e treinar mentes maleáveis, a fim de que conheçam a grande história de Deus e da salvação por meio de Jesus Cristo. Espera-se que treinemos e disciplinemos nossos filhos na obediência à Palavra e os ajudemos a ver a diferença entre sabedoria e tolice. O dever que se coloca diante dos pais cristãos é grandioso, árduo e autêntico. Ninguém fará uma mágica e

cumprirá o dever que nos cabe em nosso lugar, e jamais podemos ignorar os mandamentos de Deus com passividade ou complacência.

O peso do nosso chamado pode nos levar a uma preocupação exagerada quanto ao caminho "certo" da escolha educacional, a menos que reconheçamos que não podemos cumprir nosso chamado sem Cristo. Cada escolha educacional apresenta perigos e erros, portanto temos de aprender a compensar as fraquezas e preencher as lacunas com o pensamento correto e as experiências de discipulado. Existem perigos e erros no coração de nossos próprios filhos. Em última análise, não temos o poder de amolecer o coração deles para que aceitem sinceramente a verdade. Nossos filhos podem acabar com uma aparência exterior, mas com o coração distante do Senhor e de nossos ensinamentos. Essa realidade deve nos levar a descansar na graça de Deus.

Jesus é a única pessoa que reconcilia a tensão entre nossa responsabilidade e nossa incapacidade.

Jesus toma a nossa identidade consigo e a posiciona à destra de Deus, dando-nos acesso a um Pai santo que nos ama e nos acolhe plena e perfeitamente. A partir dessa perspectiva, podemos considerar nossas decisões com um profundo alívio e gratidão porque, independentemente de nossas escolhas educacionais para o próximo ano — seja montar um ambiente de ensino domiciliar na mesa da cozinha, seja entrar em um grupo de apoio escolar com outras famílias cristãs, seja contratar um professor particular para moldar a mente de nossos filhos, seja matriculá-los na escola cristã particular mais próxima, seja encontrar uma escola conveniada, seja matriculá-los na escola pública no final da rua —, estaremos com Deus em Cristo Jesus.

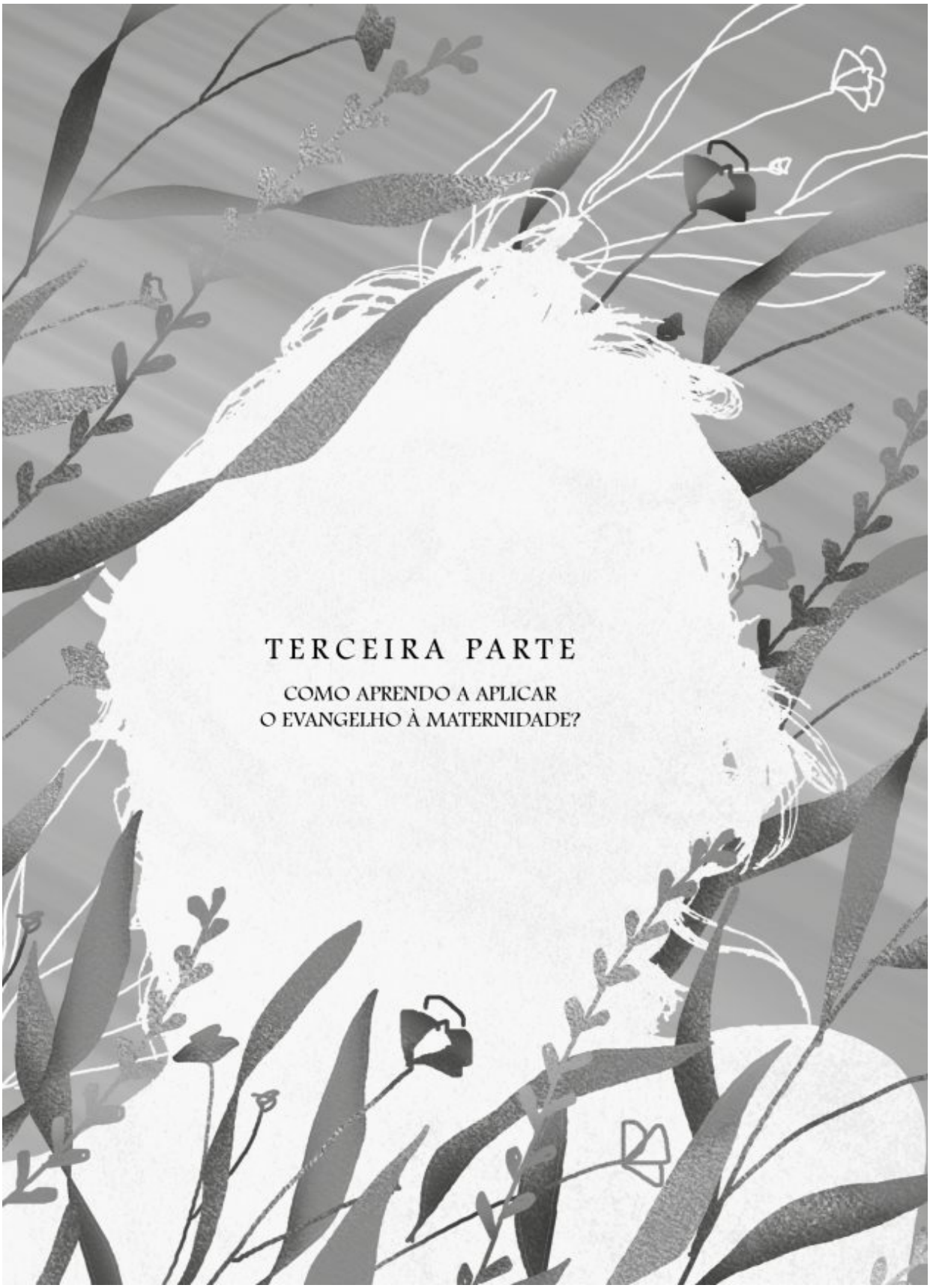
A realidade de que somos aceitos por Deus em Cristo deve libertar nosso coração e nossa mente das amarras que não nos deixam desfrutar do caminho educacional que escolhemos, sabendo que é falho, como todas as coisas são. Assim, teremos paz para discipular e educar nossos filhos com sabedoria, sabendo que, ainda que falhemos, Deus é maior. Não somos pressionadas a "acertar em tudo, ou então…", pois confiamos naquele que tudo sabe e sempre acerta.

Nenhum método de ensino é capaz de equiparar-se aos padrões de Deus. Cristo, no entanto, é suficiente, e está ao nosso lado para nos ajudar com o

discipulado de nossos filhos — seja qual for o método educacional que escolhermos.

Questões para revisão

1. Imagine as possíveis encruzilhadas na vida do seu filho. Que caminhos educacionais você vê e o que sinalizam as placas sobre cada destino (se eu escolher X, meu filho escolherá Y)? Qual a causa desses estereótipos, medos e expectativas?
2. A que firme esperança você ainda pode se agarrar, mesmo sem conhecer o destino da vida do seu filho?
3. Independentemente da sua escolha educacional, como você pretende infundir o Evangelho no dia a dia dos seus filhos, fazendo de Cristo a cultura e o bom aroma do seu lar?



TERCEIRA PARTE

COMO APRENDO A APLICAR O EVANGELHO À MATERNIDADE?

CAPÍTULO 18

Os primeiros anos do bebê são anos perdidos?

Emily e Laura

Você já ouviu falar da regra das 10.000 horas?

Algumas pesquisas afirmam que a pessoa pode tornar-se um especialista em qualquer tópico se gastar 10.000 horas de estudo e prática. No entanto, o psicólogo que originou esta pesquisa diz que não basta repetir a mesma coisa (costumamos pensar assim quanto a práticas e hábitos). Para que haja esse aprendizado, deve haver aquilo que o psicólogo chamou de "prática deliberada".13 De acordo com a teoria deste estudioso, pessoas com pouco ou nenhum talento ou com, no máximo, conhecimento básico de uma área específica podem se tornar os melhores jogadores de golfe, músicos, arremessadores de lances livres, jogadores de xadrez e empresários.

"Prática deliberada" significa desenvolver habilidades ou conhecimento em uma nova área, praticando o que se sabe e superando as habilidades já existentes. Significa sair da zona de conforto e aprender a conviver com o desconhecido e com aquilo que parece difícil demais. Envolve estar disposto a cometer erros e, em seguida, descobrir como corrigi-los.

Na prática deliberada, a pessoa que estuda e pratica continua a aprender e a praticar, e não apesar das dificuldades, mas impulsionada por elas.

Se há seis ou sete anos alguém tivesse pedido para escrevermos um livro como este, nós duas teríamos rido. Não tínhamos experiência nem na maternidade, nem na aplicação diária do Evangelho. Parecia uma habilidade difícil demais, estranha à nossa realidade e fora de nossas capacidades. Às vezes, chegávamos a pensar em desistir. Sabíamos, porém, que perseverar neste assunto era essencial para nós, mães, e ainda mais para o nosso chamado como crentes em Cristo. Assim, perseveramos, esforçando-nos

para crescer em conhecimento bíblico e na aplicação do Evangelho em meio a trocas de fraldas, deixar o filho na pré-escola, levar nossos filhos para brincar com outras crianças e consultas médicas.

O que sabemos hoje é resultado de investir tempo de estudo e prática sempre que possível. Admitimos que, em todos esses anos de maternidade, houve períodos em que assistimos mais à Netflix do que lemos a Bíblia (ainda mais na fase de adaptação de cada bebê recém-nascido). Apesar disso, por meio de um prolongado período de estudos e aplicações pessoais e intencionais, ou por meio de prática deliberada, nós duas nos esforçamos para conhecer mais a Deus e amá-lo mais estudando sua Palavra, tanto sozinhas como em comunhão.

Ainda temos muito que aprender (e, definitivamente, não somos especialistas de 10.000 horas), mas somos gratas por chegarmos tão longe, mesmo que o crescimento tenha parecido bem lento. Este livro é o resultado de muitos, muitos anos de prática deliberada e intermitente com o fim de conhecer e compreender a Palavra de Deus.

No entanto, durante nosso curto período como mães, percebemos que algumas pessoas tendem a subestimar os primeiros anos do bebê. Elas dizem coisas como: “Não tem problema se você não leu a Bíblia ou não completou seu estudo bíblico. Você está ocupada demais criando seus filhos!”. Agradecemos a gentileza, mas conselhos como este implicam que as poucas horas disponíveis que são acumuladas em esforço não valem muita coisa. Pessoas que falam isso não consideram que pequenos esforços podem se acumular em direção a um propósito eterno.

É verdade, às vezes temos razões válidas para não conseguirmos investir tempo em um estudo mais aprofundado da Palavra de Deus. Mas já paramos para pensar que o motivo mais comum para não fazermos um estudo mais consistente da Bíblia pode não ser o fator tempo, e sim o fator… dificuldade?

Não gostamos de fazer esforços e sacrifícios, por isso desistimos.

Permita-nos encorajá-la, mamãe: os primeiros anos do bebê não precisam ser anos perdidos. As poucas horas (ou minutos) disponíveis acabam se acumulando.

Mães comuns, conhecimento extraordinário e amor por Deus

Tendemos a pensar que teologia, conhecimento bíblico e aplicação do Evangelho são áreas exclusivas a pastores e alunos do seminário, ou, talvez, àquela mulher extremamente espiritual que nos discipula. Mas a verdade é que somos todas teólogas. Todas temos ideias sobre Deus que se manifestam em nossa prática diária.

Deus deseja que pessoas comuns vivam uma vida centrada no Evangelho. Somos cristãs, e por isso todas nós temos acesso ao mesmo livro vivo e efetivo, a Bíblia. Todas nós temos acesso ao mesmo poder transformador do Espírito Santo, tornando-nos, a cada dia que passa, semelhantes a Cristo. Ninguém recebe uma revelação especial a mais da parte de Deus. O Senhor designou que cada crente cresça no conhecimento pessoal do seu ser por meio do conhecimento direto de sua Palavra.

Assim, quais são as expectativas realistas de crescimento na Palavra de Deus? Talvez precisemos deixar de lado nossa versão perfeita do estudo da Bíblia e investir nele com o que Deus nos deu no momento. É maravilhoso desfrutar de um café quentinho, admirando um belo nascer do sol em uma casa silenciosa. Amamos momentos de silêncio com marcadores de texto, cobertores aconchegantes e um tempo de oração livre de interrupções. Mas compreender mais profundamente o Evangelho diz menos respeito a criar perfeitos momentos de silêncio, e mais respeito a buscar por Deus ao longo do dia — mesmo em meio a farelos derrubados no chão, sujeiras na parede, gritaria e todo o mais. Trata-se de buscar a Deus com todo o nosso ser, com firmeza, inflexibilidade e uma determinação obstinada. Devemos nos esforçar para sermos especialistas de 10.000 horas nas coisas de Deus.

Alguns podem sugerir que as horas que separamos para esses estudos só contam se não forem interrompidas, antes de as crianças acordarem. No entanto, mães nem sempre têm esse luxo. Agora, em vez de nos desencorajarmos por esse cenário, precisamos continuar estudando e aprendendo à medida do possível, tecendo o Evangelho em nossa própria vida a ponto de ser difícil dissociá-los. É mais como aprender a viver no oceano do que entrar e sair de uma piscina. Não se trata de ficar molhado, secar-se logo em seguida e assim sucessivamente, mas se trata de adaptar-se a um ambiente completamente novo, com uma vida imersa nas coisas de

Deus. Deixe que a Palavra de Deus permeie toda a sua vida e imerja todo o seu ser.

Por vezes, o progresso parecerá árduo. Mas você cresce *impulsionada por* dificuldades, lembra? Haverá dias em que você se afastará do estudo da Palavra de Deus ou, sem respostas, evitará conversar com um irmão em Cristo. É possível que você passe por dias de perplexidade, tendo sua fé desafiada. Talvez você sinta raiva ou medo, por estar com o coração ferido, com o Espírito Santo revelando pecados em sua vida. Talvez você pense em desistir por achar que há maior felicidade à parte da obediência e fidelidade. A transformação do seu coração não ocorre do dia para a noite, então fique firme e permaneça no caminho enquanto o Espírito Santo aprofunda a sua compreensão do Evangelho e o seu amor por Deus.

Mães, não subestimem o agir de Deus nesta fase da vida. Enquanto ocupada lavando as mãozinhas e os pezinhos do seu filho na banheira, esforce-se para amar a Deus e tornar-se conhecedora dos seus caminhos. Enquanto prepara o lanche e monta um piquenique na sala, comprometa-se a aprofundar sua teologia. Enquanto corre com as crianças ou brinca de ciranda, você pode aprofundar seu amor pela obra de Cristo na cruz. Enquanto estiver indo para o trabalho, você pode aplicar o Evangelho às suas circunstâncias. Você não precisa esperar por uma fase mais fácil, quando seus filhos ficarem mais velhos, ou até mesmo quando saírem de casa. Não é preciso tornar-se uma especialista de 10.000 horas este ano, mas, pela graça de Deus, você pode crescer e ser transformada.

Uma mãe e sua Bíblia

Caso se pareça com a gente, quando se trata de estudar a Bíblia, você fica quente e fica fria. Começamos um novo estudo bíblico com gosto, mas basta não encontrar aqueles marcadores de texto lindos que temos para ficarmos frustradas. Às vezes, nossa Bíblia fica enfiada debaixo do banco do carro por uma semana. Já em épocas de estudo consistente da Palavra de Deus, mais parece que estamos cumprindo um dever, e não nutrindo um verdadeiro zelo pelo Senhor. Ocasionalmente, abrimos a Bíblia em uma página aleatória, desesperadas, esperando que Deus fale alguma coisa sobre nossa situação atual.

O estudo da Bíblia pode ser uma luta, especialmente na cansativa fase de quando o bebê é pequeno. Seja como for, independentemente da fase da vida, você pode começar a ler consistentemente e estudar por si só a Palavra de Deus.

Adquirir conhecimento bíblico não é fácil.14 Temos o costume de nos achegarmos à Palavra de Deus como se ela fosse o *feed* de notícias das nossas redes sociais, repleta de pequenas porções de inspiração que nos sustentarão com ânimo para aguentarmos a jornada de mais um dia difícil, e acabamos frustradas quando não sentimos uma realização imediata ou não entendemos o que estamos lendo. Chegamos animadas para aprender, mas somos atrapalhadas por uma criança que acorda de um cochilo ou por um irmão mais velho que vem até nós depois de uma briga. Nossa Bíblia parece difícil demais, arcaica demais, descontextualizada, fora do alcance e da compreensão de nossas vidas, então desistimos e nos voltamos para outras coisas em busca de esperança.

Sim, o estudo bíblico é difícil, mas não é desesperador estudar a Bíblia. A solução para essas dificuldades, no entanto, pode não ser o que você quer ouvir.

A chave para encontrar uma esperança permanente e respostas para as perguntas de hoje é o estudo metódico e intencional da Palavra de Deus. E são muitas as formas de estudá-la com essa diligência. Livros inteiros foram escritos a esse respeito! Neste livro, não temos espaço para abordar todos os detalhes, mas dispomos nossos recursos favoritos em nosso site: *risenmotherhood.com/biblestudytools*. Além disso, neste capítulo, acrescentamos algumas dicas práticas para você começar a estudar a Bíblia com perseverança. Crescer em conhecimento bíblico não é tão complicado assim, mas é melhor ter um plano, estudar com metas alçadas e ter em mente um propósito concretizável de longo prazo.

Você não será perfeita em seus esforços. Nenhuma de nós é perfeita. Ainda mais nos anos em que o bebê ainda é bem pequeno, a “prática deliberada” nem sempre é realista. De fato, precisamos imergir nas Escrituras mais do que nunca, mas uma mudança de casa, um novo emprego, um bebê recém-nascido, um processo de adoção finalizado, a perda de um ente querido, um pai ou filho doente, ou ainda mais fatores

podem acabar dispersando nosso tempo em torno da Palavra de Deus. E isso é normal! Nós já passamos por isso.

Quando algo assim acontecer, é importante lembrar o verdadeiro significado de permanecer em Cristo. O verdadeiro cristão sempre está em Cristo. Nossa posição diante de Deus jamais mudará, independentemente de termos ou não lido a Bíblia naquele dia. Mas, ao mesmo tempo, se estamos verdadeiramente em Cristo, esta realidade nos levará a perseverar, com um desejo de crescer em nossa compreensão e entendimento da Palavra de Deus (Jo 15).

O verdadeiro cristão não é medido pelo número de horas que passou lendo a Bíblia naquela semana. Nossos "dias fracos de leitura bíblica" não podem nos afundar em culpa, pois Jesus comprou nossa liberdade com seu sangue na cruz. Mas este mesmo sacrifício nos obriga a fazer um plano de estudo e continuar voltando à Palavra de Deus. Seu amor por nós motiva o nosso amor por ele, e, porque o Espírito Santo tem operado em nossa vida, nenhuma fase é desperdiçada.

Deus conhece suas circunstâncias. Seja ouvindo a Bíblia em áudio no carro, seja usando um aplicativo de plano de leitura bíblica durante as mamadas noturnas, seja participando de um estudo bíblico mais aprofundado em sua igreja, cada porção de tempo investida pode transformá-la à semelhança de Cristo. Cada semente pode gerar frutos. Mas seja obstinada. Tenha força emocional.

Não importa como está a sua leitura bíblica hoje, e não importa o tempo, mas nós clamamos: volte a ler a Bíblia.

Dicas práticas

- Ore antes e depois de estudar a Bíblia. Peça a Deus para aumentar seu amor por sua Palavra, revelar o verdadeiro significado do texto e transformar sua vida pela aplicação do Evangelho.
- Estude ao lado dos seus filhos e seja paciente com possíveis interrupções. Faça discípulos enquanto aumenta seu conhecimento da Palavra de Deus.
- Escolha um livro da Bíblia para ler e reler a fim de compreendê-lo de fato, ou leia com calma toda a Bíblia, buscando entender todos os

temas que a circundam.

Daqui a cinco anos

A teoria das 10.000 horas oferece outras chaves para o crescimento que visa atingir o grau de um especialista em qualquer assunto por meio da prática deliberada. O psicólogo por trás da pesquisa original diz que você precisa encontrar um mentor, receber avaliação e críticas, começar com o básico, comprometer-se em longo prazo e testar suas habilidades.15 Toda essa estrutura se parece muito com o plano de Deus para o crescimento e discipulado. Viver como um especialista no Evangelho significa comprometer-se com uma comunidade local de cristãos, envolver-se em discussões em grupo de estudos bíblicos, adquirir um conhecimento fundamental da Palavra de Deus, perseverar nas épocas difíceis e aplicar a verdade nos momentos do dia a dia.

Caso você se esforce no estudo da Palavra de Deus por meio da prática deliberada, consegue imaginar onde estará em cinco anos? Acredite em nossa experiência pessoal: você será uma pessoa diferente, mesmo que passe pelas mesmas circunstâncias.

Com isso em mente, aproveitemos aquele momento de silêncio ideal quando o tivermos, mas também mantenhamos nossas Bíblias abertas na mesa durante o café da manhã, na penteadeira do banheiro, na escrivaninha. Enchamos nossas estantes com uma literatura que transborde do Evangelho, tanto para adultos quanto para crianças. Saiamos com amigas piedosas que também buscam a Deus e conversemos sobre como o Evangelho se aplica à nossa vida pessoal e à nossa cultura. Entoemos canções bobinhas e cantemos composições sérias que nos ajudem a lembrar-nos de verdades profundas acerca da sã doutrina.

Ouça a leitura da Bíblia em áudio no carro enquanto leva seus filhos até a escola ou coloque seu filho no seu colo com algum brinquedo para distraí-lo enquanto você termina sua leitura bíblica. Esteja envolvida com uma igreja local, onde encontre mulheres a quem possa ensinar e mulheres de quem possa aprender. Enquanto dobra roupa ou na volta do trabalho, ouça podcasts, sermões e palestras com boa teologia. E sempre pense crítica e deliberadamente a respeito daquilo que ouve, comparando tudo com a Palavra de Deus.

Quando parar de aprender, volte a estudar; quando cair, levante-se; desfrute da graça de Deus, pedindo-lhe coragem para continuar. Então, persevere por cinco anos, e garantimos que você ficará positivamente surpresa com os frutos: todos semeados durante aqueles anos que muitos consideram perdidos.

Molde seu coração e sua mente diante de Deus

Aprofundar-se no conhecimento bíblico durante os primeiros anos do bebê se parece muito com a criação de filhos. Dia após dia, você investe esforço, contudo parece que os seus filhos não mudam. Com o tempo, no entanto, você vê a mudança. E, pela graça de Deus, eles então *são capacitados* a expressar sua gratidão dizendo “por favor” e “obrigado”, pela graça eles *sentem* a convicção do erro quando batem na irmãzinha e pedem desculpas, e pela graça eles *conseguem* se compadecer daqueles que foram ignorados e os convidam para brincar.

E o mesmo acontece com sua vida. A princípio, você pode sentir que um novo esforço não está produzindo mudanças, mas, com o tempo, verá que já consegue lembrar-se de passagens bíblicas aplicáveis às situações do dia a dia. Essa familiaridade permite que você repasse mentalmente a história do Evangelho. Assim, um dia, quando estiver se sentindo ansiosa, você conseguirá reunir vida e verdade em seu coração.

Além disso, você começará a enxergar a Bíblia como uma grande história explicada de muitas maneiras, ao longo de muito tempo. Tendo esse entendimento, você conseguirá perceber se, por exemplo, algo não está de acordo com a Palavra de Deus ao conversar com uma amiga. Você conseguirá identificar meias verdades em lindas postagens do Instagram ou nos mais recentes *best-sellers* cristãos. Tendo essa familiaridade com a Bíblia, você conseguirá até mesmo entender as partes difíceis do Antigo Testamento!

Com o tempo, pela graça de Deus, todo esse aprendizado, comunhão e meditação farão a diferença. Não se trata de adquirir conhecimento, mas de reter a Palavra de Deus no coração para moldá-la à semelhança do Senhor. Assim, haveremos de amar o que Deus ama, zelar por aquilo que Deus zela e viver os seus planos e propósitos.

Não importa o que aconteça, lembre-se de que se aprofundar em instrução bíblica e no conhecimento do Evangelho não é uma prática limitada aos sábios e inteligentes. O Evangelho é para todos, e para todas as mães. O Evangelho é para as mães que cuidam da casa, para as mães que trabalham de casa ou que trabalham fora (e todos os meios-termos possíveis). O Evangelho é para mães pobres, mães ricas e mães de classe média. O Evangelho é para mães de todas as cores e origens étnicas. O Evangelho é para a mãe cansada, para a mãe perfeccionista e para a mãe hesitante. O Evangelho é para a mãe que se sente bem com suas realizações e para a mãe que se sente a pior do mundo.

A mudança pode ser lenta, a transformação pode ser vagarosa, mas não estamos em um concurso. Permita-nos reforçar: o Evangelho é para *você*, e o poder de Deus pode operar em qualquer um, em qualquer fase da vida. Os anos iniciais, os primeiros anos do bebê não são tempo perdido.

Então, agora que você tem as ferramentas para crescer no conhecimento de Deus e no amor pelo Senhor, vejamos como você pode aplicar essa verdade à vida do dia a dia. Vejamos como você pode e deve lembrar-se do Evangelho tanto em seus melhores dias quanto nos dias em que você estragou tudo. Isso é possível por meio daquilo que normalmente chamamos de *pregar o Evangelho para si mesma*.

Ou você pode simplesmente considerar que lembrar-se do Evangelho diariamente consiste em viver a Maternidade Ressurreta.

Questões para revisão

1. Que desculpas ou justificativas você dá quando precisa lidar com a fidelidade no estudo da Palavra durante os primeiros anos do seu bebê? Como suas expectativas de crescimento na Palavra de Deus precisam mudar nesta fase da vida?

2. Como o Evangelho oferece liberdade da culpa, mas a motiva a ser perseverante e obstinada, uma mulher que continuamente volta à Palavra de Deus?

3. Existem áreas do conhecimento bíblico e do crescimento no Evangelho que você tenta evitar por parecerem difíceis demais? Que

medidas você pode tomar para que consiga investir tempo no estudo da Bíblia durante o tempo que tem disponível?

CAPÍTULO 19

Vivendo a Maternidade Ressurreta

Emily e Laura

Nós duas já passamos por momentos horríveis na maternidade. Já lutamos contra o orgulho e o constrangimento, na hora do lanche, quando o filho de uma comia cenouras enquanto o filho da outra torcia o nariz. Já nos pegamos criticando a criança no cômodo ao lado, em vez de nos levantarmos com gentileza para falar com o pai dela. Já testemunhamos nossos filhos fazendo birra por motivos discutíveis e indiscutíveis, tanto por causa de nossa incapacidade em ensiná-los quanto, às vezes, a despeito de nossos esforços. Já comparamos nossas rotinas de sono em reuniões de família, pois algumas crianças dormiam sem problema, enquanto outras testavam os limites da paciência.

Também passamos momentos de muita dor na maternidade. Tempos em que corremos atrás da papelada e dos processos de adoção, e épocas de encerrar o processo sem trazer novos filhos para a família. Já conversamos sobre medos durante internações na UTI Neonatal, receios sobre avaliações de desenvolvimento, testes de alergia e exames de vista. Quando os medos se concretizaram, oramos uma pela outra. Quando cirurgias vieram, a cadeira de rodas chegou e complexos tratamentos médicos se arrastaram, chegamos mesmo a rir juntas, porque qualquer outra coisa doía demais.

Pela graça de Deus, experimentamos vitórias de esperança na maternidade. Crianças que antes reagiam com explosões de raiva agora cuidam das necessidades dos menores e indefesos. Já louvamos por nossos pequeninos que, em fé, professaram o Evangelho. Já vimos o Senhor responder a orações após anos de súplica, produzindo transformação e avanço contra pecados e batalhas frequentes.

Passando por pecados, tempos de luta e períodos de alegria, pregamos o Evangelho uma para a outra e aprendemos a pregá-lo para nós mesmas.[16]

Não, nunca fomos até uma igreja para revezar o púlpito. Pregamos para nós mesmas enquanto conversamos e tomamos um chá quentinho, por videochamada depois que as crianças foram dormir e com mensagens de texto à tarde. Na sala, num restaurante, nas férias, em feriados com a família, fazendo caminhada no parque — nós nos lembramos da verdade do Evangelho.

Nós também declaramos uma para a outra o bom propósito de Deus na criação: “Verdade, Deus é gracioso em nos dar um corpo saudável”, “Sim, tenho visto o Espírito Santo trabalhando no coração do seu filho”, “Deus é bondoso e amável em suprir nossas necessidades”.

Juntas, concordamos que esta vida debaixo do sol apresenta muitas dificuldades: “Não era para doer tanto assim”, “Você não tinha o direito de tratar o meu filho assim”, “Eu sei, sua situação não é nada fácil”.

Nós nos recordamos da plena liberdade conquistada pelo sacrifício de Cristo em nosso lugar, o que nos impele a obedecer a Deus mesmo diante das dificuldades: “Eu sei que você descontou sua raiva em seus filhos, mas há arrependimento. As misericórdias de Deus se renovam. Creia que o Senhor está operando em sua vida e a tornando mais semelhante a Cristo”.

Juntas, confiamos na ressurreição de Cristo e no que ela significa para o nosso futuro: “Vai ficar tudo bem”, “Um dia isso terá fim, e Deus enxugará as nossas lágrimas”.

Pregar o Evangelho para uma amiga e para si mesma consiste em um contínuo exercício de conversação redentiva; consiste em unir e declarar sentenças guiadas pelo Espírito, imprimindo a beleza do Evangelho no tecido de nossos relacionamentos.

Agora, talvez você esteja pensando: “Não sei ter relacionamentos assim”, ou “Não sei falar desse jeito”. Talvez você não consiga pensar em uma amiga que falaria com você sobre essas coisas, ou talvez se lembre de uma vez em que tentou pregar o Evangelho, mas alguém revirou os olhos.

Não desanime! Sabemos que não é fácil e, às vezes, parece até mesmo forçado. Mas queremos encorajá-la a tentar e dar algumas dicas práticas e exemplos de como pregar o Evangelho para si mesma e para o próximo. E já saiba que não somos perfeitas. Às vezes, uma de nós duas enxerga o próprio pecado e, em vez de arrepender-se imediatamente, deixa passar

dias, mesmo semanas. Por vezes, queremos tanto ajudar uma amiga que acabamos dando conselhos de autocomiseração, em vez de direcioná-la a Cristo. Mas, apesar de tudo isso, ainda vamos tentar dividir o que tem nos ajudado. O intuito de toda cristã é ser praticante da Palavra, e não apenas ouvinte, portanto pratique o que você tem aprendido, não importa em que fase esteja da sua vida.

Pregar o Evangelho para si também consiste em ajudar sua cabeça a ensinar seu coração, reorientando-o em torno das coisas de Cristo. Pregar o Evangelho para si é viver a Maternidade Ressurreta.

Lembre-se do Evangelho

Todos os anos, nossos filhos participam do Acampamento dos Primos na casa da Vovó e do Vovô Jensen. É um espetáculo de várias noites (embora, misteriosamente, fique mais curto a cada ano que passa). Este evento anual inclui sacos de dormir, saídas noturnas para tomar sorvete, excursões, brincadeiras com água, decorações, jogos, estudos bíblicos e camisetas personalizadas. Nossos filhos amam principalmente as camisetas, pois são uma medalha de honra perpétua — prova de que foram ao Acampamento dos Primos e fazem parte da família. Basta que algum dos nossos filhos veja um de seus primos com a camiseta do acampamento para começar a falar das melhores lembranças e a perguntar sobre o acampamento do próximo ano.

“Cadê minha camiseta, mamãe? Quero usar a minha também!”

“Lembra do dia quando entramos na piscina? Queria de novo!”

“A tia Barb também foi. Ela vai de novo esse ano?”

De vez em quando, embora a empolgação não seja novidade, as perguntas são tantas e a animação é tão forte que eles ficam praticamente fora de controle. O Acampamento dos Primos é um momento inesquecível em família. Eles ficam felizes com o que já passou e ansiosos por aquilo que está por vir. Afinal, por que não falar disso sempre que possível?

Agora, embora nenhuma de nós duas comece a andar por aí com uma camiseta de “Acampamento Cristão”, gostaríamos que, caso usássemos uma, elas surtissem o mesmo efeito.

“Ah, você também conhece a Cristo! Qual é o seu testemunho? Como você passou a confiar nele? Como foi sua experiência de arrependimento e fé?”

“Posso orar por você? Em que área você precisa de encorajamento?”

“Você não anseia por ver Jesus face a face um dia? Como você acha que será vê-lo?”

Certo, um tanto brega, mas deu para entender. Experimentar o relacionamento mais maravilhoso, com o melhor pai, na melhor família possível não deveria nos fazer desejar relembrar disso?

Pensar no Evangelho, falar do Evangelho, pregar o Evangelho: tudo começa com lembranças. Lembrar como Deus é perfeito; lembrar-se do próprio pecado e do que realmente merecemos; lembrar-se como Deus nos resgatou e nos salvou enquanto éramos ainda pecadoras; lembrar-se de como o Senhor nos deu olhos para ver e um novo coração, que agora ama servi-lo; lembrar-se do exemplo que Jesus deu de amar a Deus e o próximo; lembrar-se de que Cristo voltará para buscar sua igreja.

Tais memórias transbordam em palavras e ações. Uma vez que você medita na maravilhosa natureza do Evangelho e é cativada pela graça de Deus, não deve haver escolha a não ser compartilhá-lo. Assim, você pode repassar essas verdades e aplicá-las à sua vida.

Dicas práticas

- No começo do dia, enquanto vai para o trabalho ou limpa a casa, ouça a Bíblia em áudio. Faça uma pausa e pense no ser de Deus, quem ele é, o que ele fez e o que tem feito.
- Pergunte a uma amiga: “Você pode me contar como foi quando confiou e creu em Cristo? Acho que você nunca me disse”. (Às vezes, basta puxar assunto!)

Recapitule o Evangelho

Antes de sair com a família, é comum uma de nós recapitular alguns combinados com os filhos pelo jogo do polegar para cima/polegar para baixo.

“Beleza, crianças. Estamos quase chegando ao parque. Vocês vão permanecer na trilha?” (Polegares para cima.)

“Vocês podem correr no estacionamento?” (Polegares para baixo.)

“E se divertir? Vocês vão se divertir?” (Polegares para cima... e muitos gritos.)

O objetivo do jogo do polegar para cima/polegar para baixo não é treinar as crianças para algo que nunca fizeram. Elas já foram ao parque com frequência suficiente para conhecer as regras. O intuito é representar cenários reais e ensaiar com as crianças como elas devem se comportar, para que se lembrem de tudo. A esperança é que, quando o carro parar e todos saírem, eles estejam preparados e se lembrem de como obedecer em situações específicas.

Já nós, adultas, não fazemos o jogo do polegar para cima/baixo, questionando: “Você deveria gritar com seus filhos quando fica frustrada? Você deveria incomodar seu marido quando ele não fez alguma tarefa de casa? E quanto a abraçar seus filhos, você consegue abraçá-los hoje?”. (De coração, torcemos para que você saiba as respostas para essas coisas). Mas, ainda assim, é útil recapitular as verdades que conhecemos, a fim de que estejamos prontas à obediência nas necessidades do dia a dia.

A recapitulação do Evangelho é mais bem expressa por meio de relacionamentos, mas também é possível rememorá-lo e sintetizá-lo sozinha. Recapitular o Evangelho com outras pessoas diz respeito a conversar sobre as verdades da Palavra de Deus e nos forjarmos mutuamente com discussões e cenários específicos. Isso também inclui falar do próprio Evangelho, afirmando as maneiras pelas quais vemos a imagem de Deus uns nos outros, confessando nossos pecados e reconhecendo a necessidade de quebrantamento. Além disso, trata-se de citar motivos de gratidão e ter esperança, mesmo diante de lutas e aflições; de falar abertamente sobre as promessas futuras de Deus e como elas se aplicam à nossa realidade.

Dicas práticas

- Envolva-se em sua igreja local participando de um estudo bíblico, de um pequeno grupo, de um encontro de mulheres, de mães ou algo do

tipo. Não apareça somente no culto de domingo, mas converse com os irmãos e insista em formar relacionamentos com outros que também desejam amar a Jesus e crescer no conhecimento do Evangelho.

- Chame uma ou duas amigas e, com o intuito de iniciar conversas profundas e que toquem o coração, leiam ou ouçam juntas alguns conteúdos tratando do Evangelho. Seja ousada: não tem problema se você for a primeira a sugerir algo assim.

Aplique o Evangelho

Todas nós compartilhamos muitas das mesmas expectativas para nossos filhos, mas o jeito de lidar e tratar muda, a depender da criança e da situação. As crianças têm que se acostumar com as áreas cinzentas da vida.

“Você deveria correr? Em algumas situações, não. Se você estiver no meio de um monte de gente em um festival, não corra. Mas se você estiver brincando de pega-pega, então corra. Se você estiver em um estacionamento, não corra. Mas se você estiver no parquinho, pode correr”. Assim, se uma criança pergunta: “Posso correr?”, a resposta é... depende. E cada criança pode receber uma resposta diferente, ainda que na mesma situação: “Seu primo pode correr, mas você precisa ficar aqui com a mamãe, porque já pedi que você me ajudasse a tirar algumas sacolas do carro”. Correr é ótimo, mas também pode ser perigoso. Depende da situação.

É normal que uma mãe peça que cada filho faça uma coisa ou fique de um jeito. O menor precisa segurar nossa mão ou ficar no colo, enquanto os mais velhos podem ir andando. Dependendo da idade, da consciência de perigo, da facilidade de ficar perto da mamãe e do papai, e assim em diante, a criança pode ou não fazer certas coisas, tem ou não de seguir certas regras, desde andar no carrinho de bebê com o cinto de segurança afivelado até poder pular e correr com os primos. É difícil explicar para uma criança por que às vezes ela precisa estar no carrinho e outras vezes não precisa. Seja como for, é natural que pais se preocupem com a segurança de seus filhos; é natural que tentem ajudá-los a entender o que é pedido e a discernir o motivo de alguma regra.

Mas, quando se trata da aplicação do Evangelho, daí já parece complicado demais: “Certo, eu preguei o Evangelho para mim mesma, e meditei no que Deus fez por mim em Cristo. Já recapitulei o Evangelho e conversei sobre suas verdades com outras pessoas, abordando diferentes situações. Mas e quanto à aplicação de tudo isso? Como sei que essas coisas vão me transformar hoje?”.

Semelhantemente ao cuidado dos filhos, tudo se resume basicamente à obediência, a princípios e atitudes do coração. Entender o próprio coração e as intenções abrangentes de Deus induz à obediência aos mandamentos e princípios bíblicos. Muitas coisas se resumem aos maiores mandamentos: amar a Deus de todo coração, de toda alma, mente e força, e amar o próximo como a si mesmo. Deus deseja aquilo que o representa da forma mais clara, lhe rende maior glória e faz com que o cristão ame mais sacrificialmente os demais portadores da imagem do Criador. O Senhor também requer um coração que, desejando obedecer aos seus mandamentos, busca compreender a verdade e prioriza as coisas de Deus, não pensando primeiro em si.

De vez em quando, parece que o que mais queremos é descobrir um tesouro raro ou sair em uma escavação da Bíblia até descobrir uma mensagem oculta sobre se devemos ou não tentar ter outro filho, mudar de emprego ou de cidade. Mas, na verdade, não é tão complicado assim.

> Em tudo, dai graças, porque esta é a vontade de Deus em Cristo Jesus para convosco. (1Ts 5.18)
>
> Portanto, vede prudentemente como andais, não como néscios, e sim como sábios, remindo o tempo, porque os dias são maus. Por esta razão, não vos torneis insensatos, mas procurai compreender qual a vontade do Senhor. E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo. (Ef 5.15–20)

Dê graças. Em espírito de oração, entenda o que significa fazer o melhor uso do tempo que o Senhor lhe deu neste mundo. Não anestesie a dor da queda com o uso indevido dos dons de Deus, mas participe da comunhão da igreja, ajudando seus irmãos e irmãs a recapitular o Evangelho e dar ação de graças por ele, visto que agora estamos em Cristo. Ore e peça a Deus para ajudá-la a aplicar o Evangelho e persevere com o que você já sabe e já consegue. Confie em Deus para dele aprender e por ele ser corrigida por meio de sua Palavra, sua igreja e seu Espírito.

Dicas práticas

- Registre o que Deus tem lhe ensinado por meio de sua Palavra e, em espírito de oração, relate extensamente como essas verdades podem impactar sua vida a cada dia.
- Tenha uma mentora e faça perguntas sobre a aplicação do Evangelho.

A vida no Evangelho é uma vida em comunidade

Eis uma verdade sobre livros, podcasts, professores de Bíblia e grupos virtuais de estudo bíblico: são recursos excelentes no quesito aprendizado, mas incapazes de acompanhar sua caminhada particular e partilhar do Evangelho com suas situações diárias.

Neste livro, nosso maior esforço foi imaginar o que você pode estar enfrentando. Tentamos tratar de princípios com uma aplicação mais abrangente para o maior número de pessoas. Apesar disso tudo, na maioria das vezes, você, leitora, precisará de uma ajuda mais específica. Quando o mesmo conflito com o seu marido ressurge, quando se esgotaram todas as estratégias de disciplina e nada funcionou com os seus filhos, ou mesmo quando você ainda não sabe o que estudar no próximo semestre, saiba que é preciso buscar ajuda pessoal de um irmão em Cristo, alguém que conhece sua vida, seu testemunho, seus relacionamentos e suas lutas; alguém que consiga ajudá-la a resolver seus conflitos com oração e sabedoria.

E, quando tratar da aplicação do Evangelho com outras pessoas, lembre-se de que elas são falhas. A comunhão em torno do Evangelho não está isenta de dor e pecado. O conselho de ninguém deve contradizer a Bíblia. Assim, ter um bom grupo de cristãos que zelam pelo Evangelho — que se esforçam para glorificar a Deus em tudo — é essencial à aplicação do Evangelho ao dia a dia.

Esperança final

Seu dia, sua semana, o mês, o ano, nada disso determina o seu futuro. Se você já conheceu sua incapacidade de se salvar, confessou seus pecados a Deus e depositou sua esperança em Jesus, você tem uma nova identidade, é uma nova pessoa. Você foi adotada (Rm 8.15). E não por suas próprias obras, mas pela graça mediante a fé (Ef 2.8). Você recebeu um novo nome e

uma herança imperecível que lhe está reservada no céu (1Pe 1.4). Algum dia, Jesus voltará, e você será física e espiritualmente restaurada para uma nova vida, a vida eterna. Naquele dia, enxergaremos as dores de hoje — as difíceis consultas médicas, o estresse com alergias alimentares, as enormes birras antes da soneca, as discussões sobre comida, o diagnóstico indesejado — pela perspectiva de nosso Pai eternamente bondoso, cujo plano para o seu povo é eternamente bom.

Se você aprendeu alguma coisa com este livro, esperamos que tenha sido uma apresentação clara das Boas-Novas de Jesus Cristo, que é o poder da salvação para aqueles que ouvem e respondem. Oramos pedindo que, se você ainda não respondeu com fé ao Evangelho, responda agora. Não espere até que você tenha se consertado, lido mais a Bíblia, orado mais ou se tornado uma mãe "melhor". Venha como você está, em humildade, mansidão e necessitada de um Salvador que não precisa de nada de você. Ele a amou antes que você pudesse amá-lo.

Não importa como esteja hoje o seu relacionamento com Deus, lembre-se de que, quando você se arrepende e crê em Jesus, o Espírito Santo a enxerta na videira viva, o próprio Cristo. Ao permanecer nele, você começará a mudar e a produzir frutos que surgem de uma participação genuína na videira que dá vida. À medida que o fruto do Espírito começa a crescer e se desenvolver em sua vida, você começará a amar o próximo como Cristo a amou. Você terá a alegria do Senhor em circunstâncias difíceis. Sua alma conhecerá a verdadeira paz quando tudo parecer um caos. Você terá paciência com crianças que não param e reagirá ao tratamento injusto e às chateações com gentileza. Você fará o bem ao próximo, mesmo quando não for recíproco. Você será fiel nas coisas invisíveis, tratará o coração dos pequenos com gentileza e terá autocontrole.

É possível viver uma maternidade assim? Não com perfeição, é óbvio, mas, progressivamente, é, sim, possível. Permanecer em Cristo gera transformação. E saiba que não é tarde demais para começar ou recomeçar — mesmo agora, nesse instante.

Nós duas, Emily e Laura, oramos para que sua esperança em Cristo seja implacável e incessante, confiando nele: no dia a dia, para sempre.

Questões para revisão

1. O que você costuma pregar para si nos momentos difíceis da maternidade? Qual a fonte daquilo que você proclama ao seu coração, e está de acordo com o Evangelho?
2. Mamães, que ferramentas e estratégias vocês pretendem usar para recapitular o Evangelho quando enfrentarem tensões, medos ou culpa?
3. Explique como meditar na aplicação do Evangelho aos eventos do cotidiano mudou sua forma de enxergar a Deus, a si mesma, sua família e sua igreja. Em quais outras áreas você pretende aplicar esta esperança?

Notas

1 The Barna Group. *Tired & Stressed, but Satisfied: Moms Juggle Kids, Career & Identity*. Barna, 1 set. 2018. Disponível em: https://www.barna.com/research/tired-stressed-but-satisfied-moms-juggle-kids-career-identity/. Acesso em: 14 fev. 2021.

2 Adaptei da famosa citação de Santo Agostinho: “A Bíblia é rasa o suficiente para uma criança não se afogar, mas profunda o bastante para um elefante nadar”.

3 C. S. Lewis. *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Em: *Crônicas de Nárnia. Volume único* (São Paulo: Martins Fontes, 2015).

4 Para uma leitura adicional, veja Susan Hunt, *Spiritual Mothering* (Wheaton, IL: Crossway, 1993); Gloria Furman, *Missional Motherhood* (Wheaton, IL: Crossway, 2016).

5 Para mais instruções de como pregar o Evangelho para si mesma, veja o Capítulo 19.

6 Devo muito da minha compreensão de como o parto reflete o Evangelho aos escritos de Gloria Furman. Seus livros *Sem Tempo para Deus* e *Missional Motherhood* são duas ótimas leituras sobre o tema da maternidade.

7 O livro de Hannah Anderson, *Humble Roots* (Chicago, IL: Moody, 2016), explora extensamente a humildade em nossas limitações e influenciou muito meu pensamento.

8 Mateus 18.21–22: “setenta vezes sete” é a forma de Jesus dizer a Pedro que ele deveria perdoar incansavelmente, sem cessar.

9 Este exemplo *não* se refere a alguém com uma alergia alimentar grave ou que apresenta risco de vida ao ingerir algum tipo de alimento. Casos assim devem ser tratados com cuidado e seriedade.

10 Merriam-Webster. *Tradition*. Disponível em: www.merriam-webster.com/dictionary/tradition. Acesso em: 14 fev. 2022.

11 Dietrich Bonhoeffer. *Life Together* (New York, NY: Harper One, 2009), p. 39.

12 Merriam-Webster. *Culture*. Disponível em: www.merriam-webster.com/dictionary/culture. Acesso em: 14 fev. 2022.

13 Janie Kliever. *Deliberate Practice: Learn like an Expert*. Disponível em: https://medium.com/the-crossover-cast/deliberate-practice-learn-like-an-expert-cc3114b8a10e. Acesso em: 14 fev. 2022.

14 Nosso entendimento acerca da instrução bíblica foi influenciado por muitos ao longo dos anos, incluindo Jen Wilkin. Busque ler seu livro *Mulheres da Palavra* (São José dos Campos: Fiel, 2021).

15 K. Anders Ericsson, Michael J. Prietula, Edward T. Cokely. *The Making of an Expert*. Harvard Business Review, 2018. Disponível em: https://hbr.org/2007/07/the-making-of-an-expert. Acesso em: 14 fev. 2022.

16 O termo “pregar” apresenta muitos sentidos. Quando se pensa em pregação, a maioria tem em mente pregadores por trás de um púlpito. No Novo Testamento, porém, esta palavra é frequentemente usada de forma mais ampla, referindo-se a alguém que proclama o Evangelho de forma pública. Naquele tempo, o termo podia referir-se à autoridade apostólica; atualmente, pode referir-se ao contexto de um presbítero ou pastor, ou mesmo de um ministro geral do Evangelho (homens e mulheres comuns que pregam o nome de Jesus). Neste livro, nosso uso do termo “pregar” significa simplesmente proclamar o Evangelho para nós mesmas e para o próximo, conduzindo a nós mesmas e outras pessoas ao caminho do Evangelho.

Sobre as autoras

Emily Jensen e Laura Wifler são cofundadoras do ministério *Risen Motherhood* [Maternidade Ressurreta] e coapresentadoras de seu famoso podcast. Ambas, ao lado de suas leitoras, também enfrentam as trincheiras da maternidade.

Em uma mistura de acessibilidade, cooperação e conhecimento solidamente bíblico, Emily e Laura conseguem com facilidade simplificar verdades bíblicas complexas e aplicá-las à realidade da vida diária. Deus tem usado poderosamente a voz dessas duas mães para levar mulheres do mundo todo ao Evangelho. Sendo cunhadas, Emily e Laura e suas famílias vivem em Iowa.

A comunidade do Ministério Maternidade Ressurreta

Em um mundo cheio de opiniões, julgamentos, métodos inovadores, tutoriais pragmáticas e panaceias modernas, a *Maternidade Ressurreta*, a fim de derrubar os fardos que o mundo coloca sobre os ombros das mães, oferece uma mensagem contracultural mediante as Boas-Novas do Evangelho. A *Maternidade Ressurreta* crê que as mães podem e devem viver a fiel liberdade à qual Deus as chamou por meio de sua Palavra. Com esse intuito, o ministério *Maternidade Ressurreta* oferece gratuitamente podcasts, artigos e recursos para estudo bíblico a fim de capacitar, encorajar e desafiar as mães a viverem à luz do Evangelho de Jesus Cristo.